

Memória Literária  
do Vale do Itajaí

# Marie Luise

Therese Stutzer



**Valburga Huber**  
(ORGANIZADORA)

De autoria de uma alemã nata, com domínio do idioma, "Marie Luise" é dos contos de maior riqueza estilística. A descrição da natureza e dos personagens constitui seu ponto culminante. A autora retrata a sutileza das mudanças quase imperceptíveis da paisagem tropical, na qual é difícil perceber a passagem do tempo. Neste conto, a autora expressa a autenticidade de uma alemã sensível aos problemas das colônias alemãs, a vida nos trópicos, a necessidade de se usar termos portugueses para a nossa fauna e flora, por não haver palavras alemãs para elas. Mostra também, com muita sensibilidade, o afeto pela nova terra, sua exuberância e beleza e a realização do imigrante que consegue aqui ter a sua própria terra e prosperar. Tendo como pano de fundo a beleza natural do Vale do Itajaí, com suas florestas ainda virgens, a estória de amor de "Marie Luise" retrata a vida que pulsa na colônia alemã de Blumenau e cercanias.

O estilo em "Marie Luise" é fluente, com uso freqüente de símbolos e metáforas, com belíssimas descrições da natureza exuberante e das pessoas, o que lhe confere valor literário. Nele há também arguta observação e narração de fatos da imigração e colonização, e de acontecimentos e disputas políticas em Blumenau.

A escritora Therese Stutzer publicou uma série de contos em estilo artístico e de grande valor quanto ao texto, os quais tiveram ampla divulgação em sua época, tanto aqui como na Alemanha. Sua obra, como a de outros autores que para cá vieram ou aqui viveram, deve ser lida, entendida e julgada como expressão cultural, por quase um século, de um grupo étnico importante na nacionalidade brasileira.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

**João Paulo Kleinübing**  
Prefeito Municipal

**Rufinus Seibt**  
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

**Marlene Schlindwein**  
Presidente

**Neusa Maria Soares**  
Diretora Administrativo-Financeira

**Sueli M. V. Petry**  
Diretora Histórico-Museológica

**Vinícius da Cunha Wolff**  
Diretor de Cultura

EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Conselho Editorial

**Gervasio Tessaleno Luz**(Presidente)

**Alceu Natal Longo**

**Enéias Athanázio**

**Sueli Maria Vanzuita Petry**

**Carlos Alberto Silva da Silva**

**Maria José Ribeiro**

**Ana Maria Kovács**

**Tereza Palmas Ribeiro**

**Angela Maria Leven**

# **Marie Luise**

Therese Stutzer

Tradução, organização e introdução:  
Valburga Huber

Edição bilingue

Editora Cultura em Movimento

2010  
Blumenau - SC

## Ficha Catalográfica

*(Elaborada pela Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC)*

B869.09

S937m

Stutzer, Therese (1841 / 1916)

Marie Luise / Therese Stutzer; organização,  
tradução e

introdução: Valburga Huber. - Blumenau : Cultura  
em Movimento, 2010.

104p. II.

ISBN: 85 87100-31-9

Edição bilíngüe

Inclui anexo

1. Literatura brasileira - História 2. Literatura Teuto-  
brasileira - História. 3. Literatura alemã no Brasil -  
História. I. Huber, Valburga. II Título

---

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n° 1825, de 20 de dezembro de 1907

© Reservados todos os direitos de publicação total  
ou parcial pela Editora Cultura em Movimento  
"Impresso no Brasil / Printed in Brazil"

## A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E A LITERATURA TEUTO-BRASILEIRA

Valburga Huber - UFRJ \*

Para melhor se entender a literatura teuto-brasileira, temos que colocá-la no contexto histórico da imigração e colonização alemã no Brasil. Conforme diversos estudos históricos, vemos que os alemães participam do processo de colonização desde a fundação da primeira colônia na Bahia, em 1818, e o fluxo migratório estende-se de 1824 à década de 1930.

Seguindo a trajetória histórica dos alemães que estiveram no Brasil desde os primórdios, vemos que o Brasil é visitado por alemães, a começar pelo famoso Hans Staden. Já em 1557, ele publica em Marburg, um livro conhecido como História Verdica, onde narra suas experiências vividas no Brasil, seu aprisionamento entre os índios Tupinambá e sua posterior fuga para a Alemanha. Mais de 50 edições são feitas desta narrativa, o que prova que ela foi amplamente lida, não só na Alemanha, como também em toda a Europa através de diversas traduções. Um número crescente de alemães passa, então, a visitar o Brasil e a escrever sobre suas experiências.

Carlos Fouquet no seu livro O emigrante alemão, mostra que já na época de Carlos V (1550), há notícias de alemães que conseguem se estabelecer em Pernambuco e, entre 1630 e 1654, alemães participam da ocupação holandesa no Brasil. Georg Markgraf é, por exemplo, um dos muitos pesquisadores que estiveram no Brasil nesta época e escreve a História Naturalis Brasiliae, publicada em 1648.

Há igualmente alemães entre os jesuítas, sobretudo a partir do século XVIII e no final daquele século e início do século XIX, vários alemães vêm ao Brasil nas forças portuguesas que guardam as fronteiras da colônia. Entre os que ficam famosos estão Johann Anton Böhm, Johann Karl August von Oeynhausen-Grevenburg, mais tarde, por ordem de D. Pedro I, Marquês de Aracati, e Wilhelm Ludwig Freiherr von Eschwege.

A vinda da corte portuguesa para o Brasil em 1808, abre espaço para a atuação de estrangeiros no mercado brasileiro e, assim,

os primeiros alemães que podem ser classificados como imigrantes, se estabelecem no Rio de Janeiro já a partir desta época, fundando, em 1821, a "Gesellschaft Germania" - a mais antiga associação cultural e recreativa de caráter étnico surgida no país. Apesar de sua presença significativa em cidades como São Paulo, Porto Alegre e Curitiba, a maioria encontra-se engajada em projetos baseados na pequena propriedade familiar, nas zonas rurais.

No século XIX o número de alemães que vêm ao Brasil aumenta, sobretudo a partir de 1817, com a chegada de Dona Leopoldina, filha do imperador da Áustria, à corte de D. João VI no Rio de Janeiro, para se casar com D. Pedro I. Sua presença atrai ao Brasil, artistas e cientistas de origem alemã e inicia-se a imigração alemã oficial (1824).

Entre os pesquisadores alemães destacam-se Johan Baptist Spix, zoólogo e Karl Friedrich P. von Martius, botânico, que vêm ao Brasil em 1817, aqui permanecendo até 1820, fazendo pesquisas e levantamentos da flora e fauna brasileiras que mais tarde são publicados em livros, hoje famosos. Também Adalbert von Chamisso participa de uma viagem exploratória ao Brasil e em 1836 são publicadas as suas observações sobre o nosso país no livro Viagem à volta do mundo (Reise um die Welt). Antes disso, em 1817, é publicado Viagens no Brasil (Reisen in Brasilien) de Heinrich Koste e, em 1819, Novíssimo retrato do Brasil (Neustes Gemälde von Brasilien) de C. A. Fischer.

Entre os numerosos viajantes alemães do século XIX há pessoas de profissões e objetivos diversos: artistas como Moritz Rugendas ( Viagem pitoresca através do Brasil (Malerische Reise in Brasilien) (1835); aventureiros como Carl Seidler ( Dez anos no Brasil (Zehn Jahre in Brasilien) (1835); cientistas como Hermann Burmeister ( Viagem ao Brasil (Reise nach Brasilien) (1853) ; colonos que relatam sua experiência como Thomas Davatz ( Memórias de um colono no Brasil (Die Behandlung der Kolonisten in der Provinz São Paulo in Brasilien) (1858)- e propagandistas como Joseph Hoermeyer ( O que Jorge conta sobre o Brasil (Was Georg seinen deutschen Landsleute über Brasilien zu erzählen Weiss ( 1863), . Destacam-se ainda os seguintes viajantes: R.C.Avé-Lallement, M.Lamberg, J.J.von Tschudi que passaram

pelo sul do Brasil e deixaram também importantes documentos descritivos de Blumanau nos seus livros de viagem.

Basta ler um trecho apenas de um desses viajantes para sentir sua visão paradisíaca do Brasil. Por exemplo, no texto de Carl Seidler (o aventureiro) vemos como os passageiros do navio que avistam a paisagem do Rio de Janeiro, sentem-se "magnetizados", paralizados ante a "festa divina da natureza" (tradução de Bertholdo Klinger):

*Silenciosos estávamos no convés, em bem-aventurado encantamento, como se um relâmpago nos houvesse carregado de leve magnetismo; a boca não tinha palavras; só asmãos, que mutuamente apertávamos em adoração sem palavras, vibravam convulsas sob a pressão amistosa do entusiasmo e da despedida. É a festa divina da natureza. Aqui os que avistam a paisagem do Rio de Janeiro, sentem-se "magnetizados", paralisados ante a "festa divina da natureza."*

*"Schweigend standen wir in seligem Entzücken auf dem Verdecke, als hätte uns ein Blitzstrahl mit leisem Magnetismus berührt; die Zunge fand kein Wort; nur die Hände, die wir uns in stiller Andacht reichten, zuckten krampfhaft unter dem Freundschaftsdruck der Begeisterung und des Abschiedes. Das ist die Gottesfeier der Natur". In: Zehn Jahre in Brasilien. Quedlinburg, 1835, p. 23*

O Brasil também está na alta literatura alemã, nas obra de autores que vão de Grimmelshausen, G. Keller e Goethe, passando por Brecht, Döblin, Kaschnitz a Hugo Loetscher e Hohler, pra cvitar só parte deles.

Muitos dos imigrantes alemães (entre eles artistas e professores) que chegaram ao Brasil a partir de 1824, em fluxo mais intenso por volta de 1848 e 1870, certamente tinham lido ou recebido informações sobre as obras de escritores como Grimmelshausen, Goethe, G. Keller e sobre as dos viajantes mais conhecidos, e seu imaginário incorporou essa imagem do país para o qual emigravam. Neste imaginário só cabiam mitos, sonhos e utopias, havendo pouco espaço para análises ou ponderações racionais.

Ainda no livro de Carlos Fouquet, O Imigrante Alemão, encontramos significativas informações sobre o imigrante e os motivos que o levaram a emigrar. Foram, sobretudo, necessidades financeiras e condições precárias de sobrevivência na Alemanha, tanto materiais como sociais, que motivaram a emigração. Os alemães, como todos os outros imigrantes, estão à procura de uma vida melhor num mundo novo, o que está sintetizado na expressão "fazer a América". Há grande heterogeneidade de razões menores como a ânsia por maior liberdade religiosa e política, espírito aventureiro e desejo de conhecer outras terras, principalmente tropicais. Também os alemães estão dentro da emigração em massa para o continente americano, sendo que para a América Latina isso deu-se nas últimas décadas do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX.

Além disso, o imaginário europeu é estimulado e alimentado pelas notícias nos jornais e pelas informações fornecidas pelos agentes de imigração que disseminam e alimentam o lado dourado da emigração, principalmente em determinadas regiões onde encontram maior receptividade por serem os problemas sociais mais graves.

Os livros de viagem e as notícias de jornais, bem como as cartas e relatos de emigrantes que já haviam vivido ou viviam no Brasil também assumem papel relevante no processo emigratório por suas recomendações e advertências. Além dos inúmeros viajantes que aqui estiveram e escrevem livros de viagem, também fundadores de colônias como o Dr. Hermann Blumenau e pastores como Gustav Stutzer têm suas obras divulgadas na Alemanha, sendo os de Stutzer No Brasil e na Alemanha ( *In Deutschland und Brasilien*) e Minha Teresa - a vida agitada de uma mulher alemã (*Meine Therese. Aus dem bewegten Leben einer deutschen Frau*) (1917)), livros que alcançam dezenas de edições alemãs.

Há igualmente no sec.XIX, algumas canções que se espalham entre o povo e são cantadas pelos que querem emigrar da Alemanha, que expressam bem a atmosfera que envolve a questão da emigração para o Brasil. Conforme manuscrito de H. Semper O Brasil na canção alemã e também a coletânea de

Feeden e Smolka (citado por C.Fouquet) provêm composições como esta:( tocada no realejo e cantada na região do Hunsrück )

Joca, Joca, vem comigo  
Vamos embora para o Brasil,  
País gigantesco onde as batatas  
São do tamanho de uma cabeça.  
Todos os dias mataremos um leitão  
E o regaremos com o melhor dos  
vinhos.

.....

Portanto, Joca, não perca tempo  
Que o navio na Holanda não espera.

Hannes, Hannes, zieh mit mir,  
Nach Brasilien wandern wir  
In das Land so riesengross  
Die Grumbiern wie ein Kopf so gross  
und jeden Tag schlacht man ein  
Schwein  
Und trink dabei den besten Wein.

.....

Drum Hannes, Hannes, säume nicht,  
Das Schiff in Holland wartet nicht

Igualmente no Volga, os alemães cantam:

O carro já está em frente à porta,  
Partimos com mulher e filharada,  
Emigramos para a terra prometida,  
Ali se encontra ouro como areia.  
Tra lará lá, tra lará lá  
Logo, logo estaremos no Brasil!

Der Wagen steht schon vor der Tür.  
Mit Weib und Kindern ziehen wir,  
Wir ziehen ins Gelobte Land,  
Da findet man das Gold wie Sand.  
Tra lara la Tra lara la,  
Bald sind wir in Brasilia!

Em 1848 os panfletos em Munique, dizem:

Para o Brasil, para o Brasil!  
Meus sentimentos agora me levam,  
Para onde há vagalumes saltitantes,  
E jacarés ameaçadores,  
Onde ousados mandrís  
Pulam em meio a plantas raras  
Para lá, meu velho, deixe me ir!

Nach Brasilien, nach Brasilien!  
Reissben mich jetzt die Gefühlingen,  
Wo der Käfer leuchtend hüpfet,  
Wo sich bäumt der Krokodile,  
Wo verwegen der Mandrile  
Durch die seltnen Pflanzen schlüpft  
Dahin, Alter, lass mich ziehn!

A partir de 1824, grupos de imigrantes de língua alemã chegam ao sul do país, época da fundação da colônia agrícola de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, marco inicial do processo de colonização alemã. Os alemães passam a entrar sistematicamente no Brasil na segunda metade do século XIX. Segundo estudos chega quase a 300 mil imigrantes de língua

alemã durante o período de 1880 a 1940. Esse número inclui também imigrantes da Áustria, Rússia, Polônia, Tcheco-eslováquia e Suíça.

Há diversidade representada pelas identidades regionais e procedências nacionais, em parte mantidas no Brasil, como o caso dos *pomeranos* no Espírito Santo, dos *hunsrückers* no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, dos *badenses* em Santa Catarina, dos *teuto-boêmios* no Rio Grande do Sul, além dos grupos teutos do Leste europeu fixados no Paraná. A diversidade regional reduz-se, porém, através da participação conjunta no processo de colonização e de constituição de uma nova etnicidade no Brasil.

Numa visão panorâmica, observa-se na primeira fase da colonização, os primeiros imigrantes alemães destinados a projetos agrícolas, que chegam em 1818 para fundar a colônia Leopoldina na Bahia, fracassam. Outra tentativa de colonização anterior à Independência, ocorre na região serrana do Rio de Janeiro, com a fundação de Nova Friburgo, em 1819, por imigrantes suíços. E mais tarde recebe também imigrantes alemães. É, contudo, no ano de 1824 que acontece o "fato inaugural" da colonização alemã no Brasil - com a fundação da colônia de São Leopoldo no Rio Grande do Sul, por ser considerada o primeiro empreendimento bem sucedido desta natureza. Mais tarde, em 1829, a fundação das colônias de São Pedro de Alcântara e Mafra (Santa Catarina) e Rio Negro (Paraná) encerra a primeira fase da imigração alemã. A guerra civil no sul - Revolução Farroupilha - interrompe o fluxo imigratório apenas iniciado, que só é retomado na década de 1840.

Em 1845 reiniciam-se os assentamentos com a fundação de Petrópolis, no Rio de Janeiro e, no sul isto ocorre em solo gaúcho na Região de São Leopoldo e também em Santa Catarina, onde se povoam algumas das principais bacias hidrográficas, os conhecidos "vales" de imigrantes alemães, como o Vale do Itajaí, Vale do Cachoeira e outros.

Após 1850, o Governo imperial passa a responsabilidade da colonização às províncias e entram em cena as companhias particulares de colonização. Novos assentamentos surgem no

vale do Rio dos Sinos e são fundadas as colônias de Santa Cruz, Santo Ângelo, Nova Petrópolis e Monte Alverne administradas oficialmente pelo governo provincial e deixadas nas mãos de empresas particulares.

A continuidade da ação dos agenciadores durante o Império e a propaganda oficial das empresas particulares de colonização, atraem principalmente camponeses, mas também trabalhadores urbanos e artífices, em busca de melhores condições de vida, o sonho de ser "proprietário". Vêm também professores, artesãos, operários, refugiados políticos e até indivíduos com recursos financeiros para dedicar-se a atividades comerciais e industriais.

A colonização oficial no planalto gaúcho (Ijuí, 1891), intensifica-se no início da República, seguida pela colonização do alto Uruguai (são fundadas 142 colônias alemãs no Rio Grande do Sul até 1920, com grande mobilidade entre si). Em Santa Catarina as principais colônias surgem da iniciativa particular: Hermann Blumenau funda a colônia Blumenau, em 1850, e a Sociedade Hamburguesa de Colonização, a colônia D. Francisca (Joinville) em 1851. Estabelecem-se também outros núcleos como a colônia Itajaí, Ibirama, Jaraguá do Sul, todas ligadas por ferrovias.

No Paraná, estabelecem-se imigrantes alemães em Curitiba (colônia urbana) e também no interior (Lapa e Ponta Grossa). Após a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, em 1951, suábios do Danúbio - uma minoria germânica expulsa da Iugoslávia - estabelecem núcleos no município de Guarapuava. Vindos de diferentes lugares do sul do Brasil e do Paraguai, os menonitas - grupo de minoria religiosa - juntam-se e formam a colônia de Witmarsum.

Fora da região sul, imigrantes de Pomerânia fundam várias colônias no Espírito Santo e em Minas Gerais, destacam-se as colônias de Teófilo Otoni e de Juiz de Fora.

A concentração em áreas restritas, isoladas da sociedade brasileira, facilita a manutenção dos costumes e o uso cotidiano da língua alemã. A carência de serviços públicos leva à formação de uma organização assistencial comunitária e à criação de uma rede escolar particular a "escola alemã". Criada para atender às necessidades de ensino elementar da população estrangeira, mas aos poucos ela vai tomando feições étnicas, enquanto instrumento da germanidade e da perpetuação da língua e da

cultura alemãs, o que também está na base das associações culturais, recreativas, esportivas e mesmo religiosas, que representam o que se conhece por "Deutschtum". Estas feições contribuem para que, durante as duas guerras mundiais se fale, em relação às colônias, no "perigo alemão".

A imprensa em língua alemã, constituída à época por jornais e por anuários (Kalender), veicula um patrimônio cultural misto chamado "Brasilianisches Deutschtum" ou "Deutschbrasilianertum" (Patrimônio cultural teuto-brasileiro).

De 1861 até 1939, circula o primeiro jornal importante e de grande prestígio, o "Kolonie Zeitung", fundado em Joinville, Santa Catarina, por Ottokar Dörffel, um refugiado político que havia participado, na Alemanha, da Revolução de 1848, que havia desencadeado grandes esperanças no alvorecer de uma era de mais liberdade e justiça, mas a Assembléia Nacional no parlamento de Frankfurt esgota-se em longas discussões teóricas sobre os direitos humanos e acaba sendo dissolvida pelo poder monárquico. Tanto depois desta revolução como na chamada "Bismarkzeit", (a era de Bismark) há fortes fluxos emigratórios, onde os pontos altos foram entre 1866 e 1870 e 1881 e 1890, conforme o artigo de Eleonor Turk, "Os alemães de 1848 no Brasil". Esta autora estudo três nomes de destaque no sul do Brasil: Karl von Koseritz, Dr. Hermann Blumenau e o naturalista Fritz Müller.

Em Porto Alegre, o jornal "Deutsche Zeitung" começa a circular em 1861 e, em 1864, passa a ser dirigido pelo mais influente político teuto-brasileiro do Império, Karl von Koseritz, um "Brummer", (o termo "Brummer", resmungão, identifica os membros da Legião Alemã - cerca de 50 oficiais e 1.800 soldados recrutados na Alemanha em 1852 para lutar na guerra contra Rosas. Após a guerra com a Argentina, alguns "Brummer" ficaram no Rio Grande do Sul, atuando no comércio, ensino e jornalismo, como foi o caso de Koseritz), que, em 1882, cria outro jornal de grande prestígio, o "Koseritz Deutsche Zeitung" que também circula até a época da nacionalização. Muitos outros jornais passam a circular pelo sul do Brasil como, por exemplo, "Deutsches Volksblatt" (Diário popular alemão), Porto Alegre; o "Blumenauer Zeitung e o "Urwaldsbote" (Jornal de Blumenau e

Mensageiro da Selva), Blumenau-SC; o "Serra-Post", Ijuí-RS, para citar apenas alguns. Revistas também vêm a lume e entre elas destacam-se as religiosas como a "SKT Paulusblatt" (Folheto de S. Paulo) e a "Sonntagsblatt für die evangelischen Gemeinden in Brasilien" (Folha dominical para as comunidades evangélicas no Brasil).

Os primeiros almanaques ou anuários datam da década de 1870 e são os veículos de comunicação mais populares e abordam assuntos diversos, inclusive traduções para o alemão de textos de autores brasileiros, principalmente poesias, divulgação de contos e romances de autores alemães e teuto-brasileiros, além de muitas informações práticas destinadas aos colonos.

De fato, estes "Volkskalender" tornam-se muito populares e chegam a atingir quase toda a população teuto-brasileira (com volumes com mais de 200 páginas e tiragens que ultrapassam os doze mil exemplares como em 1931, por exemplo). Destacam-se o "Koseritz Deutscher Volkskalender für Brasilien" (a partir de 1874 em Porto Alegre) fundado por Karl von Koseritz e o "Kalender für die Deutschen in Brasilien" (publicado desde 1881 pela editora Rotermund de São Leopoldo) que é o mais conhecido em todo o sul do Brasil. Estes anuários são seguidos por muitos outros como o "Der Familienfreund" (O amigo da família), o "Serra-Post Kalender", (Anuário do Correio Serrano), Ijuí-RS; o "Kalender für die evangelischen Gemeinden" (Anuário para as comunidades evangélicas), S.Leopoldo e o "Luther-Kalender für Südamerika" (Anuário Luterano para a América do Sul), P. Alegre. Na década de trinta surgem, ainda, em São Paulo, publicações vinculadas ao Partido Nazista, como é o caso do almanaque "Volk und Heimat", editado de 1935 a 1938. A atividade de todos foi encerrada quando a campanha de nacionalização do Estado Novo proíbe o uso do idioma alemão no Brasil.

São os almanaques ou anuários (e menos intensamente, publicações literárias em forma de brochuras e os jornais), os principais divulgadores da literatura teuto-brasileira, sobretudo no sul, cuja temática mais constante é a imigração, a vida cotidiana nas colônias, o dualismo, ou seja, o sentimento de divisão entre duas pátrias mas que, aos poucos, vai acentuando o afeto em

relação ao Brasil. Essa literatura, que expressa principalmente o "Bodenständigkeitsgefühl", ou seja, o sentimento de apego ao solo.

O valor estético da literatura teuto-brasileira está ligado a experiência da imigração, ao "pathos" (sofrimento, dor) da emigração que une escritores e leitores, pois plasmou neles uma sensibilidade especial. Ela é veículo de uma cultura dualista, o "Deutschbrasilianertum" (Patrimônio cultural teuto-brasileiro) que comporta dois significados: o Brasil como nova pátria ("Heimat" ou "Vaterland") pelo *jus solis*, e a Alemanha como pátria ancestral ("Urheimat") pelo *jus sanguinis*.

Na literatura teuto-brasileira, os autores da primeira geração, todos nascidos na Alemanha, compõem um grupo heterogêneo e constituem o auge desta literatura na virada do século XIX para o século XX. Deste grupo fazem parte, entre outros, Wilhelm Ahrons, Theodor Amstad, Rudolf Damm, Franz Donat, Mathias Ganzweidt, Karl Kleine, Georg Knoll e Ida Knoll, Otto Meyer, Karl Friedrich Niederhut, Arno Philipp, Emil Schlabit, Mathias Schmitz, Ambros Schupp, Wilhelm Süffert, Alfred Wiedemann, Wilhelm Wustrow, Viktor Schleiff, Clara Sauer, Helmut Cullmann e Wolfgang Ammon. Como editores e mentores da vida cultural, bem como escritores, destacam-se Karl von Koseritz e Wilhelm Rotermond.

É, portanto, a geração que expressa o encantamento do imigrante alemão ante a natureza brasileira - paraíso natural - e o paraíso construído, a colônia alemã. De três poetas que viveram em Blumenau - cujos poemas podem ser lidos no livro Saudade e Esperança - extraímos partes de seus poemas:

De Georg Knoll, do poema "Colônias" (Colonien), onde mesclam-se estes dois paraísos:

Tu, formosa elevação, tu, verdejante vale,  
Tu, céu azul escuro, tu raio dourado,  
Vós, montanhas cobertas de florestas,  
Tu abismo escuro,  
Vós, águas espumejantes,  
Tu brisa refrescante  
Vós, choupanas repletas de vida

Du liebliche Höhe, du grünendes Tal,  
Du tiefblauer Himmel, du goldner Strahl,  
Ihr Berge bewaldet,  
du düstere Kluft,  
Ihr schäumenden Wasser,  
du kühlende Luft.  
Ihr Hüttchen voll Leben,

Vós, pastos cheios de gado,  
Vós, campos ondulantes  
Por onde eu sempre passo;  
Lá embaixo, entre as palmeiras, ouço  
som familiar,  
Vida germânica ao longo dos vales.

Ihr Weiden voll Vieh,  
Ihr wogende Felder  
wo immer ich zieh;  
Da unter den Palmen hör ich  
traulichen Klang,  
Germanisches Leben, die Täler entlang.

No poema, "Blumenau", Viktor Schleiff igualmente descreve a prosperidade da colônia alemã, também com traços paradisíacos:

Como uma ilha ali está Blumenau  
Em meio a um mar de jardins  
O largo rio refletindo se no céu azul  
Onde a palmeira real balança suas  
folhas.

.....

Uma ilha de felicidade é este vale  
Onde a vida flui sem preocupação ou  
sofrimento  
Onde a mesa está sempre posta  
E a semana toda é uma festa.

Wie eine Insel liegt dies Blumenau  
Im Meere schöner Gärten, angeschmiegt  
Dem breiten Fluss, an dem im  
Himmelsblau  
Die Königspalme ihre Wedel wiegt.

.....

Des Glückes Insel scheint dies Schöne  
Tal,  
Wo ohne Sorg' das Leben sonder Plage  
Wo stets der Tisch gedeckt zum  
Freudenmahl  
Wo jede Woche sieben Feiertage.....

Rudolf Damm, escreve "Minha Casa Paterna" (Mein Vaterhaus), onde sintetiza a contraposição paraíso natural e paraíso construído:

Das ondas azuis emerge uma terra  
Rica em beleza, brilho e graça  
A mata virgem é seu belo manto.  
Não existe no mundo outro país igual  
Através do laranjal  
Vislumbra se a querida casa paterna.  
Cedo, com os primeiros raios de sol  
Os pássaros saúdam o novo dia.  
E ao longe pelo quieto vale  
Soa do mato o bater do machado.

Aus blauen Wogen steigt ein Land,  
An Schönheit, Glanz und Anmut reich  
Der Urwald ist sein Prachtgewand;  
Auf Erden ist kein Land ihm gleich.  
Aus dem Orangerhain heraus  
Schaut hier mein liebes Vaterhaus.  
Frühbei der Sonne erstem Strahl  
Grüsst Vogelsang den jungen Tag.  
Weithin schon durch das stille Tal  
Erklingt vom Wald der Äxte Schlag.

A segunda geração de escritores é constituída por filhos de imigrantes colonizadores que ainda escrevem em alemão, dando continuidade à literatura teuto-brasileira, iniciada no século

passado. Ainda é forte o traço edênico na imagem do Brasil nas obras dos escritores desta geração. Para analisar este aspecto da imagem do Brasil na sua literatura, selecionamos os seguintes escritores: Ernst Niemeyer, Juanita Schmalenberg-Bezner, Emma Deeke, Gertrud-Gross Hering e Elly Herkenhoff, os quais publicam suas obras, quer em brochuras, quer em anuários e jornais do país.

A temática da primeira geração, ou seja, a imigração e a vida nas colônias alemãs, continua viva nestes autores. Contudo, uma crescente afeição e interesse pelo Brasil denotam a aculturação e a integração, existindo, subjacente, ainda o Brasil edênico. Ao analisarmos, por exemplo, os poemas destes autores que tematizam a natureza do Brasil, vemos como o fascínio ante a nova terra coexiste com sua valorização sempre crescente, pois esta terra já é vista como pátria. Estes autores já nascem no Brasil e, mesmo com sentimentos de dualismo interior, oscilando entre seu país e a pátria de seus pais, desejam expressar-se numa literatura própria e independente da qual Ernst Niemeyer é, sem dúvida, seu maior representante e divulgador.

É Ernst Niemeyer um dos escritores mais representativos de Joinville, S. Catarina que levanta a bandeira de uma literatura própria, teuto-brasileira, que exprima o universo e os sentimentos do imigrante alemão e de seus descendentes no Brasil. Ele conclama os teuto-brasileiros a isso no seu estudo Teutonen Literatur:

*Nós, alemães na nova pátria, temos vida própria e por isso devemos ter uma literatura própria. Estamos desligados do passado de nossos ancestrais. Sua pátria nos é estranha. Seus poetas cantam para um outro povo, não nos conhecem e tampouco conhecem nossa terra. Outras plantas, outras montanhas nos cercam, um outro sol ilumina os nossos dias, outras estrelas cintilam em nossa noite. Eles têm um céu diferente do nosso... Nossa alma precisa de uma poesia própria. Nossa pátria é jovem... e novas canções devem celebrar esta terra. Teuto, observa o teu céu, canta a tua terra. Não vagueies pelo distante. És poeta, então a poesia está onde tu vives. Bela se tornará então a tua pátria, tuas matas,*

*montanhas, lagos.... Teutos, nós temos direito a uma literatura própria e nós a criaremos.*

Todavia, é também na segunda geração, quando o processo de aculturação se evidencia, que sobressai a preocupação com o afastamento da cultura ancestral e tenta-se, então, despertar nos descendentes o interesse pela pátria dos seus antepassados. Os escritores o fazem através de poemas, histórias da infância e juventude dos pais na Alemanha, bem como de histórias que enfatizam qualidades morais dos alemães (como a disposição para o trabalho, a ordem, a disciplina, desejo de progredir e patriotismo), sendo o esquecimento das próprias raízes considerado fato altamente negativo.

Podemos ver que a aculturação é retratada, na literatura da segunda geração, através de um apreço e afeto crescentes pelo Brasil. É o que percebemos no poema de Niemeyer, "Salve Brasil" (Heil Brasilien):

Saúdo te, pátria amada  
Maravilhosa em todos os sentidos  
Abundante nos frutos e nas cores  
Pedras preciosas no interior das  
montanha  
Com tudo isto Deus te abençoou.  
Teus céus, altos e claros  
Despertam o prazer e bondade  
Deixa nos contemplar o sol  
Confiar apenas em nossas forças  
Nobres interiormente.  
Saúdo te, minha terra  
Em ti realizam se os nossos sonhos  
Quem aqui labuta, da terra terá  
Trabalho, amor e alegria  
Sob os ramos das palmeiras

Heil dir, lieber Heimatland!  
Herrlich allerwegen!  
Aller Frucht und Farben Fülle,  
Edelstein in Berges Hülle,  
Gab dir Gottes Segen.  
Dein Himmel, hoch und klar,  
Wecken Lust und Güte.  
Lasst uns auf zur Sonne schauen,  
Nur auf eigene Kraft vertraue,  
Adel im Gemüte.  
Heil, mein Land!  
In dir wird wahr, was die Menschen  
träumen  
Wer da ringt, dem wird auf Erden  
Arbeit, Lieb' und Freude werden  
Unter Palmenbäumen

Ainda de Niemeyer, vejamos agora a "Canção do colono" (Des Siedlers Lied):

Aqui achei um vale abençoado  
Onde mora a paz do Senhor  
A pá muitas vezes eu enterrei  
Mas o trabalho foi recompensado  
Eu tenho uma casa, um campo  
Amigos por toda parte  
Um pequeno rico mundo  
Abriga nossas alegrias e dores  
Sou rei no meu chão  
Observo minha mulher  
Que produz, ordena, ama e ensina  
E traz doçura à minha paz

Hier fand ich ein gesegnet Tal,  
Wo Gottes Fried wohnt.  
Den Spaten senkt ich manchesmal...  
Die Arbeit war belohnt.  
Ich hab ein Haus, ich hab ein Feld  
Und Freude weit und breit.  
Und eine kleine reiche Welt  
Birgt unsere Lust und Leid.  
Bin König na dem eignen Herd,  
Seh meinem Weibe zu.  
Sie schafft und ordnet, liebt und lehrt.  
Versüsst mir meine Ruh.

Tal como na poesia, também na prosa os escritores do Vale do Itajaí como Therese Stuzer, Gertrud Gross-Hering e Emma Deeke descrevem as maravilhas na natureza deste vale vestida de cores, perfumes e luzes da eterna primavera tropical.

Poucos descendentes de imigrantes de terceira geração ainda escrevem em alemão. Uma vez proibido o idioma (durante a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial e nos anos subseqüentes) a literatura teuto-brasileira pára de ser veiculada, somente ressurgindo, mais frágil, anos depois, na década de cinqüenta.

Com a proibição do idioma alemão e o fechamento das escolas alemãs, sociedades culturais e a imprensa teuto-brasileira, um grande silêncio se instaura junto a todos os grupos oriundos da imigração alemã e deixa grande lacuna cultural. Há maior reflexão sobre a questão das duas nacionalidades, a alemã e a brasileira e passa a haver maior conscientização da identidade brasileira por parte dos descendentes dos imigrantes.

É preciso observar também que, apesar da repressão e do isolamento do grupo étnico durante e logo após a Segunda Grande Guerra (principalmente para os habitantes das colônias que não eram ainda bilíngües), a etnicidade teuto-brasileira volta a ser reconstruída, geralmente de forma etnocêntrica, com características claras de se considerar membro de uma

comunidade, com "origem comum", baseada no uso da língua alemã, tanto na família como entre amigos, no estilo de vida, nos hábitos e tradições culturais que continuam a ser cultivadas.

Entre vários outros temas, a natureza brasileira continua sendo tema lírico da terceira geração de escritores. Desta geração analisamos trechos das obras de Carlos H. Hunsche e de Edith Freyse.

Carlos H. Hunsche no seu poema "Pátria Brasil" (Heimat Brasilien), ele exalta o Brasil como pátria.

Esta terra nos foi presenteada  
Pelo suor e sangue de nossos pais  
derramado  
Que aqui ao sol, à chuva e ao vento  
Desbravaram mata virgem para o  
sustento  
de mulher e filho.

Aqui é nossa pátria que amamos e  
damos valor  
Onde nossa mãe a primeira vez nos  
ensinou  
a rezar  
Onde nós com sorte em espaços sem  
fim  
lembramos com saudade dos  
sonhos infantis

Dies Land ist uns allen für immer  
geschenkt  
Von Schweiss und von Blut unserer Väter  
getränkt  
Die hier in der Sonne, in Regen und Wind  
Den Urwald gerodet für Weib und Kind.

Hier ist unsere Heimat, uns teuer, und  
wert  
Wo Mutter das Beten zuerst uns gelernt

Wo wir, beglückt in unendlichen Räume  
Nachsannen den goldenen Kindheits  
träumen.

A escritora Edith Freyse também é descendente de alemães, de terceira geração, nascida em Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul. Escreve suas obras em alemão e as publica na década de 80, com sucesso, na Alemanha. São marcos desta nova literatura a trilogia de romances: Brasilianische Sinfonie (Sinfonia Brasileira) (1982), Das Geheimnis der Campos (O segredo dos campos) (1984) e Pionier am Paraná - Brasilianische Sinfonie II (Pioneiros no Paraná - Sinfonia Brasileira II) (1985). No livro Brasilianische Sinfonie, lemos trechos como:

...Como antigamente, ela carregava a água do rio para o rancho e absorvia toda a indescritível beleza ao seu redor: o áspero raiar do dia, a maravilhosa metamorfose da natureza! As volumosas e

cinzentas águas do rio, de repente, tornavam-se brilhantes e cristalinas, absorvendo as cores da radiosa manhã. O incomparável verde das árvores aquecia-se e a mata virgem perdia seu sombrio aspecto ameaçador.

Antes que eles chegassem à floresta, o jogo de cores suaves que o sol nascente formava magicamente sobre os campos adquiria tons mais fortes ante os olhos de Krahte - uma paisagem de indescritível beleza. Os campos povoados por milhares de pássaros, estavam como que submersos numa camada dourada, enquanto a floresta ainda jazia escura diante deles.....

*....Wie damals, schleppte sie nun das Wasser vom Fluss zum Schuppen und nahm all das unheimlich Schöne in sich auf: Das herbe Erwachen des Tages, die wunderbare Wandlung der Natur! Die grau und bleiern liegenden Wassermassen des Flusses schimmerten plötzlich hell, färbten sich in der Farbe der leuchtenden Frühe und wurden glasklar! Das unheimliche Grün der Bäume wurde warm, und der Urwald verlor seine drohende Düsterteit.....*

*Bevor sie den Wald erreichten, wurde vor Krahtes Augen das zarte Farbenspiel stärker, welches die aufgehende Sonne über die Campos zauberte - ein Landschaftsbild von unbeschreiblicher Lieblichkeit. Die von unzähligen Vogelarten belebten Campos waren eine Zeitland wie in fließendes Gold getaucht, während der Wald noch dunkel vor ihnen lag.*

Tanto Carlos H. Hunsche como Edith Freyse são provas de que a literatura dos descendentes de imigrantes da terceira geração têm horizontes estéticos mais amplos e uma temática mais variada, sendo o tema da imigração por eles abordado, como um resgate das próprias origens, bem como retrato da aculturação e integração dos descendentes de alemães no Brasil.

Brasil, mescla do "paraíso" sonhado por seus antepassados, e de paraíso construído.

Enquanto descendentes de imigrantes ainda escrevem em alemão ao longo de três gerações, seus descendentes se destacam na literatura brasileira, escrevendo em português, apesar de ainda falarem a língua alemã, tomando parte ativa no Movimento Modernista de 1922, como é o caso de Raul Bopp, Augusto Meyer e outros.

No que se refere a literatura teuto-brasileira de Santa Catarina, ela expressa a variedade étnica, histórico-social, traço marcante deste estado, um mosaico cultural objeto de muitas pesquisas. Como historicamente a colonização alemã em Santa Catarina tem suas etapas definidas por vales. - Vale do Itajaí, com a fundação de Blumenau em 1850; Vale do Itajaí Mirim, com a fundação de D. Francisca - mais tarde chamada Joinville, em meio a grande desenvolvimento econômico tiveram também uma manifestação literária condizente com este desenvolvimento e escrita em alemão.

A literatura teuto-brasileira de Santa Catarina era frequentemente publicada nos jornais e anuários como destacamos: **Kolonie Zeitung** (Jornal da Colônia), de Joinville-SC; **Blumenauer Zeitung** (Jornal dje Blumenau); o **Urwaldsbote** (Mensagem da Selva) de Blumenau, todos iniciativa de particulares. Quanto aos Almanques de outros estados que mais publicaram esta literatura foram: **Koseritz Deutscher Vokskalender**; **Kalender für die Deutschen in Brasilien** e **Lutherkalender für Südamerika**.

Portanto, além do dr. Hermann Blumenau, fundador da cidade (autor de vários trabalhos sobre imigração) e do naturalista Fritz Müller, com vasta obra científica, há outros autores que escreveram sobre a vida cultural da colônia. Entre eles temos pastores como Oswaldo Hesse ou viajantes como Roberto Avé-Lallement e João Jacob Tchudi, que deixaram importantes documentos descritivos de Blumenau nos seus livros de viagens. Além dos jornais importantes da cidade como o **Blumenauer Zeitung** (Gazeta Blumenauense) porta-vós político, religioso, social e literário da comuna, fundado em 1881 e o **Der Urwaldsbote** (Coreio da Mata) há ainda outros como o jornal **Der Christenbote** (Correio Cristão) de cunho sectário-religioso e ainda, mais tarde, **Die Vokszeitung** (Gazeta Popular). Os almanques mais importantes foram **Blumenauer Familien Kalender**, **Dr Urwaldsbote Kalender**, **Blumenauer**

**Ilustrierte Familien-Kalender, Blumenauer Volkskalender, Willes Kaleder für Südstaaten Brasiliens** e, já em português, a partir de 1930, O **Calendário Blumenauense**, a maioria de curta duração.

Em Blumenau sobressaem os poetas Karl Kleine Rudolf Damm, Georg Knoll, Victor Schleiff José Deeke, Emma Deeke, Gertrud Gross-Hering e o polígrafo Carlos Fouquet. Dentre os escritores de passagem, escreveram sobre Santa Catarina: Maria Kahle(, Elise Protzen , Wilhelm Schweitzer , Wilhelm Rau , Adolf Rigwald , Gustav e Therese Stutzer e Anni Brunner,entre outros.Suas produções tem como temática o complexo emigração/imigração, o dualismo, as belezas naturais do Vale do Itajaí, vestida de cores, oerfumes e luzes dos trópicos e a vida nas colônias, sobretudo a de Blumenau.

Algumas dessas obras tiveram público também na Alemanha. Atestam isso as edições repetidas que alcançaram, por exemplo: ***Jahr in der Heide*** (Um ano no campo), novela de Therese Stutzer que em 1925estava na 5<sup>a</sup> edição, o livro de Contos da mesma autora ***Am Rande des brasilianischen Urwaldes*** (Na orla da floresta virgem brasileira) estava na 10<sup>a</sup> edição em 1924 e *Meine Therese* (Minha Teresa) de Gustava Stutzer - esposo de Therese Stutzer - alcançou igualmente muitas edições na Alemanha.Os contos de Therese Stutzer expressam a autenticidade de uma alema sensível as colonias alemãs,a vida nos tropicos,a necessidade de se usar termos portugueses para a nossa fauna e flora, pois não há palavras alemãs para elas. É o que se vê no conto Marie Luise onde as encontramos, porém em número reduzido como, por exemplo, as palavras: "Ameschas," "Pasto," "sabiá," " tapira", "liana".

Neste conto, como em outros de sua autoria, Therese Stutzer mostra também sua sensibilidade em relação as duas pátrias, o afeto pela nova terra, sua exuberância e beleza e a realização do imigrante que consegue, superando dificuldades diversas, ter sua própria terra e prosperar.

Tendo como pano de fundo a beleza natural do Vale do Utajaí, com suas florestas ainda virgens, a história de amor "Marie Luise" retrata igualmente a vida que pulsa na

colônia Blumenau e cercanias como o vale do rio da Velha menores. Através deste conto pode-se, pois, fazer uma bela, pitoresca e enriquecedora viagem de volta às origens desta cidade, preservando a memória do Vale .

\*Valburga Huber - Natural de Rio do Sul, SC e radicada no Rio de Janeiro, Valburga Huber é professora. Associada de Língua e Literatura alemã da Fac. de Letras da UFRJ. É pesquisadora da Literatura da imigração alemã no Brasil, com Dissertação de Mestrado na UFRJ sobre o tema ( que deu origem ao livro *Saudade e Esperança - O Dualismo do imigrante alemão refletido em sua Literatura - 1993*) e Doutorado na USP (que deu origem ao livro a *A Ponte edênica - Da Literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer - 2009*) bem como de diversos artigos sobre o assunto. Seu livro *Saudade e Esperança - Edit. FURB -* é o primeiro estudo sistemático da Literatura em língua alemã do Vale do Itajaí

### Therese Stutzer

Dona de um estilo fluente, com uso freqüente de símbolos e metáforas, com belíssimas descrições da natureza e das pessoas, contendo também arguta observação e narração de fatos da imigração e colonização, de acontecimentos e disputas políticas em Blumenau, a escritora Therese Stutzer nasceu em 14 de maio de 1841, em Ilsenburg, no Harz, Alemanha. Artesão genial em ferro, seu pai, Eduard Schott (falecido em 1895), foi o construtor da usina siderúrgica de Ilsenburg, que ele próprio dirigiu durante 55 anos. Reativada após a reunificação alemã, em 1989, a usina existe até hoje.

Therese perdeu vários irmãos ainda bem pequenos, tendo sobrevivido a irmã Josephine, bem como o irmão, professor Walter Schott, um renomado escultor em Berlim.

Therese foi uma mulher que se distinguiu pelos seus raros dotes de caráter e espírito. Até a idade de 16 anos ela freqüentou, em Hannover, um instituto superior para senhorinhas. Depois disso cuidou, até o seu casamento com o pastor Gustav Stutzer, em substituição à madrasta doente, dos afazeres domésticos do próprio lar, ocupação esta que foi interrompida por um ano que ela passou em São Petersburgo.

As famílias Schott e Stutzer já tinham relações em Seesen, no Harz, na metade do século XIX. Gustav Stutzer conheceu-a ali e ficou impressionado com o seu belo porte, com sua linda voz, que 56 anos mais tarde ainda o fascinava. Therese pouco falava, mas ele relata que "quando falava, envolvia minha alma pela simples naturalidade".

Se encontraram, tomaram o café da tarde, cantaram juntos os famosos "Lieder" alemães, mas depois não se viram por mais de três anos. Pastor e teólogo, Gustav, profissionalmente, se preparava para ser digno dela.

Casaram-se no dia 29 de novembro de 1864, iniciando a vida conjugal na aldeia de Selters, no Westerwald. Ali, a pedido, Therese escreveu, em 1865, o primeiro conto para crianças, "Eva-Kathrine", homenageando um velho professor, que havia levado o amor, o carinho e a aproximação ao Salvador a uma menina totalmente carente, órfã de 15 anos, pouco antes dela falecer.

Em Erkerode (Alemanha), onde Gustav era pastor luterano, nasceram três das seis filhas. Lá ela cuidava da parte literária em um semanário fundado pelo marido. Therese

não permitia colocar o nome todo, assinava com Th. St. Dos honorários recebidos por algumas publicações ("Tante Charlotte", "Elisabeth Baum und Eva-Kathrine" e "Ein Jahr in der Heide") ela comprou um relógio para o marido, que ele usou até o fim de sua vida.

O casal passou 18 anos na Alemanha, 20 anos no Brasil e seis anos na Inglaterra, Tirol e Suíça.

Sua faculdade de penetrar nos estados psíquicos de alienados e seu grande poder de sugestão emprestavam-lhe, de forma extraordinária, a capacidade de dirigir os departamentos internos dos institutos de seu marido, denominados Erkerode, Neu-Erkerode e Theresienhof, denominação esta dada em sua homenagem. Ela costumava acompanhar seu esposo, como colaboradora e conselheira, em todos os seus empreendimentos.

Durante 12 anos Therese cuidou de toda a parte interna da instituição fundada em 1868 (Erkerode) por seu marido, para atender pessoas necessitadas de cuidados especiais (atendimento até então inexistente naquela época). Sua especial dedicação amorosa a todos e sua intuição lhe renderam grande respeito e carinho.

Em Theresienhof (hoje residência para pessoas de idade, em Goslar, e denominada "Therese Stutzer-Heim") ela cuidava desinteressadamente de enfermos com problemas mentais. Em 1883 nasce lá a sexta filha, Eva. A pressão de casos muito graves de doença mental ali provocou um estado em Therese, que só uma mudança radical, recomendada pelo médico, poderia sanar.

Assim, existem cartas escritas em Blumenau de 1885-86. Viveram depois 12 anos em Ribeirão Pires e Vamiranga (cartas de 1895-97), passando por Cananéia-SP, onde Gustav comprou terras e produziu madeira para dormentes da estrada de ferro.

Gustav Stutzer descreve Therese em seu livro "Meine Therese" (213 páginas, 40 mil exemplares até 1925, editora Hellmuth Wollermann, Verlagsbuchhandlung, Braunschweig), contando que ela vinha de uma família "zeladora por beleza: em pensamentos, palavras e ações". Ela tinha um certo sexto sentido, que fazia com que pudesse ajudar de fato em situações de emergência.

Sobre o desmatamento em Vamiranga ("Meine Therese", pág. 150), Therese escreve, numa carta de 1896: "durante centenas de anos estas árvores estão no meio da floresta, lindas, de beleza majestosa; agora são serradas e cortadas e vão até a ávida engrenagem dos homens."

Therese tinha uma crença cristã muito pessoal e sadia: não passava dia em que não pensava na eternidade, como escreve Gustav. Rezava muito, assim como confiava na misericórdia divina que lhe dava paz e humildade (Romanos 8,28).

Gustav e Therese tiveram seis filhas: Karoline (Nine), nascida em 1865; Kaethe, nascida em 1867; Gertrud, nascida em 1869; Therese (Thete), nascida em 1871; Ilse (Ille), nascida em 1872, e Eva, nascida em 1883. Faleceu em 19 de janeiro de 1916, em Bonn, Alemanha, sendo sepultada em Ilsenburg.

Na última noite em que Gustav esteve com ela, Therese lhe sussurrou em seu ouvido: "Verdade, não é? Ainda somos noivos hoje!"

Therese Stutzer publicou uma série de contos em estilo artístico e de grande valor quanto ao texto, os quais tiveram ampla divulgação. O primeiro conto, "Eva-Kathrine", foi escrito em Selters, em 1865. Seguiu-se a publicação de pequenos contos e ensaios, entre os quais "Gottes Muehle" (O Moinho de Deus), "Mutter de Crani" (Mãe de Crani), "Aus einer Papiermuehle" (De uma fábrica de papel) e "Plaudereien in der Kinderstube" (Palestras no aposento das crianças), todos saídos no hebdomadário "Braunschwigisches Volksblatt zur Erbauung und Belehrung" (Folha Popular Brunswiquense para Edificação e Ilustração), fundado em 1867 por Gustav Stutzer.

Mais tarde surgiram os livros "Bilder aus dem Leben der Tante Charlotte" (Imagens da vida de tia Carlota) e "Elisabeth Baum", quarta edição-1918. Uma viagem a Lueneburger Heide foi por ela celebrada no livro "Ein Jahr in der Heide" (Um ano no campo), publicado em 1874 - quarta edição, 1918. Os episódios vividos no Brasil forneceram assunto para cinco contos reunidos sob o título "Am Rande des brasilianischen Urwaldes" (À orla das selvas brasileiras), oitava edição antes de 1929.

.....

## **MARIE LUISE**

**Therese  
Stutzer**

**Trad. de Valburga Huber**

Fac. de Letras - UFRJ

Apenas algumas décadas se passaram desde que imigrantes alemães aportaram nesta terra quase desconhecida. Este foram seguidos por milhares de outros conterrâneos, munidos de machado e enxada e com o firme propósito de se tornarem senhores de um pedaço desta terra rica e exuberante, de natureza ainda indomada. Aqui eles desejavam construir o seu novo lar e tornar esta terra sua nova pátria.

As águas do grande rio já não correm, em toda a sua extensão, somente através da selva. Em ambas as margens, estendem-se grandes planícies verdes com graciosas casas refletindo-se em suas águas cristalinas. Cavalos e vacas matam sua sede nessas águas, onde canoas a remo e pequenos veleiros deslizam para lá e para cá sobre suas ondas. Grandes balsas transportam suas

preciosas cargas de madeira para o porto marítimo e o apito de um navio a vapor ecoa ao longe pelas colônias, que foram construídas em terras conquistadas da imensa mata virgem.

Aqui, onde há apenas uma geração, ainda gruniam os macacos e as cobras esgueiravam-se pela densidade impenetrável da floresta selvagem, agora os raios de sol alcançam, pela primeira vez em milênios, o solo virgem fazendo florescer nele os frutos da agricultura, o milho e o aipim, o café e a cana de açúcar, permitindo que as crianças alemãs cresçam como flores do campo, com seus cabelos da cor do trigo e seus olhos azuis. Aqui as pessoas vão para a labuta, antes do nascer do sol e só voltam para casa quando ouvem, como na velha pátria, o sino das igrejinhas ecoarem pelos vales, anunciando a Hora da Oração.

Milhas e milhas de novos caminhos já foram abertos pelos vales menores. Em ambas as margens do grande rio, afluentes e ribeirões surgem da escuridão da selva para juntar-se a ele. Igualmente na suas margens as propriedades vão se estendendo, uma após a outra, geralmente separadas por cercas vivas de limoeiros. A algumas centenas de metros distantes umas das outras vêm-se casinhas de telhado vermelho à beira da estada de terra. Por toda parte crianças louras brincam, descalças, o ano inteiro, preferindo sempre a margem dos pequenos regatos e riachos, os quais, em grande número, nascem no alto das encostas ainda cobertas de florestas, de onde descem, passando por colinas já povoadas, até chegarem ao grande rio.

Em meio a numerosas propriedades, cada uma delas com pelo menos quatro morgons de extensão, existe uma área consideravelmente grande que ainda permanece intocada, porque seu proprietário não

permite dividi-la ou vendê-la. É na região do rio da Velha, onde um riozinho emerge da mata virgem e alcança a luz do dia com a mesma expressão que tinha quando os primeiros imigrantes o avistaram e significativamente denominaram "Velha". Ao sair da densa mata, ele tem que atravessar uma longa planície antes de desembocar no rio maior e, por isso, tem uma aparência tão fatigada e desalentadora como a de uma senhora velha e cansada. Dentro, nas profundezas da selva, seu semblante é completamente diferente. Suas águas cristalinas borbulham serpenteando de pedra em pedra e de um bloco de granito a outro. Onde um raio de sol consegue, furtivamente, infiltrar-se por entre a ramagem emaranhada, suas águas claras brilham como os olhos de uma criança travessa. Aqui a magia de um conto de fadas se espalha pelo profundo silêncio da região do rio da Velha. É onde o sabiá, o rouxinol do Brasil, entoia seu canto pleno de lamento. Borboletas azuis voam oscilantes por sobre as águas, e sobre os galhos, lá no alto das árvores, colibris cintilantes zumbem e voam vibrando de uma bromélia ou orquídea a outra. Ouve-se também o ruído de lagartos dourados esgueirando-se pelas pedras lisas do rio, enquanto antas e tapiras estendem seus grossos pés nas águas claras. Hesitantes filhotes de tigre deslizam entre os arbustos, enquanto macacos alegres balançam-se nos galhos das árvores e pássaros de colorido magnífico cantam nas lianas.

Quando algum caçador consegue abrir caminho pelo denso emaranhado de bambus e taquaras, pelos talos lisos de palmitos, pelos cipós e barços das trepadeiras e samambaias da região do rio da Velha, ele senta-se num rochedo à margem deste riozinho, porque somente ali ele encontra um lugar de descanso. As águas murmuram e brincam ao seu redor e seu canto soa como uma música da sua juventude. Assim, ele

ficava, antigamente, sentado nos blocos de granito no vale Ilse. As palmeiras desaparecem e uma clareira abre-se no denso verde da floresta. Aos poucos outras árvores tornam-se visíveis: são os pinheiros, os abetos! Ele escuta o sussurro da floresta de sua velha pátria - o canto de lamento de um pássaro, o tordo, como se fosse a voz da sua mãe velhinha! - Oh, como é bom sonhar a margem do rio da Velha.

Nossa estória nos conduz a uma das propriedades situada na divisa da região do rio da Velha, mais exatamente à mais isolada e distante de toda a colônia. Um caminho estreito e meio invadido pela vegetação nos conduz até ela, passando por plantações de outros colonos, por áreas de mata virgem e terrenos não cultivados, cobertos de brenhas e ervas daninhas da altura de uma casa. Ali vastas pastagens estendem-se até a linha do horizonte e a casa branca do seu dono foi construída numa ondulante colina. Atrás dela há um grande rancho, que abriga o engenho de açúcar e uma plantação de café chega rente a casa, que, do outro lado, exhibe um jardim com palmeiras e rosas, lírios e flores balsâmicas. Com certeza não há, no mundo, um cantinho mais tranquilo que este!

Esta tranquilidade agrada muito ao Sr Holsteiner, homem honrado e de poucas palavras, e também a sua esposa. Eles estão acostumados a esta vida e não a trocariam por nenhuma outra. Aqui eles se sentem em casa. Sua propriedade se estende até onde a vista alcança e aqui ele é o senhor absoluto e ilimitado, pois conquistou e construiu este pequeno reino a duras penas.

Jovem pobre, sem um tostão no bolso, ele emigrara, como simples empregado, do norte da Alemanha. Aqui, passo a passo, com grande esforço, ele derrubou a mata virgem de sua propriedade. Agora ele pode viver nela com os seus, sem preocupações, sobre o chão que lhe

pertence, como homem livre e independente. Desta terra ele tira quase tudo o que necessita para viver. Com a venda do que planta e cria ele ganha dinheiro. Despreocupado, ele vê seus filhos passarem saltitantes pela soleira da porta e alegra-se, com sua mulher, ao ver a prole crescer e desenvolver-se. As crianças brincam e correm alegremente pelo amplo pasto. Seus companheiros de folguedos são os potros e bezerros, juntamente com os cachorros. Comida existe em abundância. De roupas elas precisam muito pouco e, de sapatos e meias, nunca. A noite, quando o pai regressa da lavoura, com a enxada no ombro, as crianças correm ao seu encontro felizes e saltitantes, sobem-lhe pelas pernas e o caçula pendura-se no seu pescoço. Quantas vezes este homem já não juntou as mãos para agradecer a Deus, numa prece, as graças que Ele lhe concedeu!

A filha mais velha, Marie Luise, é a mais querida dos filhos, a menina amada do coração, mas também a que mais traz preocupações e ainda assim, é o raio de sol dos pais. Basta ela não estar em casa um dia, ao anoitecer, para o pai ficar triste. A mãe, por sua vez, sente o coração sorrir sempre que vê o rosto radiante da filha.

Ela é diferente de nós, pensa a mãe com um suspiro. O que será dela, meu Deus? Ela não serve para ser mulher de um colono, pois para isso seus braços e pernas são muito frágeis e seus dedos delicados demais. Por mais que o deseje, ela é incapaz de fazer trabalhos pesados. Tudo o que lhe cai nas mãos, ela faz com facilidade, mas seu corpo só agüenta trabalhos leves. Oxalá, um dia cheque um príncipe para buscá-la. Um príncipe, imagine só, aqui nesta selva! - Mas onde está ela? "Marie Luise!" grita a mãe na direção do pasto. "Marie Luise!" Onde estará ela agora?

Ela está lá, no rio da Velha, sentada no topo da mais alto granito. Lá, sentada, ela sonha! Com os pés delicados um sobre o outro e os braços cruzados, seus belos e sonhadores olhos observam o esplendor da natureza. Ela olha as ondas que brincam a seus pés. Como elas saltam, espumam e se precipitam! A espuma, em burburinho, prende-se no seu cabelo dourado como pérolas brilhantes! Os raios do sol, trêmulos, brilham nessas pérolas e o ouro do sol mescla-se com o dourado dos seus cabelos! Um pequeno veado, que sai da densa selva, olha-a com seus olhos amigos e espertos e recebe, em troca, olhar igual. Assim eles se cumprimentam, os dois filhos da solidão da floresta. Um sabiá entoou seu canto melancólico, enquanto grandes borboletas esvoaçam ao seu redor. Ela estende a mão e uma grande borboleta pousa na ponta dos seus dedos. Sorrindo feliz, ela observa como ela abre e fecha suas lindas e brilhantes asas de um azul metálico. A borboleta, no entanto, não se afasta, como a alegrar-se pelo lugar de pouso encontrado.

Oh, como é bom sonhar aqui, sobre esta pedra, no meio das águas do rio da Velha que, após serpentear ao redor das pedras, precipitam-se, espumosas, no seu fluxo.

Quantas vezes ela já sonhou aqui, neste mesmo lugar. Sentada aqui ela se encantou com os maravilhosos livros que a sua professora lhe dera para ler. O livro "Mil e uma noites", o livro dos contos de fadas alemães e as maravilhosas histórias de Andersen. Quantas vezes ela aqui sonhou, esquecendo o mundo ao seu redor, aqui, nesta mesma pedra, no meio das águas espumantes!

De repente lhe veio o pensamento de que, a esta hora, seu pai devia estar voltando para casa. Ela se levanta, espreguiça-se, e num salto ágil e leve atravessa a água e depois o pasto! Ela dá apenas um leve assobio e

um cavalo, com uma mancha branca na testa, está a seu lado. Eles correm, em disparada, em direção a casa. Lá estão, a sua espera, a mãe perto da porta e, ao seu lado, sentado num banquinho de madeira, o pai com o caçula no colo. Com um gesto carinhoso, a mãe tira os cabelos cacheados da testa da filha e o pai estende-lhe a mão áspera e queimada pelo sol.

"Perdoem-me", diz ela humildemente, "eu vou fazer todo o trabalho atrasado". Ela desaparece no quarto para arrumá-lo e em pouco tempo o quarto simples esta brilhando de limpo. Ela vai ao quartinho ao lado, arruma as camas dos irmãozinhos e, para alegrá-los, ela põe uma flor vermelha sobre cada travesseiro.

Como os anos voaram! Como num belo sonho, ela mal os sentira. Aqui, onde as estações do ano são quase imperceptíveis, onde as rosas não param de florir, onde, ano após ano, as palmeiras eternamente verdes balançam suas copas soberbas ao vento e os galhos delicados dos bambus e das flores das lianas dão testemunho da eterna primavera que domina este abençoado solo. Aqui também a idade das pessoas avança imperceptível, pois quase inexistem os sinais da passagem dos anos.

Ela tem dezesseis anos. Faz dois anos que saiu da escola, o que significa muito aqui, pois agora ela já é uma menina crescida, uma moça. Seus pais dizem isto, mas Marie Luise acha que ainda é uma criança. Uma criança feliz e despreocupada. Claro que ela gosta de trabalhar, costurar, cozinhar e arrumar a casa, tudo o que a mãe espera que ela faça, mas também ainda gosta muito de brincar com os irmãozinhos e também com os

animaizinhos do sítio. O seu animal preferido é o cavalo preto, que ela considera seu, pois basta um chamado para ele se aproximar. Com ele, ela vai à praça fazer todas as compras e praticamente nenhuma outra pessoa sabe montá-lo.

A irmã, um ano mais nova que ela, uma menina forte e robusta, frequentemente ri dela e zomba do seu jeito sonhador.

Marie Luise se entende melhor com os irmãos e com as irmãzinhas menores, mas estes também não lhe dão atenção, quando ela deseja contar histórias dos seus livros. Eles simplesmente não as entendem e, para eles, pular, correr, comer bananas e laranjas é muito mais gostoso.

Por isso, ela geralmente está só, voltada para seu mundo interior. Apenas a mãe conhece bem a alma da filha. Ela é tão diferente dos outros, a sua linda Marie Luise, sua filha tão amada.

Numa tarde calma, a menina está sentada a janela costurando. Ao seu redor reinam solidão e quietude. A mãe está lá fora com os irmãos e o pai ocupado no engenho de açúcar, pois ele pediu ao mestre-ferreiro, Peter Jürgens, para vir consertar uma avaria no moinho. Marie Luise lembra-se então, como este lhe acenava cordialmente, quando ela, antigamente, passava pela sua casa, a caminho da escola. Lembra-se de como ele a parava, quando a via, para dar-lhe morangos que colhia para ela no seu quintal e de como enchia sua bolsa com ameixas maduras. Desde então já se passaram dois anos e, durante este tempo, ela só o viu raras vezes. Ela sabe, no entanto, que ele prosperou muito, que construiu uma bela casa nova, que dizem ser realmente linda. Pelos padrões da colônia,

ele é um homem rico. De boca em boca corre uma pergunta: com quem ele se casará? Ele namora todas as moças, uma após outra, mas nenhuma parece ser do seu inteiro agrado. O pensamento de Marie Luise vagueia por todas essas coisas e ela pensa, também, que ela não gostaria de ser a mulher dele. Quando este pensamento passa pela sua cabeça, ela tem que rir. Ela, imagine só, a mulher dele! Com certeza, ela teria medo do Peter Jürgens, Certa vez ela o viu batendo em seu cavalo e o viu também repreendendo rudemente um de seus empregados. Não, mulher dele ela não gostaria ser, de maneira nenhuma.

"Lá vem ele", diz ela e seus olhos o seguem quando ele passa montado no seu belo cavalo, em direção ao engenho de açúcar.

O sangue lhe sobe devagarinho, aquecendo-lhe a nuca e suas faces delicadas ficam vermelhas. Como pôde ela ter tal pensamento? Ah, se ele soubesse disso!

Ah, se ela soubesse o que o Peter Jürgens conversa com seu pai!

Depois de verificar o defeito no cilindro e ter combinado o conserto para o dia seguinte, ele se aproxima do velho pai.

"Willbrandt", diz ele colocando sua mão pesada no seu ombro. "Willbradt, eu gostaria de ter uma palavrinha com você. É algo que me pesa no coração mas nunca tive coragem de tocar neste assunto. Hoje, quando vocês mandaram me chamar, foi como um sinal dos céus para mim. Willbrandt, eu gostaria de pedir a sua filha, a Marie Luise em casamento. Veja, eu sempre gostei dela, desde que era pequeninha. Quando ela passava na

frente da minha casa, a caminho da escola, com sua pasta embaixo do braço, eu tinha que parar para ficar olhando atrás dela. Quando eu falava com ela e seus olhos me sorriam, já naquele tempo meu coração parecia querer saltar do peito. Eu fui a igreja quando ela foi confirmada e, lá, quando eu a vi, de pé, como uma linda flor branca, tão pura e tão delicada, naquele momento, eu rezei por ela e por mim. Willbrandt, dê-me sua filha para ser minha mulher. Eu cuidarei e tratarei dela com o maior carinho.

Por um longo tempo, o pai ficou parado, sem dizer uma palavra, segurando as mãos do mestre nas suas. Quando levantou os olhos para ele, havia uma lágrima tremula em seus cílios.

"Mestre, vós pedis muito de mim. Vós pedis o melhor que possuímos, o raio de sol da nossa casa. Ela é ainda uma criança e uma criança muito especial. Vós apenas podeis tocá-la delicadamente. Eu, porém, aceito vosso pedido. Eu vos conheço há muitos anos e sei que sois um homem honrado e que posso confiar na vossa palavra. Eu sei que a tratareis com carinho e dedicação. Eu prefiro dá-la a vós do que a qualquer outro homem desta colônia. Eu sabia que este dia chegaria, mas vai ser doloroso sentir falta dela."

E aquele homem forte tentava ocultar as lágrimas.

O mestre também estava profundamente comovido. Os dois homens apertaram-se as mão cordialmente e foram para a sala de visita, caiada de branco.

Marie Luise levantou-se aos vê-los entrar.

"Tu ainda me conheces, Marie Luise?" perguntou o mestre, apertando a delicada mão dela com a sua mão direita, dura e cheia de calos. "Tu ainda me conheces? Como tu crescestes!" - e como estás bonita - pensou no íntimo do seu coração.

O pai aproximou-se dela, acariciando-lhe os cabelos.

"Chame sua mãe, minha filha, e traga-nos alguma coisa para comer!"

A mãe chegou e Marie Luise trouxe vinho de laranja, cerveja caseira, pão, manteiga e carne assada fria. Com agilidade, estendeu a toalha branca e cuidadosamente pôs a mesa.

"Senta-te aqui a mesa conosco!" disse o pai.

Que coisa estranha, pensou ela.

Os irmãozinhos corriam prá lá e prá cá, os pais conversavam com o mestre sobre assuntos variados, mas ela notou, na expressão do rosto do seu pai, que pensamentos pesados pairavam sobre ele.

O mestre disse, então, que se eles concordassem, ele viria com sua carroça, no próximo domingo, buscar a eles e Marie Luise, para mostrar-lhes sua nova casa na propriedade onde iria morar. Os pais concordaram e eles despediram-se. Marie Luise, no entanto, teve a impressão de que o mestre a olhara de maneira diferente. O que estaria acontecendo? O que é que lhe dava aquele aperto no coração?

Quando eles ficaram sozinhos, Willbrandt contou tudo a sua esposa. Ela empalideceu e teve que sentar-se.

"August, tu deste teu consentimento sem consultá-la?"

"E a ti, Christine, alguém te consultou?"

"Mas ela é tão especial, tão diferente e ainda uma criança! Não poderíamos ter esperado um pouco mais?"

"Esperar? Esperar quem e o que? Conhecer algum homem melhor para ela? Um dia teremos que dá-la em casamento, essa é a vontade de Deus. Eu tenho consciência de que a estou confiando a um homem honrado, que tem condições de sustentá-la, do jeito que ela merece. Mãe, sinto-me muito triste quando penso no quanto eu vou sentir a falta dela, acredite-me, mas eu sei que é para o seu bem."

A mãe, porém, chorava amargamente.

"Espere mais um pouco, August", pediu ela, "deixe-a só mais um pouco comigo! Mesmo que o Jürgens encontre outra esposa agora, um dia certamente virá alguém para ela."

"Mãe, tu achas que eu a daria a algum desses João-ninguém modernos, como esses que vem da Alemanha agora? Jamais! Esta decisão me custou uma grande luta interior, pois eu sei que se nós consentirmos agora, será pela felicidade dela. Já esqueceste que tu pensavas que ninguém servia para ela? Que um príncipe teria que aparecer? Um príncipe como esses dos romances, para começo de conversa, nem sequer existe. Em nossa colônia, o Jürgens pode ser considerado um príncipe. Agradeça a Deus, mulher, por mais difícil que isto seja, e aprende a alegrar-te."

A mãe, no entanto, não conseguia sentir-se feliz.

Simplesmente sequer a consultaram - seu raio de sol!

Quando ela entrou novamente na casa, dirigiu-se a filha, abraçou e beijou-a chorando.

Assustada, Marie Luise ergueu os olhos. Ela não estava acostumada com estas demonstrações de carinhos, pois seus pais só raramente mostravam seus sentimentos.

"O que foi, mãe? Diga-me o que foi. Ah, tudo me parece tão estranho. Aconteceu alguma coisa?"

Sua mãe, porém, apenas chorava sempre mais copiosamente. Quando, por fim, o pai também se aproximou, ele contou-lhe o que havia acontecido. Ela ficou pálida como as paredes caiadas.

"Tem que ser assim?" perguntou ela. "Meus queridos pais, deixem-me ficar com vocês! Eu trabalharei muito, não serei mais tão sonhadora! Ah, eu ainda sou tão jovem! Não permitam que eu me torne mulher, fiquem mais um pouco comigo aqui em casa!"

"Você não gosta do Peter Jürgens?"

"Ah, eu não sei, eu tenho medo dele."

"Minha criança tola!" Disse o pai e beijou-a. "Este medo tu vais perder logo, assim que perceberes o quanto ele te ama."

Marie Luise, todavia, soluçou e chorou, secretamente, ainda por muitas horas. Mas, de repente, foi tomada pelo pensamento, de que os pais deveriam saber o que era melhor para ela, pois, afinal certamente só queriam o seu bem. Mas tudo agora era tão diferente do que ela, tantas vezes, sonhara.

No domingo, quando Peter Jürgens chegou, Marie Luise deu-lhe seu sim. Como sua noiva, ela foi com ele e com os pais ver a casa que seria seu seu novo lar.

Uma grande alegria invadiu o coração da mãe, quando viu que sua querida filha se sentiu bem naquela casa. Em sua companhia ela percorreu, orgulhosa, todas as peças da casa. Apreciava e elogiava o que via, mostrando à filha como ela poderia melhorar as coisas aqui e ali para que tudo ficasse ainda mais bonito.

A casa, na qual sua filha em breve reinaria, era realmente imponente. Lindos quadros coloridos, um grande espelho e um belo sofá decoravam a sala. A mãe observava tudo, admirando também as outras partes da casa! Peter Jürgens colocou-se ao lado da sua jovem noiva, falando simpaticamente. Ela, porém, apenas o olhava com olhos tristes e cheios de interrogação. Era aqui que ela deveria viver daqui em diante? Sem pai e sem mãe, aqui, a beira da estrada? Cada pessoa que passasse a cavalo ou de carroça, poderia olhar por cima do jardim, e, se quisesse, poderia também ver o que acontecia no interior da casa pela porta aberta, a qual, como era costume aqui, conduzia diretamente para os quartos! Nenhum lugarzinho privado, pensou Marie Luise. Nenhum riozinho divertido, nem a floresta amada! - E ela foi tomada por uma profunda saudade.

Contudo, ao atravessarem o jardim, ela alegrou-se ao ver as lindas flores, o pé de ameixas e os canteiros de morangos, dos quais ela já havia provado antes. Esboçou um sorriso e seguiu em frente.

"Mestre", ela disse, tímida, "se vós quiserdes me fazer uma alegria, prepare, aqui no fundo do jardim, um lugarzinho só para mim. Aqui ninguém poderá me ver da estrada e eu poderei ficar sozinha e tranquila.

Peter Jürgens alegrou-se porque sua Marie Luise havia lhe pedido alguma coisa.

Ele faria qualquer coisa por amor a ela, só não sabia bem por onde começar. Ele a imaginava como uma flor delicada, um lindo pássaro que agora viveria, em sua casa, para alegrá-lo.

Como ele ficava feliz ao ouvir a sua voz, pois ao seu lado, quase sempre, ela estava calada e tímida. O que ele realmente gostaria de fazer, quando ela virava para ele o seu meigo rosto, era abraçá-la fortemente. Todavia, ela era uma criatura especial e ele mal ousava tocá-la.

Ele, um homem firme de 36 anos, que não tolerava brincadeiras com ele, que praguejava e fazia escândalos quando as coisas não saíam como ele queria, que estava acostumado a mandar em sua casa e a ser obedecido na colônia - ao lado de Marie Luise ficava tímido, com o coração sobressaltado e cheio de ternura.

Depois de alguns meses, realizou-se o casamento. Um casamento tranqüilo, como a noiva pedira. Peter Jürgens não economizou em nada. Mandou, inclusive, vir um lindo e caro vestido de noiva da capital da província. Quando sua mãe colocou uma grinalda de flores nos seus cabelos dourados, ela realmente achou que Marie Luise havia se transformado numa princesa. Mas era uma princesa pálida e silenciosa.

Separar-se da família foi um grande sofrimento. À noite, quando partiu com "seu marido", ela deixava para trás tudo que lhe era mais caro: juventude, alegria, pais, irmãos, a bela e silenciosa mata e as amadas águas do rio.

\*

Há dois anos, Marie Luise é a mulher de Peter Jürgens. No dia do segundo aniversário de seu casamento, sua mãe coloca em seus braços o seu segundo filho, um menino. Marie Luise olha longamente para ele e lágrimas lhe rolam pelas faces pálidas. Então ela o beija e o envolve com suas mãos. Seus lábios sussuram baixinho - ela está tão cansada. Ela ainda gostaria de ver mais uma vez apenas a sua Mariechen. Depois ela quer ficar sozinha. Eles lhe trazem a filha e, acariciando-a, ela a aperta contra si, recostando-se na cama. Quando seu marido entra no quarto, ela abre os olhos e estende-lhe a mão. Ele senta-se ao seu lado. Está feliz, orgulhoso e tão contente! Ele quer cuidar muito bem de sua mulher. Como ele deseja que ela fique forte e saudável e que suas pálidas faces fiquem novamente rosadas!

Mas a sua delicada mulher não está pensando nisto. Ela está tão cansada que chega a achar que seria melhor morrer, se não existissem as crianças.

Apesar de tudo que Peter Jürgens fez para ela, por amor, durante estes dois anos, ela não conseguiu deixar de teme-lo. Para ela, ele era sempre o "mestre", e, involuntariamente, ainda se dirigia a ele como tal. Até hoje, ao seu lado, ela fica sempre silenciosa e tímida. Quando ele está por perto, ela se sente meio tímida, meio sem jeito para brincar com as crianças, para sentar-

se no chão com a sua Mariechen ou inventar, com elas, algum passatempo ou divertimento. A sua Mariechen era toda a sua felicidade! O sorriso de sua filha sempre a reanimava e a sua companhia, que lhe era tão preciosa, tornava sua solidão suportável.

Freqüentemente, ela ficava sozinha. O dia inteiro seu marido trabalhava na bigorna. Ela só o via à mesa, junto com outras pessoas. À noite, quando não tinha nada para calcular ou escrever, ele lia o jornal ou ia para a praça. Havia ali uma grande agitação entre a população, da qual nenhum homem, que se prezasse, podia se abster. As novas eleições para os deputados da Assembléia Nacional, estavam próximas. Agora dependia de qual partido conseguisse chegar ao poder, o liberal ou conservador. Como dois gigantes, eles lutavam um contra o outro. Cada um escolhia em quem votar, pois todo o Império estava dividido entre estes dois partidos e é dominado pela cúpula do partido que vence as eleições. Nenhum dos dois lados desprezava qualquer meio de angariar votos e vencer as eleições. Além das longas viagens que eram feitas pelos políticos, também muitas festas eram organizadas. Quem vencia, recebia o livro de controle das contas e também o "s a c o d o d i n h e i r o". E quem perdia, era simplesmente demitido até que sua hora chegasse novamente. Agora dominam os liberais. Se eles perderem, quer dizer, se os conservadores conseguirem mais votos, serão demitidos todos os funcionários contratados por este partido, desde o ministro até o guarda noturno, sendo todos substituídos por pessoas do partido vencedor.

Tudo estava em alvoroço e agitação, que também envolviam Peter Jürgens. Esta situação o impelia a ver seus amigos e conhecidos e nunca lhe passara pela cabeça que sua mulher pudesse sentir falta dele, pois ela nunca falou com ele sobre esse assunto. Sempre que ele a procurava, ela tinha um sorriso nos lábios, e ,além disso, ela sempre fora quieta. Ele lhe deu empregados, muitos mais do que ela gostaria de ter e mal permitia que ela molhasse as mãos, pois não suportava que ela fizesse qualquer trabalho. Quase nem costurar lhe era permitido quando ele estava presente. Ele providenciava para que ela sempre tivesse alguma guloseima muito especial para comer. Quantas vezes ele trouxe, para ela, delicatesses da cidade: frutas alemãs em conserva, ameixas de Bordeaux em vidros, anchovas e chocolate, tudo de bom que ele conseguia encontrar. Se visse um lindo tecido novo, certamente o comprava para a sua Marie Luise. Daí ele se alegrava, ao longo de todo o caminho para casa, pelas palavras de agradecimento dela. E ela lhe agradecia amorosamente. Mas era quando ele permitia que ela desse estas coisas de presente para seus irmãos, que ela ficava ainda mais agradecida e feliz, no íntimo do seu coração.

Quando ele notou o quanto ela gostava de ocupar-se com flores, mandou vir um jardineiro da cidade, encarregando-o de fazer, no jardim, tudo o que a sua mulher desejasse.

O jardimzinho logo ficou como uma pequena jóia. Ao lado das magníficas plantas tropicais com suas luminosas e magníficas cores, floriavam discretas florzinhas alemãs, cujas sementes haviam sido trazidas da Alemanha. Também o mestre se sentia feliz por

ver estas flores aqui, em frente a porta de sua casa. Mas a parte mais linda era o aconchegante lugarzinho, no canto do jardim, sob as grandes palmeiras reais. Ali as flores desabrochavam e perfumavam o ar, durante o ano inteiro. As flores azuis da viúva negra pendiam, como um véu, sobre o pequeno banco. Também havia lírios e rosas que desabrochavam, uns mais lindos que os outros. Este lugar era pra Marie Luise, seu verdadeiro lar. Aqui ela morava com as suas crianças e aqui ela sonhava. Dali, quando ela olhava sobre a cerca, que dividia o jardim do pasto, ela podia chamar o seu cavalinho preto, que seu marido mandara trazer da casa dos pais dela, em troca por um outro. Quando ela assobiava baixinho, ele vinha correndo e deitava a cabeça sobre a cerca de estaqueta. Ela o alimentava e falava com ele sobre "a sua casa", a mata e o lindo rio da Velha.

Quando a sua família vinha visitá-la, seus pais se alegravam ao ver a arrumação do seu novo lar, a maneira dela lidar com os empregados e a ordem e limpeza que reinavam em toda parte. Eles estavam contentes por sua doce filhinha e, do fundo do coração, esperavam que ela reaprendesse a sorrir e a sentir-se contente. Eles achavam natural que ela estivesse silenciosa e acabrunhada agora, pois ainda estava fraca e abatida. Mas quem melhor do que o mestre para zelar por sua mulher!

Mesmo assim, eles perguntavam se a irmã deveria ficar, por mais algum tempo, para tomar conta dela. Marie Luise, porém, balançou a cabeça em sinal negativo, pois ela preferia ficar sozinha.

Ela nunca saía de casa. Nem poderia, pois suas colegas de escola moravam muito distantes, espalhadas pela colônia e, na verdade, ela sempre fora uma pessoa diferente e solitária. Os amigos de seu marido eram pessoas mais velhas, sérias e formais. Quando estes vinham visitá-los, o que acontecia freqüentemente agora, eles falavam das eleições, de negócios e transações e dos novos imigrantes italianos. Falavam do quanto era vergonhoso que a sua terra natal, a Alemanha, os tivesse esquecido, completamente. "Eles enviam viajantes e representantes autorizados, que depois de meterem aqui o nariz durante um dia ou dois, já se julgam capazes de saber o que acontece na colônia. Saem depois, por aí, alardeando mentiras pelo mundo e, para nós, não vem nenhuma ajuda. Onde existem alemães mais fiéis do que os que vivem aqui? Na Alemanha, porém, eles são cegos e tolos. Tranqüilamente eles observam a decadência e a ruína dos seus conterrâneos na América do Norte e também como eles são dizimados pelo implacável e mortal clima na África. Para cá eles também não mandam ninguém para nos ajudar. Os italianos inundam nossa região e, se isso continuar, logo nós seremos um oásis do deserto e todas as nossas belas esperanças naufragarão. Quanta coisa poderia ser construída aqui onde, por sorte, todas as condições vitais estão reunidas. Aqui está a vasta terra distante, que só espera por mãos laboriosas, vontade firme e forte e mentes lúcidas, para transformar este deserto verde num paraíso maravilhoso.

Os homens conversavam sobre estas e outras coisas. Marie Luise escutava, mas tudo parecia mais um sonho, pois entendia

apenas a metade. Agora ela estava deitada, quieta, com seu menininho nos braços e sua mãe cuidava das coisas ao seu redor. Todos os empregados também se esforçavam para cuidar e tratar dela com zelo e carinho.

Realmente ela se recuperou, no que nem ela mesma mais acreditava. Após algumas semanas, seu marido já podia levá-la para o jardim. Eles se sentavam juntos no pequeno banco e a empregada trazia as crianças. O pai sentou Mariechen nos seus joelhos e o rosto de Marie Luise sorriu em silenciosa alegria. Ela concordou que o batizado, desta vez, fosse uma grande festa.

No dia do batizado, ela foi junto à igreja. Trajava um fino vestido branco - de jóias de ouro ele nunca havia gostado - mas permitiu que seu marido lhe colocasse uma linda rosa no vestido, e ela mesmo trançou uma em seus cabelos.

Quem a via, olhava-a com admiração, e queria olhá-la novamente, pois era uma aparição tão formosa, como não havia outra igual em toda a colônia.

Com profunda devoção interior, ela acompanhava o andamento da cerimônia sagrada. Quando o pastor derramou a água de batismo sobre a cabecinha do filho, dando-lhe o nome de "Peter August", suas faces coraram de profunda emoção. Ela juntou as mãos e seu coração e lábios sussurraram uma prece de agradecimento ao pai celeste.

Desde este dia, parecia que seu corpo fora invadido por uma nova vida. Mais ativa, agora ela tomava parte de tudo o que acontecia ao seu redor. Mesmo quando estava tímida e silenciosa, ela sentia como se lhe tivessem tirado um grande fardo

dos ombros. Sua saúde melhorava e o mestre via, cheio de alegria, que seu rosto irradiava uma silenciosa expressão de paz.

Para o mestre as coisas também corriam muito bem e seus negócios prosperavam. Ele estava mais ocupado do que nunca, e suspirava por alguém hábil e capaz para ajudá-lo. Mas não era fácil de se encontrar na colônia um jovem que fosse honesto e soubesse trabalhar bem. Constantemente ele também participava de reuniões políticas, pois o dia das eleições se aproximava.

Marie Luise via e falava muito pouco com seu marido e levava uma vida tranquila com os seus filhos. Ela via como ele se empenhava seriamente para encontrar uma ajuda eficiente e como ele escrevia a cidade sobre este assunto. Mas esses problemas eram naturalmente só do seu marido. Além disso, ele reclamava de suas ferramentas. Precisava de novas e mais ferramentas, considerando que a sua ferraria crescia sempre mais. As que ele conseguia comprar aqui eram, geralmente, artigos de má qualidade. Na velha pátria, infelizmente, as pessoas ainda achavam que o que era ruim para eles, era mais do que bom para a colônia. A gente deveria escrever para mandar buscar estas coisas na Alemanha, pensou ele primeiro. Mas que transtorno e será que se conseguiria receber as coisas certas?

" Seria bom se eu tivesse um representante competente e confiável", disse ele um belo dia, "mas como não tenho, acho que eu mesmo vou à Alemanha buscar tudo o que preciso. Eu sempre desejei voltar lá um dia. Agora que tu estás tão bem, eu já poderia me atrever. O que tu achas da idéia?"

"A viagem duraria muito tempo?" perguntou ela.

"Tu terias receio de ficar sozinha?"

"Oh, não, acho que eu poderia suportar."

"Tudo vai depender de eu encontrar um rapaz capaz e trabalhador!"

Uma noite, depois de ter ido à cidade à cavalo, ele não voltou sozinho. Trouxe consigo um jovem alemão, nascido na velha pátria do mestre.

"O rapaz me agrada", disse ele, "talvez seja o que eu procuro. Ele parece ser uma pessoa séria e tem olhos muito bonitos. Naturalmente ele está naturalmente bem pálido. Ele contou não ter conseguido agüentar o clima do Rio e por ter ficado doente lá, lhe aconselharam vir para essa província onde ele espera ficar forte outra vez. Dê-lhe um bom quarto e providencie para que ele tenha tudo o que precisar. Eu quero fazer uma experiência com ele."

Assim Heinrich tornou-se seu hóspede e companheiro de mesa. Ele ganhou, como o mais velho dos empregados (além dele, outros dois trabalhavam na ferraria), o lugar de braço direito do mestre, e logo se concluiu que este o havia julgado corretamente.

Heinrich conhecia bem o seu ofício. Ele era hábil, bem educado e suas qualidades iam além disso. Percebia-se que ele vinha de uma boa família e que tinha boa formação. Ele contou que quando saiu de casa e começou suas andanças pelo mundo, não desejava somente percorrer toda a Alemanha de trem, pois o que ele realmente queria era conhecer o mundo. Assim, a esmo,

tomou um navio em Hamburg e veio aportar no Brasil. Primeiro, tentou estabelecer-se na Bahia, mas lá o clima era quente demais para trabalhar na bigorna de uma ferraria, debaixo de um sol abrasador. Então, resolveu seguir viagem até o Rio, mas ali ele tampouco suportou o calor. Agora, finalmente, ele se sentia muito contente por ter encontrado um trabalho aqui. Aqui, nesta casa alemã!

"Eu nem consigo expressar como me sinto bem aqui", dizia ele, "se as copas das palmeiras não balançassem em volta da casa e não houvesse bananas em cima da mesa, eu certamente acreditaria estar de novo na Alemanha. Há vida alemã por toda parte. Nas praça, nas estradas e dentro de casa. Ah, como isso faz bem, depois de viver tanto tempo só entre brasileiros! E eu lhe agradeço, senhora patroa," disse ele estendendo-lhe a mão, "lhe agradeço por ter-me recebido tão bem em sua casa. Eu me sinto melhor e mais forte a cada dia que passa. Também já escrevi para minha mãe o quanto eu lhe sou grato."

"Ele é a pessoa certa", disse Peter Jürgens. E começou os preparativos para sua viagem para a Alemanha. Ao Heinrich ele confiou seus negócios e a sua mulher, a casa e os filhos. Quando o dia da despedida chegou, a mão daquele homem forte tremia.

"Cuide-se, Marie Luise!" Em cinco ou seis meses eu estarei contigo outra vez. "Cuide-se."

\*

Agora ela estava só , estava realmente sozinha. Lá estava ela, em pé, vendo-o partir, até a última nuvem de poeira desaparecer diante de seus olhos. Então, devagarinho, entrou novamente na casa, tomou seus filhos

nos braços e beijou-os amorosamente. Vinte longas semanas de espera estavam a sua frente, nas quais ela teria que viver sozinha nesta casa. De repente, um profundo sentimento de abandono tomou conta do seu ser e ela chorou. Na primeira vez que ela se sentou à mesa sem o seu marido, pareceu-lhe que ia desfalecer, como se não fosse ter capacidade suficiente tomar as decisões certas com todas aquelas pessoas. Então ela viu em Heinrich a sua única proteção. Assim, quase sem perceber, dirigiu-se a ele e após alguns dias, parecia evidente que ela discutisse todos os assuntos com ele. Eles se entendiam, pois sua maneira de pensar era idêntica, algo que ela nunca havia experimentado antes. Frequentemente ela o admirava e, em pouco tempo, ele não lhe parecia mais um estranho.

A noite, quando já haviam tirado as coisas da mesa, ele ficava ali com ela como se fosse muito natural. Então eles brincavam com as crianças e em pouco tempo, o menorzinho confiava tanto nele, que lhe ia ao encontro alegre e saltitante, e logo começou a gostar dele mais do que de qualquer outra pessoa. Com seus bracinhos ele enlaçava o pescoço dele e segurava-se nos seus cabelos castanhos e cacheados. Ele sabia fazer mil brincadeiras com elas e as deixava fazer dele gato e sapato. E Mariechen então! Ela corria para lá e para cá entre a mãe e o Heinrich e era uma verdadeira arte conseguir fazer as crianças dormir. Mas assim que elas adormeciam, ele se sentava em frente à patroa e contava a ela sobre a sua pátria, sua mãe, a grande Alemanha, o grande e velho imperador e seus poderosos ministros. Ele contava sobre as cidades e seus palácios, suas riquezas e pobreza, do teatro e dos concertos, das grandes escolas e das pessoas cultas. Ele descrevia para ela a pátria distante, contando como era o inverno com seus gelos e neves, suas

árvores nuas e desfolhadas e do rigoroso frio que fazia lá. Ah! Como ele sabia contar estórias! E com que beleza o fazia!

Marie Luise não se cansava de escutá-lo.

O que fazia os dias agora parecerem tão curtos? Porque agora seu sangue parecia correr mais rápido nas veias, fazendo seu coração pulsar mais forte? Muitas vezes ela sentia os olhos de Heinrich pousarem sobre ela e quando ela levantava os seus olhos para o seu rosto bonito e alegre e seus olhos azuis, ela percebia que ele enrubescia. Novamente ela começava a viver como se estivesse num sonho.

A vida agora era tão linda! Dia após dia, ela vivia contente e feliz. Ela se alegrava já ao levantar pela manhã, quando olhava as faces rosadas de seus filhos, quando ia ao jardim e via os primeiros raios de sol cintilar sobre as flores e as folhas cheias de orvalho. Porque, até então, ela nunca havia percebido quão lindo era o mundo? Porque as flores e os arbustos, árvores e montanhas pareciam ter adquirido um novo colorido? Que tudo brilhava sob uma luz dourada? Ela não sabia, mas - era tudo tão lindo! - Um mundo inteiramente novo se abria para ela. Não que tudo lhe fosse claro - ela simplesmente vivia como um passarinho feliz. O mais feliz de todos os pássaros que, finalmente, conseguia mover suas asas e voar para longe, bem longe, por sobre os vales e colinas, para bem longe, por sobre a terra e o mar e para o alto de encontro ao sol. Ela sorria e cantava baixinho canções alemãs que havia aprendido com sua mãe, quando criança.

Agora ela estava mais linda do que nunca. Suas faces tinham mais cor, seus olhos tinham mais brilho.

Com que alegria ela brincava com seus filhos! E quando Heinrich se juntava a eles e se atrelava na pequena carroça, que ele mesmo havia

feito para as crianças, lá estava ela, unindo sua voz à deles, em feliz algazarra.

E assim, chegou o inverno brasileiro. Frequentemente, à noite e pela manhã, um vento frio soprava através do vale. O termômetro marcava somente dois graus, antes do nascer do sol, e as pessoas titiritavam de frio. Os brasileiros se juntavam ao redor do fogo em suas cabanas. Os alemães usavam roupas mais quentes e, à noite, em horas mais aconchegantes, reuniam-se ao redor de suas lamparinas, em suas salas de estar. Lá fora era tempo de plantio. As flores não paravam de florir e, na verdade, parecia que, agora, o seu perfume se espalhava pelo ar muito mais forte do que no verão. Mas era tempo de semear a terra e de cuidar das plantações já existentes. Apesar de Peter Jürgens não se dedicar à agricultura, a época de plantio também se fazia sentir em sua casa, pois as pessoas tinham muito mais trabalho e Marie Luise mais ordens a dar. Ela queria que seu marido ficasse satisfeito com ela e encontrasse tudo em ordem quando voltasse. Ele havia partido há quatro meses e poderia já estar voltando. De repente, isto lhe veio à mente e ela apertou a manta para aquecer-se, pois sentia muito frio. Nestes dias ela não cantava.

À noite, em silêncio, sentada em frente a Heinrich, ela respondia distraída às suas perguntas.

"Minha patroa", dizia ele, "eu encontrei livros na cidade. Quer que eu leia para a senhora hoje?"

Ela lançou-lhe um olhar sonhador anuindo com a cabeça.

Lá fora soprava o vento frio do campo que fazia a natureza tremer. Na cozinha, as criancinhas dormiam em suas caminhas quentes, ao lado das pessoas reunidas em volta do fogão. Elas colocavam pedaços de

lenha sobre o fogo aberto, um depois do outro, fazendo as chamas subir. Era assim, nestas chamas, que as pessoas se aqueciam.

"Ei, tu", disse uma pessoa para a outra, "a patroa e o Heinrich combinam muito bem. Está na hora do mestre voltar para casa."

"O que tu queres dizer com isso?" respondeu a outra. "Tu podes recriminar alguma coisa na patroa? Por acaso é um pecado ela estar agora alegre e rindo de vez em quando?"

"Ah, tu és muito boba se tu não percebeste que eles se gostam. Só se eu me engano muito,mas... não sei não. Até um cego pode sentir isso com a sua bengala", disse a outra, dando uma gargalhada..

Mas lá dentro, na sala, estavam os dois sentados. Ele lia e ela ouvia de cabeça baixa. Seus dedos se moviam hábeis e ativos no seu trabalho. Ela ouvia e vislumbrava este mundo desconhecido, do qual os livros falavam. Ela havia aprendido muito durante estes meses. Aprendera a entender os livros e gostava de se transportar, em pensamento e sentimento, para dentro do mundo europeu.

Heinrich havia encontrado Hauffs Lichtenstein. Ele lia muito bem - ela quase se esquecia de onde estava. Quase se esquecia de tudo - com as mãos imóveis no colo - ela vivia as estórias do livro. O silêncio reinava por toda parte. Só o tique-taque compassado do grande relógio de parede fazia-se ouvir. Quando ele bateu 10 horas e as pessoas entraram para dar boa noite, a patroa acordou para a realidade.

"Eu te agradeço, Heinrich", disse ela, estendo-lhe a mão para o boa noite.

E foi assim que tudo começou. Todas as noites os dois se sentavam, um em frente ao outro, inteiramente a sós.

Dia após dia, ele lhe abria a porta para um mundo novo. Ela via e sentia o sofrimento e o amor de pessoas desconhecidas como se fossem seus próprios. Ela via através dos olhos dele e ouvia através de sua voz. Durante a noite, em sonhos, ela se transformava em Maria von Lichtenstein e Heinrich era o Georg von Sturmfeder, o cavaleiro, a quem ela amava. Quando acordava, ela tinha o coração profundamente assustado. Nestes momentos ela estreitava seus filhos nos braços e os beijava muitas vezes.

Onde estava seu marido? Por que ele não escreveu uma vez sequer? O pai de seus filhos! Deveria ela desejar que ele voltasse? Mas e daí? - O que aconteceria?

O vento frio havia cessado há alguns dias, mas as pessoas ainda viviam ao redor do fogão quentinho. Dentro da sala, tudo era silêncio. Eles estavam a sós. Ela levantou os olhos e olhou para ele, para os seus cabelos encaracolados, sua testa luminosa e quando olhou dentro dos seus olhos azuis, seu coração disparou. E ele lia - e lia - lia Fausto de Goethe. Ela colocou as mãos sobre o coração disparado e levantou-se. O ar lhe faltava e parecia-lhe que ia sufocar. Ela precisava ir para fora, sob o céu livre de Deus! - Assim ela passou pela porta e foi para o jardim. A lua brilhava clara e as estrelas cintilavam. Apressadamente ela passou pelos pequenos caminhos, em direção ao banco solitário. Lá, no fundo do jardim, ela sentou-se. As mãos crispadas, apertadas contra o peito, de onde o coração parecia querer saltar. Recostou-se e fechou os olhos.

"Marie Luise!"- como um murmúrio, uma voz lhe chamava.

Era Heinrich. Ele ajoelhou-se diante dela e levantou as mãos em direção a ela. "Marie Luise!"

Sem saber como isso acontecera, ela estava em seus braços, encostada no seu peito, de encontro ao seu coração. Ele beijou-a muitas vezes: "Marie Luise, Marie Luise"

Uma carroça passou pela estrada de terra.

Marie Luise libertou-se do seu abraço. - "Oh, Heinrich - o que foi que nós fizemos - solte-me, deixe-me ir - meu marido, meus filhos!"

Ela começou a voltar para casa.

Heinrich quis segui-la mas ela desvencilhou-se dele com um gesto.

"Pelo amor de Deus, Heinrich. Deixe-me sozinha. Agora tudo mudou."

Ela foi para o seu quarto e fechou a porta com a taramela. Na manhã seguinte ela não veio para a mesa do café.

Oh, como poderia ela continuar a viver agora?

Ao meio dia, o padeiro parou em frente a sua porta. Ela mandou a empregada ver o que ele queria. Ele trazia uma carta, a qual o carteiro lhe havia confiado para entregar a ela.

A primeira carta que Marie Luise recebia. Uma carta do seu marido. Justamente hoje!

Teria Deus ouvido suas preces?

Os dedos endurecidos de Peter Jürgens escreveram em grandes e mal traçadas letras:

"Querida Marie Luise. Quando tu estiveres com esta carta nas mãos, tu já poderás acreditar que eu logo estarei aí, pessoalmente. Minha saudade de ti é grande demais. Escrevo-te de Hamburg, onde estou fazendo as últimas compras e devo partir no próximo navio que, acredito, partirá dentro de três dias.

Esta carta irá mais depressa do que eu. Também estou escrevendo para o amigo S., avisando-o da minha chegada. Ah, se eu pudesse estar contigo agora! Eu tenho muito para te dizer, mas eu não consigo escrever tudo isso. Marie Luise, o mundo só é lindo para mim onde tu estás. Teu Peter Jürgens."

Marie Luise leu e releu. Seu marido! Ela caiu de joelhos e escondeu o rosto nas mãos. Finalmente ela se recompôs e saiu para comunicar às pessoas que o mestre estaria de volta nos próximos dias.

Estas juntaram-se para cochichar, quando notaram as faces brancas da patroa e os sinais de lágrimas em seus olhos.

E assim anoiteceu. Sobre a casa pairava um ar de mormaço, prenúncio de tempestade. Quando os dois ficaram a sós novamente, Maria Luise dirigiu-se a Heinrich.

"Veja", disse ela, segurando a carta de seu marido em sua mão trêmula. "Vê, Heinrich. Lê tu mesmo. E agora escute o que eu acho. - Oh, Heinrich, até ontem a noite, eu não sabia que eu havia pecado, não é? Tu também não! Por isso acho que Deus quer nos ajudar. Tu podes partir. As pessoas podem trabalhar sozinhas, sem ti, nestes poucos dias que faltam para ele chegar. Tu não queres? Sim, é melhor assim! Eu quero contar tudo ao mestre. Vai ser melhor eu estar sozinha, acredite em mim. Vamos nos separar Heinrich, hoje à noite, não, agora mesmo, Heinrich. Eu não posso te ver nunca mais. Oh, meu Deus! - Não, não me tome em teus braços novamente, mas pense em mim com carinho. Pense com carinho na pobre Marie Luise que, - - ah, mas eu vou ser forte. - Não fiques triste assim. Tu tens o mundo todo

diante de ti! Um mundo tão lindo, tão vasto! E quando tu vires tua mãe... "

Ela não conseguia mais falar. Mais uma vez ele se ajoelhou a seus pés e escondeu o rosto em seu seu colo.

Ela colocou as mãos sobre sua cabeça. "Seja feliz, Heinrich! Leve isto para as pequenas despesas de viagem. Isto é meu, das minhas economias domésticas. Seja feliz, seja feliz!"

\*

Lentamente um navio costeiro a vapor aproximava-se do porto. Os passageiros estavam todos no convés, olhando as montanhas que emergiam ao longe e também as ilhas com palmeiras que se aproximavam sempre mais, enquanto as espumantes ondas do mar arrebentavam nos rochedos, em ambos os lados do cais.

Ao longe, adentrando o mar, reluziam pontas de rochedos que se refletiam nas janelas do novo hospital, meio escondido entre as palmeiras. Tudo parecia estar dando as boas vindas. As montanhas, o vento, o porto. As boas vindas pareciam vir também dos telhados vermelhos das pequenas casas brancas. Já se avistava, também, a multidão que esperava no cais. No navio, a criança muito contente, dando altos gritos de alegria ao rever a pátria amada, após longos meses longe dela, não era o único passageiro, com sentimentos profundamente agitados. - Lá na proa do navio estava um homem em pé. Com a mão sobre o coração, esticava-se para ver, com os olhos plenos de felicidade, o alto das montanhas, símbolo da terra que ele sentia, agora, como sua nova e única pátria. "Marie Luise, Marie Luise!" murmurava ele, baixinho, para si mesmo. Era Peter Jürgens.

Após um longo apito, o navio finalmente ancorou no cais. Sobre a escada de desembarque as pessoas se empurravam para encontrar e dar as boas vindas aos que chegavam. Peter Jürgens foi rapidamente rodeado por amigos e conhecidos. Também da colônia vieram algumas pessoas para cumprimentá-lo e todos lhe apertavam efusivamente a mão.

"Como vão? Como vão todos? Como estão minha mulher e as crianças?"

"Vão indo!"

Mas havia um tom dissonante naquela resposta, o que fez o mestre repetir a resposta:

"Vão indo? Isto quer dizer, eles não estão bem?" - perguntou ele todo amedrontado.

"Sim, sim, eles estão bem. Eu vi e falei com tua mulher e as crianças antes de vir para cá a cavalo. Podes acreditar!."

Mesmo assim o medo tomou conta de seu coração e ele não suportaria ficar ali no porto, como havia planejado, para esperar pelo navio que, amanhã, navegaria rio acima, até sua casa. Sendo conhecido dos comerciantes, incumbiu-os de tomar conta de todos os seus pertences. Emprestou, então, um cavalo de seus amigos e, depois de uma rápida refeição, cavalgou em companhia deles, direto para sua casa.

"Agora, diga-me, Wilhelm, o que está acontecendo? O que há em minha casa?" perguntou ele, assim que deixaram a cidade e se puseram a caminho.

"É bom que tu tenhas chegado, Peter. Se é que tu queres saber. O teu Heinrich é um belo rapaz."

"Tu estás mentindo", gritou ele, fazendo o seu cavalo empinar de dor, de tão forte que ele lhe batia com o seu chicote. "Não se atreva, nunca mais, a jogar alguma culpa sobre ela!"

"Se tu achas que sabes melhor das coisas..."- revidou o outro.

Ah, que longa a cavalgada. Ah, que intermináveis as horas! Peter Jürgens não via, nem ouvia mais nada ao seu redor. Ele não sentia o sol abrasador queimando-lhe a pele, não via a beleza da margem do rio, não notava nada nos seus amigos que o acompanhavam. Cavalgava como um louco, na frente dos outros. Cada curva do caminho, cada cabana, cada paisagem lhe era familiar, mas ele não via nada.

Seu cavalo esmoreceu.

Como ele havia se alegrado por esse dia! Sempre e por toda parte, ele havia imaginado esse dia como uma estrela reluzente! Como ele havia sonhado e imaginado esse reencontro! E agora, o que estaria a sua espera?

"Não é verdade! Não pode ser verdade! Minha Marie Luise é pura como a luz do sol, pura com os lírios brancos do jardim. Não é verdade, é tudo pura mentira!"

No meio do caminho para a colônia havia um vilarejo meio alemão. Ali ele teria que parar e deixar o seu cavalo, morto de cansaço, recuperar o folego. Mas esta espera era demasiado longa para ele. Assim, Peter Jürgens pegou outro cavalo e imediatamente continuou seu caminho.

Tudo ao redor era só solidão. Completamente só, ele cavalgava sempre ao longo do rio. A cada passo do seu cavalo, ele chegava mais perto dela. Dela, da mulher que ele amava acima de tudo no mundo. Agora ele realmente se dava conta do quanto a amava. Só agora, que ele vivera tanto tempo sem ela. Ah, e agora ele sabia tantas outras coisas ! - Ele cavalgava e cavalgava, mas não apressava mais o seu cavalo. Simplesmente deixava-o seguir como ele queria. O sol se pôs e as estrelas cintilavam no firmamento. As luzes das primeiras casas da colônia começavam a despontar na sua frente. Lá estava a praça - devagar ele seguiu adiante - mais uma curva - e ali estava a sua casa - a luz que brilhava através de sua janela, veio ao seu encontro!

Ele pulou do seu cavalo, jogou as rédeas sobre o portão de entrada e atravessou o jardim. Todo o corpo daquele homem forte tremia, enquanto ele abria a porta de sua casa. Bem devagar, ele entrou e tentou respirar fundo. Tudo estava silencioso. Ninguém o havia notado. Ele se apoiou na parede, pois uma forte emoção interior deixou-o paralisado. Naquele momento, a meiga voz de Marie Luise soou no quarto ao lado. Com cantigas de ninar, ela adormecia seu filhinho.

"Marie Luise. Marie Luise!"

Ela voltou-se e viu o rosto dele se debruçando sobre ela, trêmulo de amor e medo.

Todo o sangue desaparecera de seu rosto. Ela arregalou os olhos como se estivesse vendo um fantasma.

"Marie Luise, diga-me que não é verdade! Diga, minha mulher, meu tesouro, minha amada!"

Ele apertou-a contra si, como se nunca mais quisesse deixá-la.

Recostada em seu peito ela ouvia como seu coração batia descompassadamente. Estaria ela sonhando? Era realmente o seu marido? Aquele homem sensato e autoritário? O "mestre" no qual ela só conseguia pensar com temor oculto? Seu marido, o pai de seus filhos? O que deveria ela dizer? De onde ele apareceu tão de repente? O que ele queria saber e o que é que ele já sabia?

Ela gemeu e levantou os olhos para ele.

"Mestre!"

Ele soltou-a tirando-lhe gentilmente, com a mão, os cabelos da testa, onde gotas de suor formavam pequenas pérolas.

"É assim que tu me dás as boas vindas para casa? Tu não tens nenhuma outra palavra para teu pobre marido?"

Seus grandes olhos, no seu rosto pálido de medo, se fixaram nele.

"É bom que tu estejas novamente aqui. Eu estou muito contente," diziam baixinho seus lábios sem cor.

"Isso vem realmente do coração?"

"Sim, do fundo do coração."

"Onde está Heinrich?"

"Eu o mandei embora."

"Assim que tu soubeste que eu cheguei?"

"Sim, mestre."

"Pelo menos tu és sincera", disse ele, levantando-se e rindo amargamente.

Mas ela o reteve firmemente. "Não vá embora, mestre, veja, nossos filhos! Eles são teus e meus."

"E tu te atreves a me dizer isso agora?"

"Mas é claro! E por que não? Ah, escute-me, por favor! Bata em mim, mas me escute mestre, escute-me!" - e ela caiu de joelhos, impedindo-o de caminhar para a porta.

"Escute-me! - Ah, escute-me, por favor!"

Ele ficou, com os braços cruzados, parado diante dela.

"Henrich foi muito bom para mim - muito bom. Nunca ele se atreveu a dizer uma palavra desrespeitosa. Nunca sequer me lançou um olhar. Ele fazia tudo por amor a mim. Ele me dava aulas e brincava com as crianças. Ele lia para mim - eu nem sabia o quanto ele era querido para mim, até a quinta feira passada. Nesse dia, à noite, mestre, ele me beijou, lá fora no jardim. Só então eu soube que estava pecando."

Mas ele não a ouvia mais. Ele a havia empurrado para o lado. Ela estava sozinha.

Por quanto tempo? Isto ela não saberia dizer.

Ela só percebeu que ele estava ali novamente, quando ele curvou-se tentando ergue-la. "Venha, minha pobre menina", disse ele com tristeza, "venha, aqui é o teu lugar."

"Não, deixe-me aqui deitada no chão! Ah, meu Deus, meu Deus! - Agora tu toleras isto mas, mais tarde, certamente vais me desprezar."

"O caso de vocês foi tão longe assim, para que eu precise te desprezar?"

"Sim, mestre, está escrito nas Sagradas Escrituras: Quem olhar para uma mulher com cobiça, já pecou - e quando ele me tomou em seus braços, eu desejei ficar ali para sempre. Isso eu desejei. No meu coração, eu pequei - pronto, agora tu já sabes tudo!"

Pobre Peter Jürgens!.

Uma dor indescritível fez tremer a sua alma.

Mesmo assim - ele levantou-a, sentou-a sobre seus joelhos encostando sua cabeça em seu peito. Como uma criança cansada, ela deixou tudo acontecer.

"Marie Luise, minha querida - me escute! Agora eu também quero confessar algumas coisas. Veja, eu te amo tanto, tanto que é impossível dizer-lo com palavras (ela sentiu todo o seu corpo estremecer). Eu te amo tanto, tanto, que, quando da minha partida para a viagem, eu quase voltei para casa. Ali, naquele momento, quando me vi sozinho, eu soube o que tu significavas para mim. Sozinho, deitado no convés daquele navio, que me levava sempre para mais longe, teu rosto me acompanhava e eu não pensava em mais nada, a não ser em ti, Marie Luise, sempre, sempre!" - "Então ficou claro para mim, que eu também havia pecado contra ti. Não, não balance tua linda cabecinha! Eu tive muito tempo para pensar sobre isto. Eu estava dominado pelo egoísmo. Eu achava que tu eras como um lindo passarinho, como uma flor. Eu cuidava do teu corpo mas deixava tua alma só e abandonada. Quanto maior ficava a distância entre nós, tanto melhor eu entendia isto. Ali eu também estava sozinho e solitário e compreendi o mal que te havia feito. Lá, na Alemanha, nada me alegrava. Nem mesmo o fato de rever os parentes - eles haviam se tornado quase estranhos para mim e mal nos entendíamos. Nas grandes cidades, as ruas estreitas me deprimiam. A vida agitada e toda aquela movimentação me ensurdeciam - eu sentia saudades de ti, Marie Luise. Onde eu encontraria alguém que sequer chegasse a teus pés? Eu sentia falta de ti e das crianças. Eu não via nada ao meu redor. Assim, eu cruzei

o oceano novamente, com o coração transbordando de saudade, de amor e com um imenso desejo de poder reparar o mal que eu te fiz. E agora -"

Ele cobriu o rosto com as mãos e Marie Luise sentiu lágrimas quentes caírem sobre a sua testa. Quando ela, trêmula e tímida, levantou a mão para secar as lágrimas, ele segurou sua mão e beijou-a. Naquele momento, ela também irrompeu num pranto silencioso.

\*

"Marie Luise", disse o mestre no dia seguinte, ao anoitecer. "O navio que vai trazer as minha bagagem deverá chegar logo. Eu gostaria de cavalgar contigo até a praça."

"Oh, por favor, não me peça isso. Tu me disseste que todas as pessoas te falaram de mim" - e suas faces cobriram-se de forte rubor.

"Por isso mesmo, tu deves me acompanhar. Vá te arrumar, minha criança. Venha cá, dê-me mais um sorriso alegre." - Ele parou de repente - e então tomou-a em seus braços e disse baixinho: "Chame-me outra vez pelo meu primeiro nome!"

"P e t e r!" disse ela, e corou novamente. "Não se aborreça, mas eu não tenho nenhum cavalo. Eu mandei o preto para a casa dos meus pais, pois eu não estava andando à cavalo. Eu achei que ele ficaria feliz por estar lá novamente, a beira da floresta e da água."

"Bem, então tu vais com o meu e eu pego um cavalo da carroça. Tu não tens medo do meu grande amarelo, não é?"

Ela não tinha medo.

Eles partiram a cavalo e seus empregados ficaram parados, olhando atrás deles: "Ele ainda não deve estar sabendo de nada do Heinrich. Quem iria contar para ele? Mas ele deve estar se perguntando porque

ele foi embora. Bom, de qualquer maneira, ele vai descobrir tudo. No entanto, ele está tão quieto e parece tão sério e satisfeito com todo mundo. É sempre outra coisa quando o mestre está em casa."

Eles continuaram a cavalgar juntos como se nada tivesse acontecido e Peter Jürgens, apesar de tudo, estava muito feliz por estar de novo em casa. Todos acenavam-lhe familiarmente, com a cabeça e ele a todos respondia alegremente. O navio ainda não havia chegado.

"Tu queres descer do cavalo ou vamos cavalgar mais um pouco ao longo do rio?"

"Por favor, vamos continuar", respondeu ela.

Ele seguiu-a com grande prazer.

Agora, ele já conseguia ver e sentir como era maravilhoso o mundo ao seu redor.

Neste momento, um grupo a cavalo veio ao seu encontro. Eram os seus amigos, que ele havia deixado para traz na sua desesperada volta para casa. Estes haviam pernoitado na cidade, na casa de conhecidos, e agora iriam acompanhá-los até a praça. Saudações vinham de todos os lados. Cumprimentavam também a Marie Luise, mas ela sabia o que eles pensavam e isto a deixava confusa. Assim, em meio a tanto falatório e do som do tropel dos cavalos, quase ninguém percebeu que o navio já havia se aproximado.

De repente, ele soltou o seu alto e longo apito. Os cavalos se assustaram e o de Marie Luise empinou-se no ar. Os longos meses que ele havia passado solto no pasto, sem que ninguém o montasse, o haviam tornado meio selvagem. A delicada mão dela, perturbada como estava, perdeu as rédeas e o cavalo pulou para traz. Ela caiu, ficando

pendurada no estribo e o animal saiu em louca disparada. Peter Jürgens gritou, morto de medo. Conseguiu alcançá-lo e logo outras pessoas chegaram também. Ele estava sentado a beira de um riacho, segurando sua mulher no colo.

Sem sentidos, lá estava ela, deitada.

Ele a chamava e beijava em desespero.

Neste momento, ela abriu os olhos e, com a mão, tentando acariciar o rosto dele, sussurrou baixinho: "Peter, nossos filhos" - um filete de sangue sufocou suas palavras.

Ela caiu para traz - e tudo estava acabado!

\*

Anos se passaram. Peter Jürgens é agora um homem de cabelos grisalhos. Quando ele atravessa a soleira da porta de sua casa, vem ao seu encontro um sorriso no rosto feliz de sua mulher, uma dona de casa, rústica e forte. Um bando de crianças, em pleno desabrochar da vida, diverte-se brincando na casa e no jardim. Ele fica feliz e alegre com a algazarra dos seus queridos, mas depois ele se volta e seus olhos procuram uma silenciosa e pálida menina, a sua Marie. Ela está sentada e costura. Logo que o vê, levanta-se e diz: "Papai querido!"

"Não trabalhe tanto Mariechen!"

Parece justo que ele a avise, pois ela é delicada, frágil e tão pálida. Ela tem os grandes olhos de sua mãe e vê o mundo colorido, com olhos sonhadores.

"Por que tu nunca te alegras, Marie?" perguntou, certa vez, a sua nova mãe. "Tu tens uma vida tão boa."

"Ah, sim, isso é verdade. Mas, alguma vez, alguém te trouxe a mãe morta para dentro de casa?"

"Mas agora tu tens uma nova."

Marie olhou-a com tristeza, levantou-se e saiu do quarto.

Desde então nunca mais lhe perguntaram a respeito.

Ela vive num mundo só dela, com seu pai e seu irmão. Este tornou-se um homem forte e trabalhador. Ele tem um bom emprego na cidade, onde também faz seus estudos para ser comerciante.

Às vezes, à noite, quando a lua brilha clara no céu, o pai vai com ela passear no jardim. Depois de muitas voltas, eles se sentam no pequeno banco e olham, em silêncio, a maravilhosa noite tropical. Então, é normal que o pai soluçe baixinho e muitas vezes ela ouve sair de seus lábios um saudoso chamado: "Marie Luise, Marie Luise!" -

Quando o pai realmente quer lhe dar uma grande alegria, ele permite que ela vá visitar a avó. Essa, uma mulher idosa e alquebrada, ainda hoje mora na isolada colônia à beira do rio da Velha.

Lá Marie deixa que a avó lhe conte, repeditamente, coisas sobre sua mãe. Ao anoitecer, as duas vão juntas, devagarinho, pelo mesmo silencioso caminho, pelo qual sua mãe tantas vezes, saltitante, passou. Elas se sentam sobre as pedras lisas à margem do rio da Velha e ouvem o seu murmúrio. É o sussurar da mãe, como se ela, de dentro das águas, ouvisse a voz da filha.

Marie Luise, Marie Luise!

Ah, como é bom sonhar às margens do eternamente jovem rio da Velha!

# Marie Luise

Therese Stutzer

Jahrzehnte sind erst seit jener Zeit vergangen, als einzelne deutsche Ansiedler in das damals noch fast unbekanntes Land kamen. Tausende ihrer Landsleute sind ihnen seidem gefolgt, mit Axt und Hacke bewaffnet und mit dem festen Willen, Herr über die reiche aber ungebändigte Natur zu werden und sich eine neue Heimat zu begründen.

Nun rollt nicht überall mehr durch den Urwald der breite Fluss seine Wasser dahin. Am beiden Seiten dehnen sich in langen Strecken weite grüne Flächen; freundliche Häuser spiegeln sich in seinen Fluten, Pferde und Kühe löschen ihren Durst an seinem Ufer, Ruderboote und Segelschiffe gleiten auf seinen Wellen hin und her, grosse Flösse fahren die Last kostbarer Hölzer dem Seehafen zu, und es ertönt sogar die Pfeife eines Flusssdampfers weit hin über die Ansiedlungen der Menschen, die der Waldwüste abgerungen sind.

Hier, wo noch vor einem Menschenalter die Affen brüllten und ihm undurchdringlichen Dickicht sich Schlangen ringelten, bestrahlt nun zum ersten Male seit Jahrtausenden die Sonne den jungfräulichen Boden; hier wachsen nun die Früchte der Kultur; Mais und Aipim, Kaffee und Zuckerrohr; hier gedeihen deutsche Kinder flachsköpfig und blauäugig, wie die Blumen des Feldes; und die Leute gehen an die Arbeit und kehren von derselben zurück, wenn, wie im alten Vaterlande, die "Betglocke" von den Kirchen über das weiter Tal erklingt.

Auch die Seitentäler sind schon Meilen weit aufgeschlossen, auch in ihnen zieht sich auf beiden Seiten der wasserreichen Nebenflüsse und Bäche, die aus dem Dunkeln des Urwaldes hervortreten, eine Ansiedlung neben der andern hin, meist durch Zitronenhecken voneinander getrennt; alle paar hundert Schritte eine kleines rotbedachtes Haus in der Nähe der Landstrasse;

überall blondhaarige Kinder, die jahraus jahrein, barfüssig, mit besonderer Vorliebe an den Ufern der kleinen Bäche und Rinnsale spielen, welche in überreicher Zahl von den oben noch bewaldeten, an ihren Abhängen bebauten Hügeln herabspringen.

Inmitten dieser tausend Besitzungen, deren jede mindestens hundert Morgen umfasst, liegt jedoch noch ein ziemlich grosses Gebiet ganz unberührt, weil es der Eigentümer bisher nicht in einzelne Kolonien zerteilen und verkaufen mochte; das Gebiet des Velha (sprich Welja) Baches. Mit dem selben grämlichen Gesichte kommt der kleine Fluss noch aus dem Urwalde an das Tageslicht, wie die ersten Ansiedler ihm sahen und ihn bezeichnend "Velha" nannten, das heisst, die Alte. Weil sie bei ihrem Austritt aus dem Dickicht eine Ebene durchfliessen muss, ehe sie in den grossen Fluss einmündet, sieht sie so träge, so missmutig aus wie ein altes, müdes Weib. Drinnen, in der Tiefe des Waldes, hat sie ein ganz anderes Gesicht. Ihre silberklaren Gewässer sprudeln von Stein zu Stein, von Granitblock zu Granitblock und wo ein Sonnenstrahl sich durch das Laubgewirr hindurchzustehlen vermag, glänzen die kristallinen Wellen wie die Augen eines übermütigen Kindes. Ein märchenhafter Zauber weht über der tiefen Stille des Velha - Gebiet. Der Sabia, die Nachtigall Brasiliens singt sein klagendes Lied; blaue Falter fliegen taumelnd über das Wasser; glitzernde Kolibris surren von einer Blüte der Bromelien und Orchideen, oben auf den Ästen der Bäume; goldene Eidechsen fahren raschelnd über die blanken Steine am Bache; Tapire strecken ihre dicke Füsse in das helle Wasser; Tiegerkätzchen huschen ängstlich von Baum zu Baum; lustig wiegen sich Affen in den Zweigen und farbenprächtige Vögel in den Lianen.

Nur selten zwingt sich ein Jäger durch den dicht verwachsene Röhricht des Bambus und der Taquara, zwischen den glatten Stämmen der Palmiten und den Seilen und Strichen der Schlinggewächse und Philodendron hindurch; dann setzt er sich wohl auf eine Klippe im Bache, weil er nirgendwo anders einen Ruhepunkt findet. Die Wasser rauschen und spielen um ihn her, ihr Lied klingt wie ein Lied aus der Jugendzeit. So sah er einst auf den Granitblöken in Ilsetal - die Palmen schwinden—es lichtet sich das dichte Grün - einzelne Stämme werden sichtbar: Fichtenstämme! Er hört das Flüstern des heimatlichen Waldes den klagenden Gesang der Drossel—die Stimme seiner alten Mutter!—O, es ist gut träumen am Wasser der Velha!

Unsere kleine Geschichte führt uns in eine von den Ansiedlungen, welche das Velha - Gebiet begrenzen; und zwar in die entlegenste von allen. Ein schmaller, halb verwachsener Weg führt zwischen Anpflanzungen anderer Kolonisten, zwischen Teilen von Urwald und Brachfeld, welches von haushohem Gestrüpp und Unkraut überwuchert ist, zu der einsamen Kolonie. Weihin dehnt sich die grüne Fläche ihres Weideplatzes. Auf einer Erhöhung der welligen Beszung, liegt das weisse Haus des Eigentümers, daneben ein großer Schuppen, welcher die Zuckermühle enthält. Eine Kaffeepflanzung schließt sich ans Haus, welches auf der andern Seite einen Garten mit Palmen und Rosen, Lilien und Balsaminen zeigt. Einen stilleren Winkel kann es in der Welt nicht geben.

Dem alten ehrenfesten, wortkargen Holzsteiner und seinem Weibe ist das gerade recht. Sie sind's gewohnt und möchten es gar nicht anders haben, Hier sind sie zu Haus. So weit sie sehen können reicht ihr Eigentum. Hier ist er der unbeschränkte Herr. Er hat sich sein kleines Reich sauer genug erworben. Als ein armer Knecht ohne einen Pfennig Geld, war er aus seiner nordischen Heimat ausgewandert. Schritt vor Schritt hat er mit schwerer Mühe dem wilden Urwald seine Beszung abgerungen. Nun kann er mit den Seinigen sorgenfrei

auf eigener Scholle leben, ein freier unabhängiger Mann. Was er bedarf, zieht er sich selbst; was er am baren Geld gebraucht, erzielt er aus den Erträgen seiner Wirtschaft. Sorgenfrei sieht er die Schar seiner Kinder über die Schwelle seines Hauses springen und freut sich mit seinem Weibe wie die junge Brut wächst und gedeiht. Fröhlich tummelt sich das Völkchen auf den weiten Pasto: Kälber und Füllen samt den Hunden sind seine Spielkameraden. Nahrung gibt es vollauf; Kleider gebrauchen sie nur wenig; Schuhe und Strümpfe niemals. Und wenn der Alte am abend, die Hacke auf der Schulter, aus der Pflanzen heimkommt, läuft ihn die jubelnde Kinderschar entgegen, springt an ihm hoch, und das Kleinste hängt sich an seinen Hals. Wie oft schon hat da der stille Mann seine Hände gefaltet und Gott für den Segen gedankt, den er ihn beschert.

Aber die Krone von allen seinen Kindern, das Herzblatt der Eltern, ist ihre älteste, die Marie Luise, ihr Sorgenkind und doch ihr Sonnenschein. Ist sie abends einmal nicht zu Hause, so ist der Vater traurig; und der Mutter lacht allemahl das Herz wenn sie in das sonnige Gesicht der Tochter blickt.

"Sie ist aus der Art geschlagen", sagt die Mutter wohl mit Seufzen. "Was soll nur einmal aus ihr werden? Zu einer Kolonistenfrau taugt sie nicht; dazu sind ihre Glieder zu fein, ihre Finger zu zart. So gern sie auch will, schwere Arbeit kann sie nicht verrichten. Alles was sie angreift, geht ihr von der Hand: aber ihr Körper ist nur für die feinste Beschäftigung stark genug. Es muss einmal ein Prinz kommen, und sie holen, ein Prinz hierher in unsere Wildnis! - Aber wo ist sie eben wieder." Marie Luise!" ruft die Mutter über den Pasto. "Marie Luise! Ja, wo ist sie?".

In der Velha sitzt sie auf dem höchsten Granitblock. Sie sitzt und träumt! Ihre zarten nackten Füße hat sie übereinander geschlagen, ihre Arme ineinander verschränkt, ihre schönen Augen sehen träumerisch in die

wunderbare Pracht der Natur. Sie sehen den Wellen zu, die zu ihre Füßen spielen. Wie das springt und schäumt und sich überstürzt! Wie der weisse Gischt auffliegt und sich als glänzende Perlen in ihr goldenes Haar hängt! Zitternd bleiben die Sonnenstrahlen daran hängen, und das Gold der Sonne mischt sich mit dem Golde ihres Haares. Das Reh, das aus dem Dickicht tritt, sieht sie mit

seinen klugen Augen freundlich an; grüssen es doch verwandte Augen wieder. Und sie nicken sich zu, die beiden Kinder der Waldeinsamkeit. Ein Sabiá singt sein melancholisßches Lied, grosse Schmetterlinge umflattern sie, sie streckt die Hand aus, da lässt ein sich ein grosser blauer Falter auf ihren Fingespitzer nieder. Glückselig lächelnd sieht sie zu ihm hin, wie er wieder und wieder seine stahlblauen Flügeln auf und zuschlägt. Er aber fliegt nicht fort; als freue er sich seines gefundenen Sitzes.

O, es ist schön träumen hier auf dem Granitblock, inmitten der schäumenden, stürzenden Wasser der Velha!

Wie oft schon hat sie hier geträumt. Hier hat sie gegessen und die wunderbaren Bücher studiert, die ihr die Lehrerin zu lesen gegeben. Das Buch "Tausend und eine Nacht", das Buch von den deutschen Märchen und Andersens wunderbare Geschichten. Wie oft hat sie hier geträumt und alles andere um sich her vergessen, hier auf dem Granitblock, inmitten der schäumenden Wasser!

Aber plötzlich kommt ihr der Gedanke, dass jetzt ihr Vater nach Hause kommen müsse. Sie springt auf, streckt sich in die Höh', läuft durch das Wasser, über den Pasto, so leicht, so flink! Ein leiser Pfiff, und das schwarze Pferd mit dem weissen Blesse ist an ihrer Seite, sie laufen um die Wette dem Hause zu, wo die Mutter in der Tür ihrer wartet und der Vater mit dem Kleinsten auf der hölzernen Bank an der Haustür sitzt. Die Mutter streicht ihr

leise die Locken aus der Stirn, und der Vater streckt ihr die harte, gebräunte Hand entgegen.

"Verzeiht mir" sagt sie demütig, "ich will noch alles nachholen". Und sie verschwindet im Zimmer, dort alles aufzuräumen. Bald glänzt der einfache Raum in Sauberkeit. Sie geht in die Kammer nebenan, ordnet die Bettchen der Kleinen, und, das sie sich freuen möchten, legt sie auf jedes Kissen eine rote Blume.

\*

Wie sind ihr die Jahre verflogen! Wie ein schöner Traum. Kaum hat sie es wahrgenommen. Hier, wo kaum ein Wechsel der Jahreszeiten zu merken ist, wo die Rosen nicht aufhören zu blühen, wo die Palmen ihre immergrünen stolzen Kronen jahraus jahrein im Winde schaukeln und die zarten Zweige des Bambus und die Blüten der Lianen Zeugnis geben von dem ewigen Frühling, der über diesen gesegneten Gesilden thront, hier vergehen auch die Jahre der Menschen unmerklich. Es fehlen fast die Merkzeichen der Jahreswenden.

Sechzehn Jahre ist sie alt. Zwei Jahre schon aus der Schule. Das will hier viel sagen. Nun ist sie ein grosses, erwachsenes Mädchen. Die Eltern sagen es: aber Marie Luise meint, sie sei noch ein Kind. Ein frohes sorgloses Kind. Freilich will sie gern arbeiten, nähen, kochen und aufräumen, alles, was die Mutter sie zu tun heisst; aber dann spielt sie auch noch gern mit den Geschwistern und auch mit den lieben Vieh. Davon hat sie das schwarze Pferd am liebsten, und sie meint, das sei ihr eigen. Denn nur auf ihren Ruf gehorcht es und kommt heran. Auch muss sie alle Besorgungen am Stadtplatze damit machen. Kaum jemand anders benutzt es als sie.

Die Schwester, die ein Jahr jünger ist als sie, kräftig und stark, lacht sie oft aus und spottet ihrer und ihres träurerischen Wesens.

Mit den Brüdern und den kleinen Geschwistern kann Marie Luise besser kramen aber auch sie mögen nicht zuhören, wenn sie ihnen aus ihren Geschichtenbüchern erzählen will. Sie verstehen das gar nicht. Springen und laufen, Bananen und Orangen essen ist für sie viel schöner.

So ist sie in ihrer innerlichen Welt meist allein. Nur die Mutter hat eine Ahnung von den Seelenleben ihres Kindes - Sie ist so anders als alle anderen, ihre schöne Marie Luise, ihr sonniges Herzblatt.

Eines stillen Nachmittags sitzt das Kind am Fenster und näht; ganz einsam ist es um sie her. Die Mutter ist draussen mit den Geschwistern, der Vater hat in der Zuckermühle zu tun; er hat den Schmiedemeister, der Peter Jürgens gebeten zu kommen, um einen Schaden an der Mühle zu heilen. Marie Luise muss herumdenken, wie freundlich er ihr immer zugewinkt wenn sie früher auf ihren Schulwegen an seinem Hause vorbei kam. Sie denkt daran, wie er sie immer angehalten, wenn er sie gesehen hat, wie er die Erdbeeren seines Gartens für sie gesammelt und ihr die Tasche voll Ameischas gesteckt hat. Das ist schon zwei Jahre her; sie hat ihn nur selten seitdem gesehen. Sie weiß, er ist immer mehr vorwärtsgekommen; er hat sich ein schönes, schmuckes Haus gebaut, und man hält ihn nach den Begriffen der Kolonie für einen reichen Mann. Man spricht hin und her, wen er wohl heiraten werde, und geht die Mädchen der Reihe nach durch, aber keins scheint ihm gut genug. Daran denkt sie; und sie denkt auch das sie seine Frau nicht sein möchte. Sie muß bei den Gedanken lachen, sie - und eine Frau! Aber sie würde sich vor dem Peter Jürgens fürchten, meint sie, denn sie hat einmal gesehen wie er sein Pferd geschlagen und einmal gehört, wie er seinen Knecht gescholten. Nein, sie möchte seine Frau nicht sein.

"Da kommt er", sagt sie und sieht ihm nach wie er auf seinem schönen Pferde vorbeireitet, gleich auf die Zuckermühle zu.

Und das Blut steigt ihr langsam hoch am Halse und färbt ihre zarten Wangen röter. Wie mochte sie nur solche Gedanken haben. Wenn er das wüsste!

Und wenn sie wüsste, das Peter Jürgens mit dem Vater spricht!

Nachdem er den Schaden and den Walsen besehen und die Abhilfe auf morgen zugesagt, tritt er dicht an den alten heran.

"Willbrandt", sagte er und legt seine gewichtige Hand auf dessen Schulter, "Willbrandt" ich habe ein Wort mit euch zu reden. Es liegt mir schon lange auf dem Herzen, und immer mocht' ich's euch nicht sagen; heute, wo ihr mich rufen liesset, ist es mir wie ein Fingerzeig von oben. Hillbrandt, gebt mir eure Tochter, die Marie Luise. Seht, ich habe sie immer gern gehabt, schon von klein auf. Wenn sie mit der Schultasche am Arme vor meinem Hause vorüberlief, musste ich stehen und ihr nachsehen. Wenn ich sie anredete und ihre Augen lachten mich an, hüpfte mir schon damals das Herz im Leibe. Ich bin hingegangen zur Kirche, als sie konfirmiert wurde und als sie da so stand wie eine schöne weisse Blume, so rein und so zart, da habe ich für sie gebetet und für mich auch. Gebt sie mir zur Frau Willbrandt, ich will sie wohl hüten und pflegen!

Lange stand der Vater und hielt, ohne ein Wort zu sagen, die Hand des Meisters in der seinen. Als er seine Augen zu ihm aufschlug, hing eine Träne an seiner Wimper.

"Meister, ihr verlangt viel. Ihr verlangt das Beste, was wir besitzen, den Sonnenschein unseres Hauses. Sie ist noch ein Kind und ein sonderbares Kind. Ihr könnt sie nur zart anfassen. - Aber ich nehme euren Antrag an. Ich kenne euch lange jahre Weiss, dass ihr ein Ehrenmann seid, dass man sich

auf euer Wort verlassen kann; ich Weiss, dass ihr sie hegen und pflegen werdet. Ich gebe sie euch lieber als einem andern hier in der Kolonie. - Einmal musste es doch so kommen. Aber es ist sehr schwer sie zu missen."

Und der starke Mann suchte sie Tränen zu verbergen.

Auch der Meister was tief bewegt. Beide Männer schüttelten sich herzlich die Hände; dann gingen sie und betraten die weissgetünchte Stube.

Marie Luise hob sich bei ihrem Eintritt.

"Kennst du mich noch, Marie Luise?" fragte der Meister und fasste ihre zarte Hand mit seiner harten, schwieligen Rechten. "Kennst du mich noch? Wie gross du geworden bist." - und wie schön - dachte er in seinem Herzen.

Der Vater trat zu ihr und strich mit der Hand über ihren Scheitel.

"Ruf' die Mutter, Kind, und bringt uns einen Imbiss!"

Die Mutter kam, Marie Luise brachte Orangenwein, Zuckerbier, Brot, Butter und kaltes Fleisch. Flink breitete sie das weisse Tischtuch auf und legte alles sorgfältig zurecht.

"Setz' dich zu uns!" sagte der Vater.

Wie sonderbar, dachte sie.

Die kleinen Geschwister liefen ab und zu, die Eltern sprachen mit dem Meister dies und das, sie aber sah an ihres Vaters Gesicht, dass schwere Gedanken ihn bewegten.

Da meinte der Meister, wenn es ihnen recht sei, wolle er am nächsten Sonntag mit seinem Wagen kommen, Vater, Mutter und Marie Luise abzuholen, ihnen sein neues Haus und sein Anwesen zu zeigen. Die Eltern nahmen es an. So trennten sie sich. Aber es schien der Marie Luise, als habe der Meister sie ganz sonderbar angesehen. Was war es nur, was ihr das Herz so bedrückte.

Als sie allein waren, teilte Hillbrandt seiner Frau alles mit. Diese verfärbte sich und musste sich setzen.

"August, du hast dein Jawort gegeben ohne sie zu fragen?"

"Wer hat dich gefragt, Christine?"

"Ja, sie ist aber so eingenartig und noch wie ein Kind".  
Hätten wir nicht noch warten können?"

"Warten? Auf wen und was? Weitss du einen besseren Mann für sie? Einal müssen wir sie hergeben, das ist so Gottes Ordnung, und ich bin mir bewusst, sie einem Ehrenmann anzuvertrauen, der auch das Vermögen hat, sie zu halten, wie sie gehalten werden muss. Mutter, mir wird es blutsauer, sie zu missen, glaube es nur, aber ich weiss, es ist zu ihrem Besten."

Doch die Mutter weinte bitterlich.

"Warte noch August" bat sie, "lass sie mir noch ein Weilchen! Wenn jetzt der Jürgens auch eine andere Frau nehmen sollte, es kommt wohl doch noch einer für sie."

"Mutter, meist du, ich wurde sie jemals einem von den neumodigen Wichten geben, wie sie jetzt von Deutschland herüber kommen? Niemals! Es hat mich einen harten Kampf in meinem Herzen gekostet; Ich weiss, es ist ihr Glück, wenn wir ja sagen. Hast du vergessen, dass du dachtest, niemand passe für sie? Das ein Prinz kommen müsse. So einen Prinzen wie in den Geschichtsbüchern gibt erst nun einmal nicht. Der Jürgens kann in unserer Kolonie als ein Prinz auftreten. Danke Gott, Mutter, so schwer es auch ist, und lerne, dich zu freuen."

Aber das konnte die Mutter nicht.

So ungefragt - ihr sonniger Liebling!

Als sie wieder ins Hause ging, trat sie zur Tochter, umfasste und küsste sie und weinte an ihrem Halse. Erschreckt sah Marie Luise auf; sie war an ein solche Zärtlichkeit nicht gewöhnt, und nur selten trat bei den Eltern das Gefühl zutage.

"Was ist es Mutter! Sage was es ist! O, es ist alles so sonderbar! Ist denn etwas geschehen?"

Aber die Mutter weinte nur heftiger - als nun auch der Vater herzukam, sagte sie es dem Kinde. Das wurde weiss wie der Kalk an der Wand.

"Muss das sein?" fragte sie. - "Liebe Eltern, lasst mich noch bei euch! Ich will so pfeissig sein, ich will nicht mehr so viel träumen! Ach! Ich bin noch so jung! Lasst mich noch keine Frau sein; behaltet mich noch bei euch!"

"Magst du ihn nicht leiden, den Peter Jürgens?"

"Ach, ich weiss es nicht; ich fürchte mich vor ihm."

"Du törichtes Kind" - sagte der Vater und küsste sie; "Das wirst du bald verlernen, wenn du erst merkst, wie lieb er dich hat".

Marie Luise aber seufzte, seufzte und weinte manche heimliche Stunden. Aber endlich fasste sie sich in den Gedanken, das die Eltern es doch besser wissen müßtem, die Eltern, die doch gewiß ihr Bestes wollten. Aber es war alles so anders, als sie wohl zu weilen geträumt.

Als Peter Jürgens am Sonntag kam, gab Marie Luise ihm ihr Jawort. Als seine Braut für sie mit ihm und den Eltern in sein Heimwesen.

Als die Mutter sah, das ihr Liebling sich darein gefunden, kam eine grosse Freude über sie. Stolz ging sie mit der Tochter durch alle Räume, lobte hier, rühmte da und zeigte, wo und wie man eins oder das andere noch besser machen könne.

Es war ein stolzes Heimwesen, in dem ihr Kind bald herrschen sollte. Wei schön die Stube mit bunten Bildern, mit grossem Spiegel, mit schönem Sofa! Die Mutter musste es ordentlich anstauen. Und all' die anderen grossen Räume! Peter Jürgens schritt neben seiner jungen Braut und redete freundlich zu ihr. Sie aber sah ihn mit ihren grossen Augen so traurig fragend an. Hier sollte sie fortan nun leben? Ohne Vater und Mutter, hier, an der Landstrasse? Jederman, der vorüber ritt und - fuhr, konnte den Garten übersehen und blickte wenn er wollte, in die offene Tür des Hauses, die wie hier allgemein üblich, direkt ins Zimmer führte. Kein heimlich Plätzchen! dachte Marie Luise. Kein luftiger Bach, kein lieber Wald! - und es kam über sie wie tiefes Heimweh.

Als sie durch den Garten gingen, freute sie sich wohl über die schönen Blumen, über das Erdbeerfeld, von dem sie schon oft gekostet, über den Ameischasbaum. Sie lächelte und ging weiter.

"Meister", sagte sie schüchtern, "wenn ihr mir eine Liebe tun wollt, macht mir hier hinten im Garten ein Plätzchen zurecht. Hierher kann niemand von der Strasse sehen, hier kann man schön allein sein."

Und Peter Jürgens freut sich, dass seine Marie Luise ihn um etwas gebeten.

Alles hätte er ihr gern zuliebe getan, er wußte nur nicht, wie er es anfangen sollte. Sie kam ihm vor, wie eine zarte Blume; wie ein schöner Vogel, der nun in seinem Hause, ihm zur Freude, leben sollte.

Freute er sich doch, wenn er nur ihre Stimme hörte; und wenn sie neben ihm stand, so still und so schüchtern, und ihm ihr süßes Gesicht zuwandte, hätte er sie am liebsten allemal fest umfaßt; aber es war ein eigen Ding; er wagte sie kaum zu berühren.

Er, der eisenfeste sechsunndreissigjährige Mann, der sonst nicht mit sich spassen liess, der gern polterte und wettete, wenn es nicht ging, wie er wollte, der gewohnt war, daßin seinem Hause seine Stimme galt, und dass in der Kolonie seine Stimme gehört wurde - neben Marie Luise wurde er zaghaft, und wenn sie ihn mit ihren träumerischen Augen ansah, wurde es ihm warm ums Herz.

\*

Nach einigen Monaten war die Hochzeit, eine stille Hochzeit, wie die Braut es sich ausgebeten. Peter Jürgens hatte nichts gespart; er hatte ihr aus der Hauptstadt der Provinz ein kostbares Brautkleid kommen lassen; und als ihr die Mutter der Blütenkranz ins goldene Haar drückte, meinte sie wirklich das Marie Luise sei eine Prinzessin geworden. Aber es war eine blasse, stille Prinzessin.

Das Scheiden tat ihr sehr weh. - Sie durfte nicht zurücksehen, als sie abends mit "ihrem Manne" fortfuhr. Dahinten lag alles: Jugend, Freude, Eltern, Geschwister, der schöne stille Wald und das geliebte Wasser! -

\*

Zwei Jahre ist nun Marie Luise die Frau des Peter Jürgens. Und an ihrem zweiten Hochzeitstage legt ihr die Mutter das zweite Kind, einen Jungen, in den Arm. Marie Luise sieht ihn lange, lange an, Tränen laufen über ihr blasses Antlitz. Dann küsst sie ihn und faltet die Hände über ihm. Ihre Lippen flüstern leise - sie ist so müde. Nur ihr Mariechen möchte sie noch einmal sehen, dann will sie allein sein. Man bringt ihr das Kind, sie liebkost es

und presst es an sich. Dann legt sie sich zurück. Als ihr Mann an das Lager tritt, schlägt sie die Augen auf und reicht ihm die Hand. Er setzt sich neben sie; er ist so glücklich, so stolz und froh! Wie will er seine Frau pflegen, wie soll sie jetzt stark und gesund werden! Wie sollen ihre blassen Wangen sich wieder färben!

Aber seine kleine Frau denkt daran nicht. Sie ist so müde; sie meint, sie möchte gern sterben, wenn die Kinder nicht wären.

Trotz allem, was ihr der Peter Jürgens zuliebe getan, hat sie in den zwei Jahren nicht verlernt, sich vor ihm zu fürchten. Ihr ist er immer noch der "Meister", und ganz unwillkürlich redet sie ihn auch so an. Still und schüchtern ist sie noch heute an seiner Seite; wenn er bei ihr ist, scheut sie sich, mit dem Kinde zu spielen, mit ihrem Mariechen auf der Erde zu hocken oder dergleichen Kurzweil zu treiben. Ihr Mariechen was ihr ganzes Glück! Das Lächeln ihres Kindes machte sie immer wieder aufleben, und die Gesellschaft ihres Lieblings machte ihr die Einsamkeit erträglich.

Denn sie was viel allein. Tagsüber war ihr Mann am Amboß; sie sah ihn nur bei Tisch mit allen Leuten. Des Abends, wenn er nichts zu rechnen oder zu schreiben hatte, las er die Zeitungen oder war am Stadtplatze. Es ging eine mächtige Bewegung durch die Bevölkerung, der sich kein Mann, der sich kein Mann,der etwas galt, entziehen konnte. Die Neuwahl der Reichstagsabgeordneten stand bevor. Jetzt kam es darauf an, welche Partei ans Ruder kommen wird, liberal oder konservativ. Wie zwei Riesen kämpften sie miteinander. Jeder Mann im Reich gab dazu seine Stimme; denn das ganze Reich ist eben in diese beiden Parteien geteilt und wird von der Direktion der herrschenden Partei beherrscht. Auf beiden Seiten wurde kein Mittel gescheut, Stimmen zu gewinnen. Reisen, weite Reisen wurden gemacht, Feste gegeben. Wer gewann, bekam das Heft in die Hand und auch den G e l d b e u t e l. Und

wer verlor, wurde eben abgetan bis - seine Stunde einmal wieder schlagen würde. Jetzt herrschten die Liberalen. Verloren sie, das heisst, bekamen die Konservativen mehr Stimmen, so wurden sämtliche Beamte die unter dieser Partei angestellt gewesen, abgesetzt, vom Minister bis zum Nachwächter, und wurden sämtlich aus der anderen Partei neu bestellt.

Alles war in Aufregung; auch Meister Jürgens. Es trieb ihn zu seinen Freunden und Bekannten; und es kam ihm gar nicht in den Sinn, dass seine Frau ihn vermissen möchte. Sie sagte ihm doch nie davon. Immer, wenn er zu ihr trat, hatte sie ein Lächeln auf den Lippen. Und still war sie ja immer. Er gab ihr Dienstleute, mehr als sie mochte. Sie durfte kaum ihre Finger nass machen. Er litt nicht, dass sie irgendwelche Arbeit tat, kaum dass sie nähen durfte, wenn er dabei war. Er sorgte, dass sie immer etwas Besonderes zu essen bekam. Wie oft brachte er ihr vom Stadtplatze Delicatessen mit: deutsche eingemachte Früchte, Zwetschen aus Bordeaux in Gläsern, Sardellen, Schokolade, alles war er finden konnte. Und sah er einen schönen neuen Stoff, kaufte er ihn sicher für seine Marie Luise. Dann freute er sich den ganzen Weg auf ihren Dank. Sie dankte ihn so lieblich, und wenn er erlaubte, dass sie das Zeug ihren Geschwistern schenken konnte, war sie wirklich von Herzen froh.

Als er merkte, wie gern sie sich mit Blumen beschäftigte, holte er den Gärtner von Stadtplatz und trug ihm auf alles zu machen, wie seine Frau es wünschte.

Das Gärtchen war bald ein kleines Juwel. Neben den tropischen Pflanzen mit ihrer strahlenden Farbenpracht blühten still kleine deutsche Blumen, deren Samen von drüben gekommen. Auch dem Meister machte es Freude dieselben hier vor seiner Haustür wieder zu finden. Aber am schönsten war das heimliche Plätzchen in der Ecke im Garten unter der großen Königspalme. Da blühte und duftete es jahraus jahrein. Die blauen Blüten der

Viuva hingen wie ein Schleier über der kleinen Bank. Und Lilien standen hier, und Rosen blühten, eine noch schöner als die andere. Dieser Platz war Marie Luises eigentliches Heim. Hier wohnte sie mit ihrem Kindchen, und hier träumte sie. Wenn sie zur Seite über den Zaun sah, der das Gärtchen vom Pasto trennte, konnte sie ihr kleines schwarzer Pferd rufen, das ihr Mann ihr hatte kommen lassen, indem er es gegen ein anderes umgetauscht. Wenn sie leise pfiiff, kam es angesprungen und legte den Kopf über das Staket; dann fütterte sie es und sprach mit ihm von "zu Hause", vom Walde und der schönen Velha.

Kamen die Ihrigen zu Besuch, so freuten sich die Eltern über ihr geordnetes Heimwesen, über die Art, wie sie ihre Leute anstellte, über die Ordnung und Sauberkeit ringsum; sie freuten sich über das kleine süße Töchterchen und hofften in ihrem Herzen, dass ihr Kind auch wieder lernen werde, zu lachen und froh zu sein. Sie meinten, jetzt sei ihr stilles, gedrücktes Wesen natürlich, da sie noch schwach und angegriffen sei. Wer konnte besser für seine Frau sorgen, als es de Meister tat!

Und doch! - Sie fragten, ob die Schwester einmal länger bei ihr bleiben solle. Aber Marie Luise schüttelte den Kopf; sie mochte noch lieber allein sein.

Ausgehen tat sie niemals; sie konnte es auch nicht, ihre Schulfreundinnen wohnten weit zerstreut in der Kolonie, und eigentlich war sie immer eine Eigenbrötlerin gewesen. Die Freunde ihres Mannes waren ältere, gesetzte Leute; wenn sie kamen, was jetzt öfter geschah, so sprachen sie von Wahlen, vom Handel und Wandel, von neuen italienischen Einwanderern. Sie sprachen davon, wie schändlich es sei, daß ihr altes Mutterland Deutschland, sie hier so ganz vergessen. "Da schicken sie Reisende und Bevollmächtigte, die stecken die Nase ein oder zwei Tage hier herein, dann meinen sie, sie wüssten wie es bei uns aussieht, posaunen die Welt voll Lügen und uns wird nicht geholfen. Wo gibt es treuere Deutsche als hier? Aber in Deutschland sind

sie blind und dumm. Sie sehen ruhig zu, wie ihre Landsleute in Nordamerika verderben, wie sie in dem mörderischen Klima von Afrika dahinsterven, aber hierher schicken sie uns niemand. Die Italiener überschwemmen uns, und wenn da so fortgeht, werden wir bald wie eine Oase in der Wüste sein, und alle unsere schönen Hoffnungen müssen ersterben. Was könnte hier geschaffen werden, wo alle Lebensbedingungen glücklich vereinigt sind. Hier liegt das weite Land und wartet nur auf fleissige Hände, auf festen Willen und hellem Verstand, um aus einer grünen Wüste ein herrliches Paradies herzustellen.

Solches und ähnliches sprachen die Männer. Marie Luise hörte es, aber sie hörte es wie in einem Traume, den sie nur halb verstand. Jetzt lag sie still, ihren kleinen Jungen im Arme, und ihre Mutter schaffte um sie herum, und alle beeiferten sich, sie zu hegen und zu pflegen.

Und wirklich, sie erholte sich, was sie selbst nicht geglaubt. Nach einigen Wochen konnte ihr Mann sie in den Garten führen. Sie sassen zusammen auf der kleinen Bank, das Mädchen brachte die Kinder, der Vater nahm Mariechen auf seine Knie, und Marie Luisens Gesicht lächelte in stiller Freude. Sie gab ihre Einwilligung, dass diesmal die Taufe ein richtiges Fest sein solle.

Am Taufstage fuhr sie selbst mit zur Kirche. Sie trug ein weisses feines Kleid - goldenen Schmuck liebte sie niemals - aber sie erlaubte, dass ihr Mann ihr eine schöne Rose vorstekte, und flocht sich selbst eine ins Haar.

Wer sie sah, staunte sie an und musste immer wieder hinblicken; Solch' liebliche Erscheinung gab es nicht weiter in der Kolonie.

Mit tiefer innerer Frömmigkeit folgte sie dem Gange der heiligen Handlung. Als der Pastor das Taufwasser über das kleine Köpfchen goß und ihm die Namen "Peter August" gab, färbten sich ihre Wangen vor heiliger

Bewegung: ihre Hände falteten sich, und Herz und Lippen flüsterten Dank ihrem himmlischen Vater.

Seit dem Tage war es, als sei neues Leben in sie gekommen. Sie nahm mehr teil an dem, was um sie her vorging, und blieb sie auch still und schüchtern, es war doch, als sei ein Druck von ihr genommen. Sie wurde körperlich wohler, und der Meister sah voll Freuden, dass ihr Angesicht den Ausdruck eines stillen Friedens abspiegelte.

Ihm selbst erging es sehr gut. Sein Geschäft blühte; Er hatte mehr als je zu tun und seufzte nach tüchtiger Hilfe. Denn einen rechtschaffenen Gesellen zu finden, ist in der Kolonie nicht leicht. So war er beständig in Anspruch genommen, zumal auch die Wahlen sich dem Ende näherten.

Marie Luise sah und sprach ihren Mann nur wenig; sie lebte still mit ihren Kindern. Sie hörte, wie er sich ernstlich um einen tüchtigen Gehilfen bemühte, sie sah wie er deshalb nach der Stadt schrieb; aber das waren ja lädlig ihres Mannes Sachen. Zudem klagte er über sein Handwerkszeug. Es fehlte ihm mancherlei, da seine Schmiede sich immer mehr vergrößerte. Was es hier derartiges zu kaufen gab, war meistens schlechte Ware, denn man ist leider im Mutterland der Meinung, daß das Schlechte noch immer gut genug für die Kolonie sei. Man müsste so sich von drüben verschreiben, meinte er zuerst. Aber wie umständlich. Und würde man das Rechte bekommen?

"Wenn ich einen tüchtigen Stellvertreter hätte", sagte er eines Tages, "so reiste ich selbst hinüber und holte mir, was ich brauche. Ich habe immer einmal hinüber gewollt. Jetzt, wo du so wohl bist, könnte ich's schon wagen. Was meinst du dazu?"

"Dauert es sehr lange?" fragte sie.

"Würdest du dich fürchten, allein zu sein?"

"O, nein, ich glaube, ich würde es schon ertragen".

"Es kommt alles darauf an, dass ich einen Tüchtigen Gesellen finde!"

Eines Abends, als er wieder nach dem Stadtplatze geritten war, kam er nicht allein zurück, sonder brachte einen jungen Mann mit, einen frischen Burschen, einen Deutschen, aus des Meisters alter Heimat gebürtig.

"Der junge Mensch gefällt mir", sagte er, "vielleicht ist 's was ich suche. Er sieht so rechtlich aus, hat so hübsche Augen. Blass sieht er freilich aus; sagt, er habe das Klima in Rio nicht vertragen können und sei da krank geworden. Man habe ihm geraten, nach dieser Provinz zu gehen; er hofft, hier wieder stark zu werden. Gib ihm einen besonderen Raum und Sorge für ihn. Ich will es mit ihm versuchen."

So wurde Heinrich ihr Haus und Tischgenosse. Er bekam, als ältester der Gehilfen (es arbeiteten ausser ihm noch zwei in der Schmiede) seinen Platz neben dem Meister, und es zeigte sich bald, dass der ihn richtig beurteilt hatte.

Heinrich verstand seine Sache. Er war anständig und auständig, ja mehr als das. Es zeigte sich, dass er aus gutem Hause, von guter tüchtiger Bildung war. Als er sich auf die Wanderschaft geschickt sei, so erzählte er, habe er sich immer gewünscht, nicht nur so per Eisenbahn in Deutschland herumzufahren, sondern wirklich die Welt zu sehen. So habe er in Hamburg ein Schiff bestiegen und sei aufs Geratewohl nach Brasilien gefahren. Zuerst habe er sich in Bahia versucht, aber da sei es ihm an seinem Amboss unter der glühenden Sonne zu heiss geworden; so sei er weitergegangen nach Rio, aber auch da habe er es nicht ertragen können. Er sei so glücklich, endlich hier einen Platz gefunden zu haben! Hier, in diesen deutschen Hause!

"Ich kann nicht sagen, wie wohl mir ist, sagte er, nickten nicht die Palmen ums Haus her, ständen nicht Bananen auf dem Tische, ich sollte wohl meinen, ich sei wieder nach Deutschland versetzt. Deutsches Leben überall auf Plätzen, Strassen, im Hause, ach wie wohl das tut, wenn man so lang unter Brasilianern gelebt hat! Und ich danke Ihnen, Frau Meisterin", sagte er und reichte ihr die Hand, "dass Sie so treulich für mich sorgen. Ich fühle mich jeden Tag wohler und stärker; ich habe auch meiner Mutter schon geschrieben, wie dankbar ich Ihnen bin."

Es ist der Rechte", sagte bald Peter Jürgens. Und er rüstete sich zur Reise nach Deutschland. Seine Geschäfte übertrug er dem Heinrich; Haus und Kinder seiner Frau. Als es zum Abschied kam, zitterte die Hand des starken Mannes.

"Leb' wohl, Marie Luise!" In fünf bis sechs Monaten bin ich wieder bei dir. Lebe wohl!"

\*

Sie war allein; nun war sie wirklich ganz allein. Sie stand und sah ihm nach, bis auch die letzte Staubwolke vor ihren Blicken verschwand. Dann ging sie langsam ins Haus zurück, nahm ihre Kinderchen auf den Arm und küsste sie. Zwanzig lange Wochen lagen vor ihr, wo sie einsam hier im Hause leben sollte. Es überkam sie ein Gefühl von Verlassensein und sie weinte. Als sie sich zum ersten Male ohne ihren Mann zu Tisch setzte, wollte es ihr fast bedünken, als könne sie nicht allein den vielen Leuten

genügend vorsstehen, und sie sah auf Heinrich als ihren einzigen Schutz. Ganz unwillkürlich richtete sie die Rede an ihn, und schon nach wenigen Tagen war es ihr selbstverständlich, daß sie alles mit ihm besprach. Sie verstanden sich, er ging auf alle ihre Gedanken ein, wie sonst noch niemand. Sie sah ihn oft bewundert an; er war ihr bald kein Fremder mehr.

Wenn abends der Tisch abgeräumt war, blieb er, als verstände es sich von selbst, noch bei ihr. Dann spielten sie zusammen mit den Kindern, und bald war der kleine so vertraut mit Heinrich, dass er ihm entgegenjauchzte und sich von niemand lieber warten ließ als von ihm. Er schlang seine Ärmchen um seinen Hals und fasste in die braunen lockigen Haare des Heinrich. Der liess ihn tanzen und reiten und wußte tausend Kunststücke. Und nun erst Mariechen! Sie lief von der Mutter zu Heinrich und wieder zurück. Es war eine Kunst, die Kinder endlich zum Schlafen zu bringen. Und schliefen die kleinen, dann setzte er sich der Meisterin gegenüber und erzählte von seiner Heimat, von seiner Mutter, von dem grossen Deutschland, von dem grossen alten Kaiser und seinem mächtigen Minister; er erzählte von den Städten und ihren Palästen, von ihrem Reichtum und ihrer Armut, vom Theater und von Konzerten, von den grossen Schulen und den gelehrten Leuten. Er beschrieb ihr das ferne Land, den kalten Winter mit seinem Eis und Schnee, mit seinen kahlen Bäumen und mit seiner bitteren Kälte. Was konnte er erzählen! Und wie schön!

Marie Luise hörte ihm zu und wurde nicht müde.

Was war es nur, das ihr die Tage jetzt so kurz erscheinen liess? Oft fühle sie, wie die Augen Heinrichs auf ihr ruhten. Wenn sie dann die ihrigen erhob und in sein hübsches, frohes Gesicht sah, in seine hellen blauen Augen, merkte sie dass sie errötete. Wieder fing sie an, wie in einem Traume zu leben.

Und das Leben war so schön; sie freute sich von einem Tag auf den anderen. Sie freute sich wenn sie sich morgens von ihrem Lage erhob, wenn sie ihre rosigen Kinder ansah, wenn sie in den Garten trat und die ersten Sonnenstrahlen auf den taufrischen Blüten und Blättern blitzten. Warum hatte sie bis dahin niemals gesehen, wie schön die Welt sei? Warum schien es ihr, als hätten Blumen un Busche, Bäume und Berge andere Farbe bekommen? Als strahlte alles im goldigen Lichte? Sie wusste es nicht - aber - es war so schön! - Eine ganz neue Welt hatte sich ihr aufgetan. Nicht das es ihr klar wurde - sie lebte dahin wie ein froher, glücklicher Vogel, der nun endlich seine Schwingen regen mochte und fliegen konnte, weit hin, über Täler und Höhen, weit hin über Land und Meer, hoch hinauf, der Sonne entgegen. Und sie lachte und sang leise deutsche Lieder, die sie als Kind von der Mutter gelernt.

Jetzt war sie schön wie noch niemals. Ihre Wangen hatten Farbe, ihre Augen hatten Glanz.

Wie fröhlich spielte sie mit ihren Kindern! Und kam Heinrich dazu und spannte sich an den kleinen Wagen, den er selbst für die Kinder gezimmert, dann stand sie dabei und musste mit in das Jauchzen ihrer Lieblinge einstimmen.

So kam die Zeit des brasilianischen Winters. Ab und an wehte abends und morgens ein kalter Wind durchs Tal. Das Thermometer zeigte zuweilen vor Sonnenausgang nur zwei Grad Wärme, dann fröstelten die Menschen. Die Brasilianer lagerten um die offenen Feuer ihrer Hütten, die Deutschen trugen

wärmere Kleidung und hatten abends gemütliche Stunden, wenn sie sich um die Lampe in ihren Stuben sammelten. Es war Pflanzzeit draussen. Freilich hörten die Blumen nicht auf zu blühen, ja es war, als dufteten sie jetzt stärker als im Sommer; aber es war die Zeit, wo neuer Samen in die Erde gestreut wurde und die Pflanzungen neu bearbeitet werden mussten. Obgleich Peter Jürgens keine eigentliche Landwirtschaft betrieb, machte sich doch auch in seinem Haushalte diese Pflanzzeit bemerkbar. Die Leute hatten mehr zu tun, Marie Luise mehr anzuordnen. Ihr Mann sollte doch mit ihr zufrieden sein, wenn er zurückkommen. Das kam ihr auf einmal in den Sinn. Sie zog ihr Tuch fester um sich, sie fror. In dem Tage sang sie keine Lieder.

Still sass sie am Abend Heinrich gegenüber und antwortete zerstreut auf seine Fragen.

"Frau Meisterin", meinte er, "ich habe am Stadtplatze Bücher gefunden. Soll ich Ihnen jetzt abends vorlesen?"

Sie schlug ihre Augen zu ihm auf, sah ihn träumerisch an und nickte mit dem Kopfe.

Draussen wehte der kalte Landwind und liess die Natur leise erschauern; nebenan schliefen die Kinderchen in ihren warmen Bettchen, die Leute hatten sich um den Herd in der Küche versammelt und legten ein Scheitholz nach dem anderen auf das offene Feuer, daß die Flamme hoch aufschlug. Sie sassen d'rum herum und wärmten sich an ihrem Scheine.

"Du", meinte die eine zur anderen, "die Meisterin und der Heinrich passen gut zusammen. Es wird Zeit, daß der Meister nach Haus kommt."

"Na, du bist dumm. Wenn du das nicht merkst, daß die sich gern haben, dann weiss ich es nicht; das kann ein Blinder mit dem Stocke fühlen." Und sie lachte hell auf.

Drinnen aber im Zimmer sassen die beiden; er las. Sie horchte gesenkten Hauptes. Ihre Finger bewegten sich fleißig an ihrer Arbeit, sie horchte und lauschte der neuen, fremden Welt. Sie hatte in diesen Monaten viel gelernt; sie hatte gelernt, die Bücher zu verstehen, und vermochte sich in europäische Gedanken und Gefühle zu versetzen.

Heinrich hatte Hauffs Lichtenstein aufgefunden. Er las gut vor - sie hatte bald vergessen, wo sie war, alles hatte sie vergessen - ihre Hände lagen untätig im Schosse-sie lebte in dem Buche. Still war's ringsum. Die grosse Uhr tickte vernehmlich. Als sie 10 Uhr schlug und die Leute hereinkamen, gute Nacht zu sagen, erwachte die Meisterin zur Wirklichkeit.

"Ich danke dir, Heinrich", sagte sie und hielt ihm die Hand zum Gutenacht-Grußentgegen.

So kam es, dass sie alle Abend sich jetzt gegenüber sass, die beiden ganz allein.

Er schloss ihr Tag für Tag mehr eine neue Welt auf; sie sah und fühlte fremder Menschen Leid und Liebe wie ihr eigenes. Sie sah es mit seinen Augen; sie hörte es durch seine Stimme. Und nachts im Traume war sie es selbst, die Marie von Lichtenstein, und Heinrich war der Georg von Sturmfeder, der Ritter, den sie liebte. Sie wachte auf, bis ins tiefte Herz erschrocken. Sie nahm ihr Kindchen in den Arm und küsste es wieder und wieder.

Wo war ihr Mann? Warum schrieb er nicht einmal? Der Vater ihrer Kinder! Sollte sie wünschen, daßer zurückkam? Und dann? -

Der kalte Wind hatte sich seit einigen Tagen gelegt, aber die Leute liebten noch immer den Platz am warmen Herde. Drinnen im Zimmer war es so still; sie waren allein. Sie sah auf und sah auf ihn, auf sein lockiges Haar, seine lichte Stirn, sie sah in seine blauen Augen - das Herz schlug ihr. Und er las - er

las Goethes Faust. - Sie presste die Hand aufs Herz und erhob sich. Ihr wurde es zumute wie zum Ersticken. Sie musste fort, unter Gottes freier Himmel - sie trat aus der Tür in den Garten. Der Mond schien hell, und die Sterne glänzten. Sie eilte durch die kleinen wege der einsamen Bank zu; dort am Ende, da setzte sie sich. Die Hände verschränkt, preßte sie sie auf ihr klopfendes Herz. Sie lehnte sich zurück und schloß die Augen.

"Marie Luise!" stammelnd wurde es gerufen.

Heinrich war es. Er kniete vor ihr; er hob die Hände zu ihr aus. "Marie Luise!"

Ein Wagen fuhr auf der Landstraße vorbei.

Marie Luise löste sich aus seiner Umarmung. - "O, Heinrich - was haben wir getan - lass mich los, lass mich gehen - mein Mann, meine Kinder!"

Und sie wandte sich zum Hause.

Heinrich wollte ihr folgen, aber sie wehrte mit der Hand.

"Sei barmherzig, Heinrich. Lass mich allein. Es ist nun alles anders geworden."

So ging sie in ihr Schlafzimmer und schob den Riegel vor. Am andern Morgen kam sie nicht zum Frühstück.

O, wie sollte sie jetzt weiterleben! -

Mittags hielt der Semmelwagen vor ihrer Tür. Sie schickte die Magd, nachzusehen, was er wolle. Er brachte einen Brief, den ihm der Posthalter zur Besorgung übergeben habe.

Den ersten Brief, den Marie Luise je erhielt; einen Brief von ihrem Manne. Und gerade heute!

Hatte Gott ihr Gebet erhört?

Peter Jürgens' steife Finger schrieben in ungelenten grossen Buchstaben:

"Liebe Marie Luise. Wenn Du diesen Brief in die Hand nimmst, kannst Du nur denken, daßich bald selbst nachkomme. Meine Sehnsucht zu Dir ist zu gross. Ich schreibe Dir aus Hamburg, wo ich die letzten Einkäufe mache, und fahre mit dem nächsten Schiffe, ich denke, in drei Tagen. Dieser Brief geht schneller als ich. Ich schreibe auch an Freund S., dass ich komme. Wenn ich nur erst wieder bei Dir wäre! Ich habe Dir viel zu sagen, das kann ich aber nicht schreiben. Marie Luise, die Welt ist für mich nur schön, wo Du bist. Dein Peter Jürgens."

Und Marie Luise las und las. Ihr Mann! Sie fiel auf ihre Knie und barg ihr Gesicht in den Händen. Endlich ermannte sie sich und ging hinaus, den Leuten zu sagen, dass der Meister in den nächsten Tagen kommen werde.

Die steckten die Köpfe zusammen, als sie die blassen Wangen der Meisterin bemerkten und die Tränespuren in ihren Augen.

So kam der Abend. Wie eine Gewitterschwüle lag es über dem Hause. Als die beiden wieder allein waren, trat Marie Luise auf Heinrich zu.

"Sieh", sagte sie und hielt ihres Mannes Brief in ihrer zitternden Hand. "Sieh, Heinrich, lies selbst. Und nun höre, wie ich es meine. - O, Heinrich, ich wusste nicht, dass ich sündigte, bis gestern abend. Nicht? auch du nicht! Nun will Gott uns helfen. Du kannst fort. Die paar Tage können die Leute allein arbeiten. Du willst nicht? Doch, es ist so besser! Ich will es dem Meister alles sagen. Es ist besser, ich bin allein. Glaube es mir. Lass uns scheiden, Heinrich, heute abend, jetzt, Heinrich. Ich darf dich nie wiedersehen. O, mein Gott!–Nein, schliess' mich nicht wieder in deine Arme. Aber denke freundlich an mich, Heinrich. Denke freundlich an die arme Marie Luise, die–aber ich will stark

sein.–Sei nicht gar so traurig. Vor dir liegt die Welt, so schön, so weit! Und wenn du zu deiner Mutter kommst - "

Sie konnte nicht weitersprechen. Noch einmal war er vor ihr niedergekniet und barg sein Haupt in ihrem Schosse.

Sie legte die Hände auf seinen Kopf. "Leb' wohl, Heinrich! Dies nimm als Wegzehrung. Es ist mein eigen. Ich habe es in der Wirtschaft gespart. Lebe wohl, lebe wohl!"

\*

Langsam näherte sich ein brasilianischer Küstendampfer dem Hafen. Die Passagiere desselben lehnten am Bord und sahen die von Palmen bewachsenen Inseln näher und sahen, wie die Sicht der Meereswagen an den Felsen abprallte, die den Hafen auf beiden Seiten begrenzen.

Auf dem weit ins Meer gehenden Felsenkegel erglänzten die Fenster des neuen Krankenhauses, das halb unter Palmen versteckt lag. Es grüßten die Berge, der Wind, das Ufer, es grüßten die roten Dächer der weissen einstöckigen Häuser. Und das jauchzende Kind, das unter hellem Freudenschrei nach monatelanger Abwesenheit die geliebte Heimat wiedersah, war nicht der einzige Passagier, dessen Gefühle tief bewegt wurden. - Vorn am Bug stand ein Mann. Er presste die Hand aufs Herz, richtete sich hoch auf und sah mit glückseligen Augen hinüber zu den Spitzen der Berge, den Wahrzeichen seiner neuen, einzigen Heimat. "Marie Luise, Marie Luise!" sprach er leise vor sich hin. Es war Peter Jürgens.

Als das Dampfschiff nach einem langgezogenen Pfiff endlich anlegte, drängten sich die wartenden Menschen zum Willkommen über die

Landungsbrücke. Peter Jürgens war bald von alten Freuden und Bekannten umringt. Auch aus der Kolonie waren einige gekommen, ihn zu empfangen. Man schüttelte sich die Hände.

"Wie geht's? wie steht's? wie geht's Frau und Kindern?"

"Ganz gut!"

Aber es war ein eigener Tonfall in der Antwort, was den Meister das Wort wiederholen liess.

"Ganz gut? Das heisst: nicht gut?"—fragte er angstvoll."

"Doch wirklich, sie sind sehr wohlauf. Ich sprach und sah beide Frau und Kinder, ehe ich herunterritt; kannst's mir glauben."

Und doch wurde die Angst in des Meisters Herzen wach. Ihn litt es nicht am Hafen. Er wollte auf das Dampfschiff, das morgen flussaufwärts fahren sollte, nicht warten. Bekannt mit den Kaufleuten, übergab er ihnen seine Sachen zur Besorgung, nahm mit seinen Freunden Pferde und ritt im ihrer Begleitung, nach eingenommenem Imbiss, der Heimat zu.

"Nun sag'mir, Wilhelm was ist's? was ist zu Hause?" fragte er, als sie kaum die Straßen der Stadt verlassen hatten.

"Es ist gut, dass du kommst, Peter. Wenn du es durchaus wissen willst - : Dein Heinrich ist ein schmuder Junge."—

"Du lügst!" schrie der Meister und gab dem Pferde mit seiner Peitsche einen Schlag, dass es hoch aufbäumte. "Wage nicht, noch einmal sie zu beschuldigen!"

"Wenn du es besser weisst" - entgegnete der andere.

O, der Ritt! O die langen Stunden! Peter Jürgens sah und hörte nichts mehr um sich her. Er spürte nicht den Brand der Sonne, er sah nicht die Schönheit der Ufer, er merkte nichts von

seinem begleitenden Freunden. Allen ritt er dahin. Jede Biegung des Weges, jedes Hüttendach, jede Pflanzung war ihm bekannt, aber er sah nichts.

Sein Pferd ermattete.

Wie hatte er sich auf diesen Tag gefreut! Wie ein glänzender Stern hatte er ihm vorgeschwebt, immer, überall! Wie hatte er sich das Wiedersehen ausgemalt! Und was erwartete ihn jetzt?

"Es ist nicht wahr! Es ist nicht wahr! Meine Marie Luise ist rein wie das Licht der Sonne, rein wie die weissen Lilien im Garten. Es ist nicht wahr, es ist eitel Lüge!"

Mitten auf dem Wege zur Kolonie liegt ein halbdeutscher Ort. Dort mußte er halten und das todmüde Tier sich verschnaufen lassen. Aber das währte ihm zu lange. Peter Jürgens nahm sich ein neues Pferd und setzte seinen Weg fort.

Einsam war es ringsum. Ganz allein ritt er dahin, immer am Flusse entlang; mit jedem Schritte seines Pferdes kam er ihr näher, ihr, die er über alles auf der Welt liebte. Das wußte er jetzt, da er so lange ohne sie gelebt hatte. Ach, nun wusste er noch mehr!—Er ritt und ritt; nicht mehr trieb er sein Pferd zur Eile, er liess es gehen, wie es wollte. Die Sonne sank; die Sterne erglänzten am Firmament; jetzt tauchten die Lichter der ersten Häuser der Kolonie vor ihm auf. Da war der Stadtplatz—langsam ritt er weiter - noch eine Biegung - da lag sein Haus - da glänzte das Licht aus seinem Fenster ihm entgegen!

Er sprang vom Pferde und warf den Zügel über die Gartenpforte.

Er trat durch die Pforte. Der starke Mann zitterte am ganzen Leibe, als er die Tür seiner Wohnung öffnete. Leise trat er ein und rang nach Atem. Alles

war still. Niemand hatte ihn bemerkt. Er lehnte, vor innerer Erregung unfähig sich zu bewegen, an der Wand; da ertönte aus der Kammer nebenan die süße Stimme Marie Luises, sie sang den Kleinen in den Schlaf.

"Marie Luise, Marie Luise!"

Sie wandte sich und sah in sein Gesicht, das sich zitternd vor Liebe und Angst über sie beugte.

Alles Blut wich aus ihrem Gesichte. Sie starrte ihn an wie eine Erscheinung.

"Marie Luise, sage, dass es nicht wahr ist! Sage es, mein Weib, mein Eigen, meine Geliebte!"

Und er presste sie an sich, als wollte er sie nie wieder lassen.

Sie lag an seinem Herzen und hörte dessen stürmischen Geschlag. War sie im Traume? War das ihr Mann, ihr verständiger, strenger Mann? Ihr Mann, der Vater ihrer Kinder? Was sollte sie sagen? Wo kam er so plötzlich her? Was wollte er wissen, und was wußte er?

Sie stöhnte und sah zu ihm auf.

"Meister!"

Er liess sie los und strich mit der Hand über seine Stirn, auf der die hellen Schweißstropfen perlten.

"Ist das dein Willkommensgruss? Hast du kein anderes Wort für deinen armen Mann?"

Ihre großen Augen starrten ihn aus ihrem todbleichen Antlitz entgegen.

"Es ist gut, dass du wieder da bist; ich bin sehr froh", sagten leise ihre bleichen Lippen.

"Kommt das von Herzen?"

"Ja, von ganzem Herzen."

"Wo ist Heinrich?"

"Ich habe ihn fortgeschickt."

"Als du wusstest, dass ich kam?"

"Ja, Meister."

"Du bist wenigstens aufrichtig", sagte er, und erhob sich mit bitterem Lachen.

Sie aber hielt ihn fest. "Geh'nicht fort, Meister; sieh unsere Kinder! Sie sind dein und mein."

"Das wagst du mir jetzt zu sagen?"

"Ja, gewiss! Warum denn nicht? O, höre mich an! Schlage mich, aber höre mich an. Meister, höre mich an!" - und sie fiel auf ihre Knie und versperrte ihm so den Weg zur Tür.

"Höre mich an! - o, höre mich doch!"

Er blieb mit verschränkten Armen vor ihr stehen.

"Heinrich war sehr gut zu mir—sehr gut. Nie wagte er ein unziemlich Wort, niemals auch nur einen Blick. Er tat mir alles zuliebe, er unterrichtete mich, er spielte mit den Kindern, er las mir vor - ich wusste nicht, wie lieb er mir war, bis vergangenen Donnerstag. Da am Abend, Meister, hat er mich geküsst, draussen im Garten. Da wusste ich, dass ich sündigte".

Aber der Meister hörte sie nicht mehr. Er hatte sie zur Seite geschoben, sie war allein.

Wie lange? Das konnte sie nicht sagen.

Sie wusste nur, dass er dann wieder bei ihr war. Er bog sich zu ihr nieder und versuchte, sie aufzurichten. "Komm, mein armes Kind", sagte er traurig, "komm, hier ist dein Platz."

"Nein, lass mich hier liegen! O weh, o weh! - Nun duldest du mich und wirst mich doch verachten!"

"Ist es so weit mit euch gekommen, dass ich dich verachten muß?"

"Ja, Meister, es heisst in der Heiligen Schrift: "Wer ein Weib ansieht, ihrer zu begehren"—und als er mich in den Armen hielt, habe ich gewünscht, dass ich dort für immer bleiben möchte. Das habe ich gewünscht. In meinem Herzen habe ich die Sünde begangen—nun weisst du alles!"

Armer Peter Jürgens!

Ein unaussprechliches Weh zitterte durch seine Seele.

Und doch—er hob sie auf, er nahm sie auf seine Knie und legte ihr Haupt an seine Brust. Wie ein mildes Kind liess sie es geschehen.

"Marie Luise, mein Liebling - höre mir zu! Jetzt will auch ich dir beichten. Sieh, ich habe dich so lieb, wie ich es mit Worten nicht sagen kann (sie schauerte leicht in sich zusammen). Ich habe dich so lieb, daß ich fast bei der Abreise wieder umgekehrt wäre, denn ich wusste erst, was du mir warst, als ich allein dahinging. Einsam habe ich auf dem Deck des Schiffes gelegen, das mich immer weiter von dir forttrug, und habe dein' gedacht, Marie Luise, immer, immer!" - Und da ist's mir klar geworden, dass auch ich an dir gesündigt habe. Schüttele nicht deinen lieben Kopf! Ich habe Zeit gehabt, darüber nachzudenken. Selbstsucht hat mich dir gegenüber beherrscht. Ich meinte, du seiest wie ein schöner Vogel, wie eine Blume; ich pflegte dich körperlich und liess deine Seele einsam und allein. Und je weiter ich von dir getrennt wurde, je besser verstand ich das. Ich war da auch allein und einsam. Ich wusste, was ich dir getan. Drüben in Deutschland hat mich nichts erfreut, nicht das Wiedersehen der Verwandten - sie waren fremd geworden, wir verstanden uns kaum mehr. In den grossen Städten erdrückten mich die engen Strassen; das

unruhige Leben und Treiben betäubte mich - ich sehnte mich nach dir, Marie Luise. Wo war jemand der dir nur im entferntesten glich. Ich sehnte mich nach dir und den Kindern. Ich habe nicht rechts, nicht links gesehen. So bin ich wieder übers Meer gefahren, die Sehnsucht im Herzen, die Liebe und den Wunsch, mein Unrecht gut zu machen. Und nun—"

Er hielt die hand über die Augen, und Marie Luise fühlte die warmen Tränen auf ihrer Stirn. Zitternd und scheu hob sie die Rechte, sie ihm fortzuwischen. Er hielt die Hand fest und küsste sie. Da brach auch sie in leises Weinen aus.

\*

"Marie Luise", sagte der Meister am andern Tage gegen Abend, "der Dampfer wird gleich kommen, der meine Sachen bringt. Ich möchte mit dir zum Stadtplatz reiten."

"O, bitte, tue es nicht. Du sagst, man habe dir von mir erzählt, alle die Leute" - und tiefes Rot deckte ihre Wangen.

"Gerade auch deshalb sollst du mich begleiten; mach dich zurecht, mein Kind. Komm, sieh mich noch einmal freundlich an und"—er stockte—dann nahm er sie in seinen Arm und sagte leise: "nenne mich einmal wieder mit meinem Taufnamen!"

"P e t e r!" sagte sie und errötete von neuem, "sei nicht böse, ich habe kein Pferd. Ich habe den Schwarzen nach Haus geschickt, da ich doch nicht ritt. Ich dachte, es solle ihn freuen, wieder dort zu sein, am Wald und am Wasser."

"Nun, dann nimmst du mein Pferd, und ich nehme eins von den Wagenpferden. Du bist doch nicht bange vor meinem grossen Gelben.

Sie war nicht bange.

So ritten sie zusammen fort. Ihre Leute standen und sahen ihnen nach: "Er muss noch nichts vom Heinrich wissen. Wer mag es ihm sagen? Aber es muss ihn doch wundernehmen, dass er fort ist. Nun, er wird es schon erfahren. Jetzt ist er so still und sieht so ernst aus, und doch ist er wieder ganz zufrieden mit allem. Ein ander Ding ist's gleich, wenn der Herr wieder im Hause ist."

Sie aber ritten zusammen dahin, und Peter Jürgens freute sich in seinem Herzen trotz allem, wieder daheim zu sein. Alles nickte ihm vertraulich zu, und freundlich grüsste er wieder. Das Schiff was noch nicht da.

"Willst du absteigen, oder wollen wir noch ein Eckchen am Flusse weiterreiten?"

"Bitte, lass unsreiten", erwiderte sie.

Er folgte nur zu gern.

Schon bekam er wieder ein Auge für die wunderschöne Welt, die sie umgab.

Da kam ihnen eine ganze Kavalkade entgegen. Es waren seine Freunde, die er unterwegs verlassen hatte, und die bei Bekannten über Nacht geblieben waren, von denen sie nun zum Stadtplatz begleitet wurden. Leute Begrüssen von allen Seiten. Man grüsste auch Marie Luise; aber sie wusste, wie sie dachten, und es verwirrte sie. Dabei war, ohne dass man es bei dem lauten Gespräch und Pferdegetrappel bemerkt hatte, das Dampfschiff nahe gekommen.

Plötzlich ertönte sein lauter Pfiff. Die Pferde scheuten. Das Pferd Marie Luises bäunte sich hoch auf. Es war die langen Monate unberutzt auf der Weide gelaufen und fast verwildert. Ihre kleine Hand, verwirrt wie sie war, verlor der Zügel. Das Pferd sprang zurück; sie stützte und blieb im Steigbügel hängen. In weiten Sätzen raste das Tier dahin. Peter Jürgens schrie in

Todesangst; er fing es ein; man kam herzu. Er sass am Grabenrand und hielt sein Weib auf seinem Schoße.

Bewusstlos lag sie da.

Er rief sie, er küsste sie wieder un wieder.

Da öffnete sie ihre Augen, und indem sie versuchte, mit ihrer Hand seine Wange zu streicheln, flüsterte sie leise: "Peter, unsere Kinder"—ein Blutstrom erstickte ihre Worte.

Sie fiel zurück - es war alles vorbei.

\*

Jahre sind vergangen. Peter Jürgens ist ein grauhaariger Mann geworden. Wenn er jetzt die Schwelle seines Hauses überschreitet, lächelt ihm das fröhliche Gesicht seiner derben kräftigen Hausfrau entgegen. Eine Schar blühender Kinder tummelt sich in Haus und Garten. Er freut sich ihrer, aber dann wendet er sich, und sein Auge sucht ein stilles, blasses Mädchen, seine Marie. Sie sitzt und näht, erhebt sich sofort und sagt: "Lieber Vater!"

Sei nicht zu fleißig, Mariechen."

Und es scheint gerechtfertigt, daßer sie warnt. Sie ist so zart und fein und so blaß. Sie hat die grossen Augen ihrer Mutter und sieht träumerisch in die bunte Welt.

"Warum bist du niemals lustig, Marie?" fragte einst ihre neue Mutter. "Du hast es doch gut."

"O, ja, das habe ich; aber haben sie dir auch einmal deine Mutter tot ins Haus gebracht?"

"Du hast doch jetzt eine neue."

Marie sah sie traurig an, stand auf und verliess das Zimmer.

Seitdem wurde sie nicht mehr gefragt.

Sie lebt in ihrer eigenen Welt mit ihrem Vater und ihrem Bruder. Der Bruder ist ein grosser tüchtiger Mensch geworden und hat eine gute Stelle in de Stadt, wo er sich zum Kaufmann ausbildet.

Zuweilen am Abend, wenn der Mond hell scheint, geht der Vater mit ihr im Garten auf und ab. Sie setzen sich auf die kleine Bank und sehen still in die heimliche Pracht der tropischen Nacht. Dann ist es wohl, daßder Vater leise seufzt, und öfter hört sie von seinen Lippen den sehnsüchtigen Ruf: "Marie Luise, Marie Luise!" -

Wenn ihr aber der Vater eine rechte Freude machen will, erlaubt er, daßsie zur Grossmutter geht. Die wohnt noch, eine alte gebückte Frau, auf der einsamen Kolonie an der Velha.

Dann läßt sie sich von ihrer Mutter erzählen, wieder und immer wieder. Und gegen Abend gehen die beiden langsam zusammen denselben stillen Weg, den ihre Mutter so oft gesprungen. Sie setzen sich auf die blanken Steine am Ufer der Velha. Sie lauschen ihrem Rauschen; und es ist der Mutter, als höre sie darin die Stimme ihres Kindes. Marie Luise, Marie Luise!

O, es ist gut träumen an dem Wasser der ewig jungen Velha!

\*\*\*

## Anexo I

Querida Josephine!

Blumenau, 21 de Janeiro de 1886.

... Dizes que gostarias de dar uma olhada em nossa casa e que sequer consegues imaginar nosso cotidiano. Já sabes que Gustav alugou uma casa, considerada grande para os padrões locais. Não é bem nova, mas ele mandou pintá-la e assim tem um aspecto bem agradável. Está situada rente à rua principal da Colônia, rodeada pelo jardim, pátio e pasto. Na frente da casa, junto à rua, tem uma varanda de madeira e palmito coberta com telhas. Desse modo, podemos utilizá-la em dias de chuva. Nós a adoramos!

A entrada principal se encontra na passagem aberta, que une a cozinha à moradia. Um pequeno corredor leva diretamente à nossa sala de estar; um aposento grande que já foi uma "venda". Mandamos pintar as paredes em vermelho pardo (pompeiano). As portas e janelas têm uma pintura em óleo branco. Papel de parede não é próprio para este país, não dura muito e, além disso, é fino e quando descola é um lugar ideal para baratas e outros insetos.

Nosso piano de cauda está na sala de visita, o sofá estofado com palha de milho, que nós mesmas partimos com garfos fortes, defronte às janelas. Aqui, a crina de cavalo é muito cara. Um estofador local fez o trabalho. O sofá tem o estilo "*Alt Deutsch*" e combina bem com as mesas e banquetas que mandamos fazer em cedro. Uma bonita mesa de costura perto da janela, porta-notas, uma mesinha para flores e uma grande estante de livros formam a mobília. Imagine nossos quadros e o espelho que conheces, e terás a sensação de estar na velha pátria.

O que mais impressiona é a estante de livros, mas dá muito trabalho às crianças, pois precisam tirar o pó e revistá-la diariamente. As baratas, estes animais detestáveis adoram comer as belas capas. Parece que o vermelho e o lilás são suas cores prediletas, pois é ali que deixam o rastro de sua atividade. Os besouros, semelhantes aos escaravelhos, são uma verdadeira praga, são moles e se os esmagares desprendem um cheiro desagradável. Depois de instaladas, não há nada que se possa fazer contra as baratas, como é o nosso caso. Se hoje matas uma, amanhã terás vinte em seu lugar. Elas estão nas vigas e debaixo do assoalho. Só com muito cuidado podemos evitar que entrem nos armários e cômodas e, dizem que comem tecidos, mas em nossa casa ainda não o fizeram. Se forem tomados os devidos cuidados não haverá problemas numa casa nova. Ventilação, luz e limpeza, também aqui no Brasil, são os três fatores que põem os insetos em fuga. Mas, enfim, os temos aqui. Acreditas, que acabamos nos acostumando e já não são tão terríveis como no início?

Mas, deixemos isso de lado, vamos continuar caminhando pela casa. Ao lado da sala de visita tem uma pequena sala de jantar, pintada com tinta a óleo esverdeada. Ali, está nossa mesa de refeições e um *buffet* bem trabalhado, minha escrivadinha, a cômoda (também tua velha conhecida), uma mesa de costura e a pequena escrivadinha de Emilie. Dali, vai-se ao jardim e o acesso à varanda é pela sala de visitas. Atrás destes aposentos está nosso quarto de dormir com meu armário e o quartinho de costura. No outro lado temos um pequeno quarto com duas camas e nossa sala de estudo. Do corredor, uma pequena e apertada escada nos leva ao sótão, onde meus filhos dormem em três quartos.

Em toda a casa não encontramos uma cadeira de vime. Aqui, ainda não há artesãos especializados. Parece que no interior da Colônia alguns italianos entendem do assunto. As cadeiras neste estilo, que se encontram aqui, vieram da Alemanha e são os denominados móveis "Vienenses". Precisamos tomar muito cuidado com os quadros, principalmente com as fotografias, pois desbotam facilmente. Mandamos vedar todos os espelhos. O tapeceiro entendia do assunto e se não o tivéssemos feito, em pouco tempo a camada de mercúrio teria sofrido com o clima quente e úmido.

Em frente à cozinha, seguindo pelo corredor está o quarto dos empregados, que é relativamente grande, lá estão os lavatórios das crianças. Em nossa cozinha temos um fogão em alvenaria e em separado um forno de tijolos, (pois o fogão que Senking trouxe ainda não foi instalado). Mandei embutir um dos meus tachos de cobre, o que é muito prático. Mando enchê-lo com água diariamente. O poço se encontra no pasto do outro lado da rua. É por demais trabalhoso buscar a água no rio Itajaí, apesar de próximo, sua margem é muito alta e íngreme. O que chamaria tua atenção em nossa cozinha seria a ausência da louça de cerâmica. Vasilhames estanhados da Alemanha substituem a indispensável cerâmica. Existe apenas um ceramista em Rio do Teste. Ele busca a argila nas terras de Gustav, na "Velha". Meu marido consentiu sob a condição de nos fornecer alguns potes e vasilhas. Assim eu tenho o suficiente para os pepinos em salmoura e para preparar nosso apreciado pudim de arroz. Todas as outras conservas - como casca de laranja amarga - algo delicioso, guardo em latas de folha de Flandres.

Estas latas são muito importantes. Servem para importar petróleo e exportar manteiga, banha e carne de porco e outras coisas mais. Existe uma bem aparelhada funilaria na cidade.

Agora já estou novamente no Stadtplatz e tu deverias estar em nossa casa. Lá, já viste praticamente tudo, mas vamos dar mais uma olhada no sótão, nas águas-furtadas, que transformei em dispensa. Aí, guardo os cobertores que temos de sobra, cuidadosamente envoltos em lençóis. Se forem arejados com frequência eles se mantêm muito bem.

Um pouco mais afastado da casa há uma construção menor, onde preparamos o escritório para meu marido, mais um quarto com entrada separada para os empregados e mensalistas. No escritório, está sua velha escrivadinha, armários, algumas cadeiras, uma mesa e nada mais.

Imagine junto a estas construções mais um galpão meio aberto - nossa assim chamada lavanderia, onde também passamos a roupa - debaixo do telhado guardamos milho e feijão preto e, assim, tens uma idéia do nosso lar. Como vivemos? Para os padrões locais somos muito esforçados. Só quero dizer o seguinte sobre Gustav: ele se

excedeu demais no trabalho e ficou acamado. Chamei o médico para vê-lo, mas este só recomendou repouso.

Nós mulheres, estamos completamente ocupadas com as atividades domésticas e a costura. Durante a manhã Emilie leciona para as crianças em idade escolar e, há algum tempo três outras moças participam destas aulas. Assim temos, aqui, uma pequena e divertida escolinha. Minhas filhas mais velhas estão aprendendo a cozinhar e, como lavamos a roupa semanalmente, e não é pouca que usamos, portanto, todas as manhãs estão ocupadas. No entanto, ainda encontro tempo para costurar. Isto, eu realmente preciso e lamento não ter aprendido antes. Incentivo-me dizendo: o que outros sabem, também posso aprender e corajosamente corto o pano. Aqui, temos costureiras que certamente são competentes, mas elas vêm para trabalhar durante alguns dias e costumam morar nas casas. Mas, não tenho condições de acomodar ninguém. Assim eu mesmo costuro e ajudo a economizar um pouco. Preciso reformar os vestidos que as crianças usam em casa, costurar alguns novos, fazer chambres e, acho que gostam do meu trabalho. À tarde, descansamos até a hora do café. Depois as mais velhas estudam línguas estrangeiras ou literatura com Emilie, as menores fazem as lições de casa ou tocam piano, às vezes passeiam a cavalo ou visitam alguém e, assim chega a noite. Podes imaginar que uma mãe de seis crianças nunca descansa. De vez em quando Gustav e eu temos tempo para sair a cavalo. Às vezes, à tardinha, eu o busco na Velha. Estas são para mim as melhores horas quando cavalgamos juntos pela mata e, à medida que a deixamos para trás ela se ilumina sempre mais. Cada vez que vou até lá, tudo parece diferente. Isto é muito bonito! À noite, após a ceia, nos reunimos e então cantamos, conversamos ou um de nós lê em voz alta...

## 2ª carta

Em 12 de março de 1886.

O Sr. Kr. acaba de chegar comunicando que o "Progresso" (o pequeno barco a vapor) parte amanhã bem cedo e que em Itajaí está ancorado um navio que levará nossas cartas que assim chegarão rapidamente. Por isso ainda quero escrever dando notícias, se bem que estou muito cansada. Durante todo o dia estivemos na lida com a roupa. É bem verdade que aqui não consigo trabalhar tanto quanto lá, pois logo fico exausta e sem ânimo. E hoje não é um dia tão quente, mas o tempo está estranho, úmido e chuvoso. Para as plantações do meu marido isto é bom, porém, para mim com certeza não. Como vou secar minha roupa, se ela encarde rapidamente no varal? Se o tempo não mudar vou colocá-la na água. Disseram-me que por um ou dois dias é a melhor solução. Deverias ver como aqui se lava. As mulheres ficam de cócoras no rio lavando, enxaguando, quarando, e quando tudo isto está feito elas a estendem num varal de cipó, estas cordas pendem das árvores da mata. A meu pedido, Hermann, nosso mensalista, trouxe alguns rolos, pois este cipó substitui barbante e cordas. Já que tudo te interessa e queres saber a respeito de tudo, volto a falar sobre a roupa. Acho que em

nenhum lugar do mundo vais encontrar uma roupa mais alva e tratada com tanto esmero. Apesar da brasileira não trabalhar muito, preocupa-se com a roupa bem lavada, pois a brancura é seu orgulho e um buraco na mesma não faz diferença. Esta virtude de se ter a roupa branca foi assimilada pelas alemãs. Todos lavam sua roupa semanalmente no rio (roupa suja embolora logo). Quase todas as colônias ficam à beira do rio ou de seus afluentes, e naquelas onde não é o caso, existe água corrente. Os moradores preparam um pequeno pasto para quicar, e podes imaginar do que o sol daqui é capaz. Mas ele também desbota a roupa de cor e por isso o mais acertado é vestir as crianças com roupas brancas. O anil usado nas mesmas vem da Alemanha, e para engomá-la, usamos amido de araruta e de aipim. Mas para as roupas mais finas, conseguimos no armazém o habitual amido de arroz (importado da Alemanha).

Eu me admiro de tudo que conseguimos comprar aqui e freqüentemente pergunto-me, afinal o que não temos? Bem, não dá para comparar com uma grande cidade alemã, mas lá em J.(sic) podes procurar em vão o que aqui está à disposição. É claro que para os padrões alemães é muito caro, pois toda mercadoria vem de navio e passa pela alfândega. A primeira não onera tanto, pois o frete é barato, mas os impostos!!

Lá vem minha pequenina e vejo que ela está descalça. Seu maior prazer é tirar as meias e os sapatos para andar livremente. Todas as suas amiguinhas o fazem e Eva as imita. "Mas minha filha, tu és uma menina alemã!" Ela sacode a cabeça e lá se vai, e nós precisamos alcançá-la. Isto aqui é um verdadeiro paraíso para crianças, pois sempre podem estar ao ar livre e brincando com flores. Hoje Eva fez sua cama de brinquedo, como ela afirma, de flores caídas de azaléas vermelhas. Podes imaginá-la aí deitada com seu cabelo escuro e de vestidinho branco jogando as flores para o alto e gritando de alegria. As crianças aqui desenvolvem-se muito bem. Não há necessidade de cuidados especiais, desde que elas possam caminhar. Escuto dizeres "e as cobras"? Isto não é tão grave o quanto pensam por lá. Com certeza precisamos tomar cuidado. Desde que estou aqui só vi uma única. É uma alegria ver como nossa Eva se desenvolve. Aqui não existem doenças infantis como na Alemanha. No "Stadtplatz" às vezes as pessoas se queixam de tosse nas crianças, mas no mais não sou sabedora de outras doenças. O mesmo se dá com os adultos. Apenas o reumatismo dá o que falar. Não existe febre e nenhuma doença contagiosa. É natural que alcoólatras tenham edema. Aqui o alcoolismo é uma lástima. Jamais em minha vida vi tantas pessoas embriagadas, a não ser em São Petersburgo.

Aqui é costume as famílias terem 10-12 filhos. Eles não precisam de sapatos e nem de meias, basta uma blusinha e uma saia. Ninguém precisa se preocupar com o pão de cada dia. Quem põe à mesa aqui é "Nosso Senhor". Ah, se os pobres de lá, que não sabem como saciar a fome de seus filhos, vissem isto! A banana cresce sem qualquer cuidado, e sabes como é deliciosa. Os brasileiros a assam na casca e a dão aos recém-nascidos. Nós a apreciamos crua, assada, cozida, como doce (musse) e também como cobertura de bolos. Nossos pés de laranja e tangerina se vergam sob o peso das frutas. Ainda não estão maduras, mas as as laranjas também, se bem que estas são mais procuradas, pois as crianças acham deliciosas. Therese diz que ainda estão um pouco azedas. Pêssegos têm em abundância, servem de alimento para os porcos e muitos fabricam vinho. Apreciamos este vinho misturado com água, pois mata a sede! Uso-o com preferência

na sopa de arroz e de pão, em bananas refogadas e com outras frutas, também pode-se preparar um bom creme.

Hoje pela manhã tivemos uma grande alegria. Nossa perua, considerada perdida, voltou inesperadamente com 16 filhotes. Ela os chocou num canto escondido. Além disso, nosso empregado também trouxe uma choca com outros tantos filhotes, imitando a perua. O rapaz afirma que estes serão melhores do que aqueles que se coloca para chocar. Assim as aves procriam por aqui.

Deverias ter visto como nossa filhinha se alegrou. Ela está sentada no chão com os pintinhos ao seu redor, distribuindo comida e querendo pegá-los. É uma verdadeira alegria!

Oh, querida Josepha, como seria bom se não fosse a saudade. Mas você bem sabe que é difícil replantar árvores velhas, pois as raízes cortadas jamais param de sangrar. Tenho marido e filhos em minha volta e deveria estar satisfeita. Com certeza também estaria se meu marido não precisasse enfrentar tantas preocupações.

Certamente iria julgar e enfrentar muitas coisas de outra maneira, se as intenções e planos do meu marido tivessem se concretizado, e teria esperança em voltar para casa e ser feliz com vocês.

Como é rico e abençoado este país e que tem um clima maravilhoso. Isto nem consigo descrever. Tivemos dias quentes e para nós novatos foi bastante desagradável, mas só foram alguns dias. Faz semanas que o tempo está maravilhoso, apenas ao meio-dia ficamos em casa para nos abrigarmos do sol. Gustav mandou construir uma ampla varanda defronte às janelas que davam para o sol, e assim nossos quartos são frescos. Após o almoço é lá que as crianças tiram a "*siesta*", sentadas em cadeiras dobráveis, lendo ou dormindo. Meu marido se recolhe em seu escritório e faz o mesmo, e eu deito em minha cama. Reunimo-nos debaixo da laranjeira onde é servido o café. Então meu marido vai a cavalo para seu trabalho, na Velha, e as crianças têm aula ou fazem trabalhos manuais. Muitas vezes também saem para montar e esta é sua maior diversão. No momento temos oito cavalos. Gustav comprou um ótimo marchador branco e montada nele sinto-me como se estivesse sendo embalada. Com certeza acharias graça vendo esta velha montada nele, mas pode-se fazê-lo sem medo. Aqui é preciso saber andar a cavalo se não quiseres ficar presa em casa. É considerada uma prática normal, pois as distâncias são muito grandes. No "Stadtplatz" há carroças e charretes as quais pode-se alugar por um preço acessível, assim como na Alemanha. Muitas famílias possuem charretes e algumas são muito bonitas e não ficam devendo para as de lá. Também existe uma carruagem fechada. Nós até o momento só conseguimos adquirir uma carroça e esta está sendo muito usada na Velha...

---

### 3ª Carta

Blumenau, 29 de maio de 1886.

Esta tarde estive por uma hora na casa da Sra. R., nossa vizinha. Ela é uma das mais velhas colonas da região. Sempre que a encontro ela fala como era a Colônia há trinta anos atrás quando aqui chegaram. "Ah, agora isto aqui é um paraíso, mas antigamente não havia caminho nem trilha, era só mata e mais mata. No começo morávamos no galpão dos imigrantes e nós mesmos construímos nossa cabana de palmito. É difícil imaginar as privações pelas quais passamos nos primeiros anos da colonização. Faltava tudo, às vezes até os alimentos de primeira necessidade. Não havia leite e acho que só tinha uma vaca na colônia. E farinha? Meu marido andava um dia pela mata para ir e voltar do moleiro com um saco de milho nas costas. O rio era praticamente a única via de comunicação, e a canoa, o meio de transporte. Tudo que necessitávamos vinha por canoa de Itajaí. Se as pessoas que vêm agora e se queixam soubessem disso!"

Assim falava a velha Sra. e eu me envergonhava, pois também eu pertencia àqueles que se queixavam e reclamavam. Como podemos nos esquecer tão facilmente que estamos numa terra virgem. Trouxemos conosco nossos hábitos, mas não lembramos que estes são frutos de uma cultura secular e por isso fazem parte do nosso cotidiano. E eu que havia me aborrecido com as ruas sujas devido às chuvas. E fazem apenas vinte anos que ficamos atolados no caminho de Semmenstedt para Timmern. Quando nos lembramos disto, nos admiramos com tudo que aqui se realizou. Agora consigo entender e interpretar tudo de modo diferente como p.ex. o livro de Gustaf Freytag "Deutsche Vergangenheit" (O passado Alemão). Minha compreensão se tornou maior em relação ao que antes achava natural. Uma aura envolve os monges, estes pioneiros que levaram a cultura e a civilização às florestas da Alemanha. Por quantas privações estes heróis tiveram que passar. Lá não havia só florestas, mas também o inverno gelado, animais ferozes e pagãos a enfrentar. E que armas rudimentares possuíam e não lhes tributamos a devida gratidão!

Eu consegui fermento da boa velhinha, pois seu filho tem uma bem montada cervejaria e os negócios estão florescendo. Eles tem uma bonita e confortável moradia. A construção da cervejaria é em alvenaria e fica situada num grande pasto. Defronte a casa as palmeiras balançam suas majestosas copas ao sabor do vento. Mas para mim o mais impressionante é o bambuzal que se ergue solitário no pasto. É uma visão maravilhosa!

Isto aqui poderia vir a ser um verdadeiro paraíso se pessoas abastadas mandassem vir competentes jardineiros da Alemanha, apenas pelo prazer de terem um bonito jardim. Pois aqui a vegetação da zona temperada dá tão bem quanto na exuberante tropical. Temos todas as espécies de flores da Alemanha, como os lírios de

jardim, rosas, resedás, heliótropos e violetas que enfeitam e perfumam os jardins como lá. As sebes de roseira florescem o ano todo. As rosas trepadeiras, como a delicada rosa-chá amarela, sobem por sobre as casas ou pendem das palmeiras como no nosso jardim. E os lírios: nunca imaginei que tivesse tantas variedades! Quando começo a falar das flores não encontro palavras para descrever tal esplendor. Há algum tempo atrás várias pessoas gentilmente nos presentearam com a "rainha da noite". Ganhamos seis ao todo e as colocamos em nossa sala. Nem imaginas o quanto as pessoas são amáveis conosco. Às vezes até me sinto encabalada, pois enviam-nos tudo o que acham que pode nos alegrar. Existem magníficos cactos, assim como se vê em fotos da África. Aqui eles são espécies silvestres, mas também encontramos importados. E as murtas, estas florescem e dão frutos parecidos com as nossas cerejas e framboesas. A de arbusto pequeno, que cresce em todo lugar, produz baguinhos vermelhos parecidos com nossa airela vermelha. Imagine como isto é encantador! E temos a vegetação tropical, da qual eu nem sei o nome. Lá vocês acham que as flores tropicais apenas têm um colorido exuberante, mas não têm aroma. No entanto te digo que o perfume às vezes é por demais e as árvores estão cheias de flores perfumadas. E as trepadeiras! Sabes que as flores do pé de café têm um aroma delicado?

Falando em café! Retorno à cozinha e é para lá que quero levar-te, para que vejas nosso forno. Agora posso até assar pão de milho. Mas até que eu aprendi a fazê-lo, derramei algumas lágrimas e foi necessário muito empenho. Agora me orgulho de minha habilidade e já posso me impor como professora diante das minhas filhas. Este pão é feito com levedura e nós acrescentamos farinha de trigo para tornar a massa mais leve. Muitos colonos adicionam cará, um tubérculo semelhante à batata inglesa. Às vezes adiciono cominho, pois melhora o paladar. Para Gustav preparo pão de trigo, pois o de milho não lhe faz bem. E sabes como ele gosta de doçura. Sou uma dona de casa bem esbanjadora pois aqui os ovos e o açúcar são baratos. Pelo "**Davidis**" 1[1] preparo coisas maravilhosas. Os "Baisers" (suspiros) ficam excelentes. Para cobertura de doce uso laranja, pêssego e banana. Estou tão orgulhosa com tudo que aprendi! Ter um forno nos fundos da casa é tão necessário quanto um na cozinha. Nada se conserva por muito tempo, nem o pão de milho, porque o bolor aparece em tudo. Podemos adquirir o pão do leiteiro que passa diariamente. Ele o distribui de várias padarias. Todas as manhãs um padeiro passa diante de nossa casa, levando sua mercadoria para Badenfurt. Mas atualmente somos treze pessoas, incluindo os empregados, e por isso este pão se torna muito caro, e também não é tão gostoso quanto aquele que assamos. Queres saber o que costumamos comer? Hoje tivemos sopa de carne, couve-flor com carne e creme de vinho com biscoitos. Amanhã teremos vagens. Estou bem provida de verduras, como várias qualidades de repolho, pepinos, cenouras, nabos e beterrabas. Tendo-se um pouco de cuidado todos os legumes de origem alemã ficam vistosos e produzem bem. Apenas nos meses de verão se tornam escassos. Nossas sebes de limoeiros estão maravilhosas e diariamente preparamos limonada. Podes ver que quanto à alimentação nada nos falta.

---

1[1]N.T. - Livro alemão de arte culinária, editado na 2<sup>a</sup>. metade do séc. XIX.

Blumenau, 8 de julho de 1886.

...Certamente tens razão em te queixares da solidão, pois teus dias são muito solitários! Que diremos nós, que precisamos contentar-nos apenas conosco mesmos. Sabes, que a impossibilidade de viajar realmente nos incomoda. Podemos fazê-lo, mas isto envolve sacrifício e muita despesa. Tu podes viajar quando quiseres, pois o trem passa de hora em hora em frente à tua casa. As crianças se lamentam e dizem: "nós aqui estamos presas numa ratoeira". Tudo é tão acanhado e temeroso, mas aqueles que moram à beira mar se encontram numa situação bem melhor. Quando estávamos em Itajaí, víamos os navios chegarem e partirem e nos sentíamos mais perto da Alemanha. O "Progresso" vem duas vezes por semana, e te digo que ainda estremeço quando escuto seu apito, porque me faz lembrar que é nosso elo com a pátria. Fico pensando o que será que nos aflige - é um sentimento vago - mas, é a falta da vida cultural. Lá, inconscientemente respirávamos cultura, enquanto aqui o materialismo nos cerca. Na Alemanha se vive do passado para o futuro. Aqui se vive somente para o presente, porque o país ainda não tem passado e ninguém precisa se preocupar com o futuro. Costumes, direitos, origem, velhas tradições, são atributos que fazem parte da vida dos alemães. Lá, até as pedras contam histórias, as velhas árvores sussurram lendas já quase esquecidas, a poesia envolve nosso inconsciente... e aqui? O lucro com certeza é útil, mas, se o fator preponderante de toda atividade apenas visar este aspecto e a única preocupação for o lucro, isto nos entristece. Em relação a isso poderia se empregar as palavras do "Salvador" , "nem só de pão vive o homem". Afinal, o belo, sob o qual entendo tudo aquilo que eleva nossos sentidos e que alimenta o espírito, não é necessário para o desenvolvimento do ser humano? Eu não sei se pude me fazer entender. Isto não significa que aqui não tenha boas pessoas!

Não estou alheia para com a triste situação de lá, onde a luta pela sobrevivência, às vezes, se desenrola de maneira assustadora aos nossos olhos. Aqui se observa a luta da natureza e, isto se percebe ao entrar na mata. Mas, sabes que até isto me deixa deprimida. Na Alemanha, o espírito do homem imprimiu seu cunho à natureza. Nenhum palmo de terra, nenhuma árvore da floresta, pode negar que a ordem de Deus, que foi dada ao homem no paraíso para subjugar a terra, foi plenamente realizada. Aqui ainda impera a natureza indômita. Imagino mesmo, que seja atraente para um homem poder cumprir esta tarefa. Conforme te escrevi, quando aqui chegamos tudo o que se via era mata. Agora, que meus olhos se acostumaram a esta exuberância, a lembrança dos campos demarcados, das árvores plantadas em fileiras, já não estão mais tão vivas e, consigo ver e respeitar o trabalho do homem daqui. Mas, isto é como um oásis no deserto. Estivemos no topo do morro do Aipim e avistamos os morros, o rio e o vale. Até aonde a vista alcançava era mata virgem. Havia fumaça aqui e acolá, as chamas ardiam contra o céu, eram roças novas que estavam sendo preparadas. Rejubilamo-nos com a fogueira, e tínhamos apenas um desejo, que haja outras tantas, para que esta rica e abençoada terra possa ser desbravada e, surgirem agradáveis vilas para abrigar pessoas felizes e despreocupadas, onde, por ora, os macacos tranqüilamente habitam.....

6 de outubro de 1886.

...Os meus ainda estão sentados na escadaria branca da igreja católica. Hoje tivemos um dia maravilhoso e ainda continua sendo, tanto que gostaria de poder descrevê-lo, no entanto, sinto-me incapaz de fazê-lo, pois não encontro as palavras adequadas. Se um pintor talentoso tivesse estado hoje aqui e visto o que eu vi, com certeza procuraria em vão as cores em sua palheta, pois não conseguiria colocar em sua tela toda beleza da natureza, suas cores, seu brilho e sua luz.

Nós havíamos sido convidados esta tarde para a casa do Pastor. A igreja evangélica, como a católica, está situada num morro e de lá se avistam os morros, o vale, o rio e o *Stadtplatz*. Fomos muito bem recebidos e o Pastor de Badenfurt e sua esposa também estavam presentes. A mesa foi servida à sombra das palmeiras defronte à igreja. Então nos sentamos e as crianças brincavam enquanto tomávamos café ou chocolate e comíamos bolo e conversávamos. Eu me afastei e fui ao cemitério, que se encontra numa elevação um pouco acima. Jamais esquecerei este momento. Ali, eu estava sozinha, sentada debaixo de uma palmeira, entre as sepulturas dos antigos colonos, oriundos de todas as regiões da Alemanha. As copas das palmeiras balouçavam e os lírios..., ah! o perfume dos altos lírios brancos me envolvia, e uma leve brisa trazia os sons do harmônio ao meu ouvido. Minhas filhas tocavam o hino "Oh! Minh'Alma Espera". As lágrimas escorriam pela minha face e eu não sei se era de saudades... Então dois outros cemitérios vieram à minha mente, o de *Helgoland*, num lugar ermo, sobre as dunas em meio ao mar tempestuoso. E *Hahnenklee*, uma vila isolada no *Harz*, onde o cemitério fica num lugar silencioso e remoto no meio da floresta e dos campos.

E é o mesmo sol que ilumina todos, e o "Senhor" há de ressuscitar os que lá dormem. Ainda permanecemos juntos durante muito tempo. Era a hora do crepúsculo, o sol se punha atrás das colinas de maneira esplendorosa e indescritível. A lua resplandecia em sua luz branca, os vaga-lumes voavam em nossa volta, as estrelas brilhavam no firmamento em cores magníficas, as folhas das palmeiras sussurravam e, ao longe o rio murmurava..., eu nem consigo descrever tudo isto.

Quando chegamos em casa soava o hino da noite, "Ora pro nobis", vindo da igreja católica e ao som desta melodia nossa pequenina adormeceu. Agora, minhas filhas e meu marido estão sentados na escadaria da igreja também cantando "Ora pro nobis". Eles estão cantando todas as antigas canções alemãs... eles cantam para aliviarem a saudade de seus corações....

## Anexo VI

7 de maio de 1886.2[2]

Hoje tenho um domingo tranqüilo. Meu marido e as crianças, menos Eva, já saíram às cinco horas da manhã para assistirem ao culto na igreja de Pomerode e lá devem chegar às dez horas. Gustav foi de charrete levando as duas mais novas. As mais velhas foram a cavalo e veja como estão cavalgando bem e o quanto isto lhes dá prazer, pois para ir e voltar leva-se dez horas. Elas já estiveram lá e, na ocasião, comentaram que a região de Pomerode era diferente daqui. Lá é tudo mais plano e se vê plantações de milho, cana de açúcar, aipim, batatinha, etc. A igreja e a escola ficam num morro e de lá se tem uma bela vista sobre a região, coisa que nós aqui não temos. Elas voltaram entusiasmadas, dizendo que foi emocionante ver centenas de pessoas, alemães e seus descendentes, irem à igreja. As pomeranas idosas em seus trajes típicos, as jovens em vestidos de cor clara e branca usando lenços coloridos na cabeça. É a Alemanha no Brasil. Que seja hoje um dia tão feliz quanto aquele.

Estou me sentindo muito só. Eva foi com as duas empregadas fazer uma visita à Sra. F. e assim estou sozinha, aproveito para conversar contigo. Vou falar do piquenique que fizemos esta semana na Velha e que foi ótimo. A sugestão partiu do Gustav e o tempo estava muito bom. Eu comentei isto com a Sra. Sch. e ela achou uma boa idéia. Convidamos mais de trinta pessoas. Quando Eva, eu e as empregadas chegamos lá levando a louça necessária, já havia uma fogueira à sombra da figueira, sobre a qual pendia, num galho de bambu, uma chaleira com água fervente. Minhas filhas haviam organizado tudo muito bem sob a orientação da Sra. Sch. e de sua família. Meu marido mandou fazer os bancos e mesas de palmito. O lugar escolhido encontra-se à beira da estrada nova que está sendo construída mata adentro. É um local amplo, limpo da vegetação rasteira, e as copas das árvores formam uma abóbada. A bandeira alemã pendia num palmito formando o portal de entrada deste abrigo verde.

Meu primeiro pensamento foi: ah! se meu pai e Josephine pudessem ver isto! Realmente estava maravilhoso. As charretes, os cavalos, as mulheres em seus vestidos claros, tudo isto neste ambiente iluminado pela fogueira proporcionava uma visão singular e que jamais esquecerei. Nós nos divertimos muito. Enquanto fazíamos um passeio de reconhecimento pela mata, as crianças cantavam. Com a ajuda de alguns cavalheiros conseguimos atravessar o ribeirão da Velha pelos troncos de árvores. Gustav mostrou as marcas de anta na mata cerrada. Caminhamos um longo trecho na estrada nova que era margeada pela mata. O que mais me encantou foi a exuberância das samambaias de todos os tipos e espécies. O solo estava coberto pela samambaia musgo, desta que na Alemanha se encontra em estufas. No mais havia um emaranhado de uma vegetação impenetrável. Do alto das árvores as bromélias vermelhas pendem feito erva daninha, e havia orquídeas das mais variadas espécies. As mais belas plantas ornamentais estavam aos nossos pés, e inúmeras espécies de trepadeiras se enroscavam. Havia borboletas azuis, amarelas e coloridas e vez por outra se escutavam os papagaios. O único som que se ouvia era o murmúrio das águas escorrendo pelas pedras do ribeirão da Velha. Fora isto havia um grande silêncio. Dos macacos nem sinal, os trabalhadores os afugentaram. Até hoje ainda não vi nenhum, se bem que escutamos seus gritos diariamente. Avistamos apenas um camaleão que balouçava alegremente nos galhos. Como Eva estava feliz, andei corajosamente por

tudo com ela. A toda hora perguntava se esta era a floresta alemã. Tínhamos levado ovos coloridos e os escondemos para que as crianças brincassem de "esconde-esconde".

Os cocheiros nos advertiram para que voltássemos enquanto ainda era dia, pois aqui o crepúsculo é curto e assim que o sol se põe já é noite. Era a primeira vez que eles faziam este trajeto e por isso estavam preocupados, pois não conheciam bem as curvas e pontes. Voltamos numa grande cavalgada com as charretes na frente seguidos pelos cavaleiros. Viemos devagar e passamos por nossas plantações de café, cana de açúcar, milho e rami. E que Deus as abençoe! Então aceleramos o passo e numa curva se via toda marcha, uns abanavam para os outros e Eva batia palmas. Ao pôr do sol chegamos na estrada principal. Na mata já havíamos visto vaga-lumes, mas aqui eram milhares deles parecendo pedras preciosas iluminando tudo. Perto de um banhado a visão era encantadora, mas não se pode compará-los aos nossos pirilampus. Os vaga-lumes tem uma luz tão forte que se colocarmos apenas um debaixo de um copo conseguimos ler. As crianças os colocaram dentro das flores de magnólia. Deverias ter visto, mais pareciam lan ternas. Eles têm mais ou- menos o tamanho do besouro, são alongados, marrons e iluminam com a cabeça e com a parte debaixo das asas...

---